

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**UM ESTUDO TEÓRICO-CLÍNICO SOBRE O ATO  
CERIMONIAL EM UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA**

**HENRIQUE GUILHERME SCATOLIN**

**SÃO PAULO**

**2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**UM ESTUDO TEÓRICO-CLÍNICO SOBRE O ATO  
CERIMONIAL EM UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA**

**HENRIQUE GUILHERME SCATOLIN**

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica (Núcleo de Psicanálise), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lucia Vieira Violante.*

**SÃO PAULO**

**2007**

## Folha de Aprovação da Banca Examinadora

**Banca Examinadora:**

---

---

---

**Data de aprovação:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, Maria Lucia Vieira Violante. Muito obrigado pelas inúmeras correções desta pesquisa. Sentirei saudades de suas colocações e prometo que sempre irei ler inúmeras vezes antes de escrever. As suas considerações germinaram o meu gosto pela pesquisa em psicanálise.

As professoras Ivone e Vera. Muito obrigado pela leitura atenciosa e de seus apontamentos durante a minha qualificação. Acatei suas correções e prometo que não usarei mais cacoetes.

À CAPES pela bolsa pesquisa.

Agradeço a toda minha família (pai, mãe, irmãos e Nice) que aturaram as minhas angústias e as minhas crises de pesquisador.

Minha mãe: a você eu devo o meu gosto pelo estudo.

Minha avó Lúcia e meu avô Euclides (in memória): vocês sempre cultivaram a humildade em minha pessoa. Vocês sempre estarão em minhas parcas e boas lembranças da minha infância. Muito obrigado por tudo !!!

Minha avó Olívia, meu avô Antônio (in memória), tios (Aparecida, José e outros) e primos: vocês estarão eternamente em minhas memórias. Obrigado pelos momentos mais cômicos da minha vida.

Minha tia Maria Alves: obrigado pela primeira máquina de escrever.

As minhas colegas de mestrado: Thalita Lacerda Nobre, Isadora Brunner, Paula Perón, Cláudia, Cristiane (Cris) Valli, Silvia Barile Alessandri, Ana Cristina Marzola, Belizia, Denise (do Pará), Mariá Giuliese, Joyce Migliavasca e Lúcia. Nunca irei me esquecer das aulas de sexta-feira e sentirei muitas, muitas saudades mesmo. E Gabi, Thalita, Cris, Cláudia e “Choice”: sentirei saudades das nossas risadas durante o café na cantina.

Darcy: eu sei que hoje você não está mais entre nós, mas o seu eterno sorriso continuará em minha memória. Aí em cima você está bem, iluminando o céu com este seu espírito jovem. A terra ficou mais triste e o céu mais alegre. Saudades.

Aos amigos Carlos e Daniel de Sampa: sentirei saudades dos cafés filosóficos.

Aos meus colegas do grupo de estudo: Silvia, Daniel e Solange. Saudades...

Da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), agradeço especialmente a duas professoras do curso de Psicologia que “plantaram” o gosto pela psicanálise em minha pessoa. Se existir uma palavra para defini-las, essa palavra é gratidão. Saudades de você Dodô (Maria Dolores Alvarez), e de você, Isabel, minha supervisora de estágio. Vocês duas me incentivaram o gosto pela psicanálise.

As minhas eternas colegas e irmãs de graduação: Rebeca Vitti, Aline Sarmento, Luciana Mendonça, Fabiana Espigolon, Fabiana Tempesta (vulgo Avanir), Katinha e outras. Apesar de passado quatro anos, ainda busco em minha memória a presença inesquecível de suas pessoas. Saudades...

Aos colegas de Piracicaba: Sergio (cantor), Luciano, Érica Berto, Gustavo, Robson (porteiro) e outros. Obrigado por existirem...

À cidade de São Paulo: cheguei com medo e ali eu cresci. Obrigado paulistanos pelo acolhimento, pela música e pela cultura que tanto nos faltam no interior.

Falando em música, o obrigado ao músico Marcelo Vidal e Aline pelo acolhimento no início do meu mestrado.

Ao pessoal do Posto de Saúde: Alessandra (Lê), Marcos, Felipe, Dona Dina, Adriana, Ribamar, Cláudia, Andreza , Sueli, Arlete, Rizzardo e outros. Muito obrigado pela humildade de vocês!!!

A todos os meus pacientes obsessivos: vocês são uma pérola rara para a psicanálise.

Para a minha afilhada Luana: quero buscar em seus lindos olhos o gosto pelo estudo, minha pequena.

Por último, todas as pessoas que um dia me satirizaram e que, além de tudo, criticaram o meu gosto pelo estudo, pela cultura e pela música. Dedico a estas pessoas esta pesquisa com muito amor e gratidão. A gratidão faz qualquer pessoa crescer, enquanto que a inveja a destrói e a paralisa.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apresentar a elaboração de um estudo teórico-clínico sobre o que o ato cerimonial de ocultar facas representa na constituição psíquica de um paciente obsessivo.

Este estudo se fundamenta na teoria psicanalítica desenvolvida por Sigmund Freud e nas contribuições metapsicológicas de Piera Aulagnier.

O material clínico utilizado é fruto de um recorte de doze meses sobre o processo psicoterapêutico realizado com um paciente obsessivo, em um Posto de Saúde Pública.

O interesse para a construção desta pesquisa surge do contato com vários pacientes que foram diagnosticados como obsessivos. Deste contato, o ato cerimonial é uma queixa constante em alguns destes pacientes. Desta maneira, escolhi um que apresenta material abundante e enriquecedor para o desenvolvimento da problemática desta dissertação.

Para o estudo do ato cerimonial de ocultar facas retomei a metapsicologia freudiana, à luz da qual aponto como, provavelmente, ocorreu a constituição psíquica deste sujeito. Posteriormente, retomo a psicopatologia elaborada por Freud a respeito desta neurose para tecer o estudo sobre o ato cerimonial de ocultar facas.

Assim, considerando a metapsicologia e a psicopatologia legadas por Freud e as contribuições de Piera Aulagnier, esta pesquisa propõe elaborar um estudo sobre o ato cerimonial com base no material clínico extraído de um caso singular de obsessão masculina.

Palavras chave: constituição psíquica, neurose obsessiva, ato cerimonial.



## **ABSTRACT**

This dissertation has as objective to present the elaboration of a theoretical-clinical study concerning the representation of the ceremonial act of concealing knives in the psychic constitution of an obsessive patient.

This study is based on the psychoanalytical theory developed by Sigmund Freud and on metapsychological contributions of Piera Aulagnier.

The utilized clinical material is founded on the result of a psychotherapeutical process carried out with an obsessive patient in a Public Health Center during a period of twelve months.

The interest for making this research comes from the contact with several patients diagnosed as obsessive. The ceremonial act is a general complaint made by some of these patients. In this way I chose one of them which presents an abundant material, proper for the development of this dissertation's problem.

For the study of the ceremonial act of concealing knives I recover the Freudian metapsychology, according to which I point out how the psychic constitution of this subject probably occurred. Afterwards I recover the psychopathology elaborated by Freud about this neurosis to create the study concerning the ceremonial act of concealing knives.

Thus, considering both metapsychology and the psychopathology demised by Freud and also with Piera Aulagnier's contributions, the purpose of this reseach is to prepare a study in relation to the ceremonial act based on the clinical material extracted from a singular case of masculine obsession.

Keywords: psychic constitution, obsessive neurosis, ceremonial act.

## RÉSUMÉ

Cette dissertation a comme objectif de présenter l'élaboration d'une étude théorico – clinique sur ce que l'acte cérémonial de cacher des couteaux représente dans la constitution psychique d'un patient obsessionnel.

Cette étude se base dans la théorie psychanalytique développée par Sigmund Freud et dans les contributions métapsychologiques de Piera Aulagnier.

Le matériel clinique utilisé est fruit d'un découpage de douze mois sur le processus psychothérapeutique réalisé avec un patient obsessionnel, dans un Poste de Santé Publique.

L'intérêt pour la construction de cette recherche apparaît du contact avec plusieurs patients qui ont été diagnostiqués comme des obsessionnels. De ce contact, l'acte cérémonial est une plainte constante dans certains de ces patients. De cette façon, j'ai choisi un cas qui présente matériel abondant et enrichissant pour le développement de la problématique de cette dissertation.

Pour l'étude de l'acte cérémonial de cacher des couteaux j'ai repris la métapsychologie freudienne, à la lumière de laquelle j'indique comme, probablement, s'est produite la constitution psychique de ce sujet. Ultérieurement, je reprends la psychopathologie élaborée par Freud à l'égard de cette névrose pour tisser l'étude sur l'acte cérémonial de cacher des couteaux.

Ainsi, considérant la métapsychologie et la psychopathologie léguées par Freud et les contributions de Piera Aulagnier, cette recherche propose d'élaborer une étude sur l'acte cérémonial sur base du matériel clinique extrait d'un cas singulier d'obsession masculine.

Mots-clé: constitution psychique, névrose obsessionnelle, acte cérémonial.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1: Metapsicologia freudiana.</b>	
A constituição do sujeito psíquico masculino na teoria freudiana.....	5
<b>Capítulo 2: Psicopatologia.</b>	
2.1- A formação do sintoma obsessivo: da falha do recalque ao ato cerimonial.....	34
2.2- Outros sintomas obsessivos correlacionados ao ato cerimonial: a dúvida, o sentimento de culpa e o pensamento obsessivo.....	51
<b>Capítulo 3: Apresentação do caso clínico.</b>	
Apresentação do caso “O Homem das Facas”: um estudo teórico-clínico da constituição psíquica ao ato cerimonial.....	59
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>94</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>99</b>

## Introdução

Dentro do vasto campo que compreende o quadro clínico da neurose obsessiva, na teoria psicanalítica, a presente dissertação tem como objeto de estudo o ritual na neurose obsessiva. Assim, pretendo elaborar um estudo teórico-clínico sobre o que o ato de ocultar facas representa na constituição psíquica de um paciente neurótico obsessivo.

A fonte de interesse para o estudo da neurose obsessiva surge a partir de minha singular experiência com pacientes obsessivos. Quero dizer que a experiência clínica que pretendo expor nesse trabalho advém do atendimento de vários casos de neuróticos obsessivos, em um pequeno Posto de Saúde Pública no interior do Estado de São Paulo.

Neste Posto, até o momento do início do meu trabalho, só havia duas psicólogas, sendo uma da área escolar e outra, da área clínica. Nele há uma demanda muito alta de pacientes que passam anos esperando uma vaga, como é o caso do sujeito desta pesquisa. Todos os atendimentos são realizados em trinta minutos.

Em minha prática clínica, como não tenho formação em psicanálise, desenvolvo o trabalho de psicoterapia com enfoque psicanalítico. Retiro a expressão “psicoterapia com enfoque psicanalítico” de um artigo escrito por Renato Mezan intitulado “Psicanálise e Psicoterapia”. Neste, ele expõe que “[...] de 1904 para cá, o leque das psicoterapias ampliou-se consideravelmente, passando a incluir procedimentos derivados da própria psicanálise [...]. Eis aqui, portanto, um primeiro critério para distingui-las [entre psicanálise e psicoterapia]: o emprego ou a recusa da livre-associação como forma de obter o material sobre o que se vai trabalhar [...]”<sup>1</sup> Assim, em minha experiência clínica, a atenção flutuante na escuta, a associação livre, a transferência e o limite imposto por este Posto de Saúde quanto a uma sessão semanal de 30 minutos (por paciente) são elementos que me permitem afirmar que realizo psicoterapia com enfoque psicanalítico.

Acho importante frisar o local onde desenvolvo esta psicoterapia, pois os atendimentos psicoterapêuticos, conforme referido no parágrafo anterior, ocorrem em um Posto de Saúde Pública, direcionado para pessoas de classe sócio-econômica desfavorável. Estes pacientes não apresentam condições de procurar tratamento psicoterapêutico em clínicas particulares. Desta maneira, relevo que Freud há oitenta e nove anos, em 1918, já destacava o caráter

---

<sup>1</sup> MEZAN, Renato. (1988). *A vingança da esfinge*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.26.

restrito da psicanálise no contexto europeu de sua época, já que o tratamento psicanalítico encontrava-se acessível somente à classe privilegiada. Para Freud, os neuróticos das classes populares devem ter acesso gratuito à saúde pública, cabendo ao psicanalista adaptar a técnica da psicanálise a estas condições. Deste modo, ele afirma que “[...] nada podemos fazer pelas camadas sociais mais amplas, que sofrem de neuroses de maneira extremamente grave [...]. O pobre tem exatamente tanto direito a uma assistência a sua mente, quanto o tem agora, à ajuda oferecida pela cirurgia.”<sup>2</sup>

Ao longo do meu trabalho clínico, tenho me deparado com um número elevado de neuróticos obsessivos. Isto significa que de todos os pacientes do sexo masculino que procuram psicoterapia neste Posto, a grande maioria é “diagnosticada”<sup>3</sup> pelos psicoterapeutas (incluindo-me, no caso) como sendo neuróticos obsessivos ou como pacientes que possuem traços obsessivos. Estes procuram psicoterapia quando sua neurose já se encontra em um estado grave.

Freud, em suas sábias palavras, aponta que os neuróticos obsessivos “muitas vezes visitam um médico somente quando a sua queixa atingiu um estágio avançado.”<sup>4</sup> Este estágio avançado está presente em várias queixas destes sujeitos. E durante o atendimento desses pacientes, o próprio contato clínico com eles aguçava meu olhar para delimitar o problema deste estudo.

Deste modo, no decorrer da psicoterapia com estes neuróticos, observo que uma grande parte destes apresenta algum cerimonial obsessivo. Estes sempre se queixam do sofrimento psíquico causado pela realização diária e compulsiva de certos cerimoniais. Com base nestas queixas, o que me chama a atenção para delimitar a problemática desta dissertação é o simbolismo presente em certos atos obsessivos, como o esconder as facas nos muros, entrar nos quartos contando a tabuada do dois, orar quarenta vezes para não ocorrer nenhuma desgraça. Baseando-me em minhas indagações enquanto psicoterapeuta, questionava-me sobre o porquê destes atos cerimoniais. Quero dizer, o que eles representam, ou melhor, o que há de inconsciente nestes atos ou cerimoniais obsessivos?

Ao longo do atendimento de cinco neuróticos obsessivos, escolhi um paciente que apresenta um quadro obsessivo rico para esta pesquisa. Este paciente, cujo nome fictício é

---

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund (1919[1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. *ESB*, vol. XVII, 1996, p.181.

<sup>3</sup> Em minha experiência clínica, somente determino o diagnóstico após levar os dados clínicos destes pacientes (como a queixa inicial, a história de vida e etc.) para supervisão com uma psicanalista. Destaco que a teoria psicanalítica é o referencial para se chegar a tal diagnóstico.

Cláudio, tem 29 anos e apresenta uma grave neurose obsessiva. Ele procura psicoterapia por conta própria, sem encaminhamento de outro profissional da área da saúde mental.

O interesse pela temática do ato cerimonial na neurose obsessiva inicia-se pelos dados clínicos abundantes trazidos por Cláudio, sobre o ritual obsessivo. Como por exemplo, ele assevera que toda vez que discute com o pai, verifica as facas nos buracos das paredes, nos armários ou na pia. Se vier o pensamento “ruminante” de faca ou de morte de alguém de sua família, ele o desvia, escondendo uma faca em lugares como na bacia de lavar roupas de sua mãe, na gaveta do armário da cozinha de sua mãe, no buraco do muro ou em outros lugares.

Cláudio declara que o ato de esconder facas o alivia de uma certa culpa, pois toda vez, antes de esconder a faca, relata sentir muita culpa, principalmente após discutir com seu pai. Além deste sentimento de culpa, ressalto que esse ato de ocultar facas está permeado de incertezas, pois ele sempre verifica as facas em cada buraco, várias vezes, devido aos seus pensamentos compulsivos de “faca, faca e faca.”

Tal ato obsessivo também se relaciona com o medo de que a faca, objeto alvo de seus rituais, venha a cutucar “a sua bunda” se ele não a esconder. Mas gostaria de apontar que, embora apresente este medo, ele tem consciência de que isso jamais irá acontecer. Sabe que é impossível que uma faca venha a cutucá-lo, afirmando ser mais um pensamento idiota que tem.

Inspirado em Freud e em seu famoso caso clínico O Homem dos Ratos, resolvi nomear o caso de Cláudio de “O Homem das Facas”. Este nome fictício surge do seu ato de procurar e esconder facas, embora, além de facas, ele também esconda outros objetos como tesouras, agulhas e giletes. Enquanto Lanzer, paciente de Freud, temia que os ratos penetrassem no ânus de sua amada e de seu pai, Cláudio teme ser punido pela penetração anal das facas.

Ao longo da psicoterapia, ele também traz algumas lembranças pessoais e outras contadas por seus pais sobre sua infância. Com base nestas lembranças, construo a sua possível história libidinal e identificatória. Nesta construção, procuro apontar certas interpretações que permitem uma melhor compreensão do ritual de ocultar facas.

Assim, a partir das sessões realizadas com este paciente e baseando-me na relação transferencial, uma pergunta surge delimitando a problemática desta dissertação: tendo por base a sexualidade de Cláudio, os desejos recalcados e o antigo erotismo anal, o que o ato

---

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. *ESB*, vol.X, 1996, p.140.

cerimonial de ocultar facas nos buracos, nas gavetas e na bacia, para que depois venha verificá-las várias vezes (para ter certeza de que estão lá, aliviando-o de um sentimento de culpa), representa na constituição psíquica deste sujeito?

Esta pesquisa fundamenta-se na psicanálise enquanto teoria, método terapêutico e de investigação do inconsciente. Neste estudo, o referencial teórico psicanalítico de Sigmund Freud e as contribuições de Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana constituem o pilar que o norteiam.

No primeiro capítulo, discorro sobre o processo da constituição psíquica do sujeito masculino, segundo a metapsicologia freudiana. Ao longo deste capítulo, contemplo as contribuições contemporâneas da psicanalista Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana. Embora esta psicanalista tenha uma larga experiência com psicóticos, alguns conceitos elaborados por ela são fundamentais para a compreensão da constituição psíquica do paciente deste estudo.

No segundo capítulo, enfoco a concepção freudiana de neurose obsessiva, destacando brevemente dois pontos para a formação do sintoma obsessivo: o papel desempenhado pela falha do recalque e a regressão da libido da fase genital à fase anal-sádica.

Como o ato cerimonial é um dos sintomas da neurose obsessiva, brevemente descrevo a definição de sintoma obsessivo e, em seguida, abordo o conceito de ato obsessivo. Ainda, destaco brevemente os principais sintomas que estão relacionados diretamente ao ato cerimonial do paciente em pauta: a culpa, o pensamento onipotente e a incerteza.

No terceiro capítulo, apresento o caso clínico de Cláudio e sua possível história libidinal e identificatória, interpretando o que deve representar o ato de ocultar facas em sua constituição psíquica. Assim, neste capítulo, pretendo elaborar uma interpretação deste ritual levando em conta os dados clínicos fornecidos por este paciente no transcorrer de seu processo psicoterapêutico.

Por último, apresento as considerações finais, momento este em que finalizo a problemática desta dissertação.

## Capítulo I - Metapsicologia Freudiana.

### 1 - A constituição do sujeito psíquico masculino na teoria freudiana.

Ao final do século XIX, época correspondente ao início da construção dos pilares da teoria psicanalítica, Freud encontra-se no começo de seu estudo sobre a constituição do sujeito psíquico. Em 1895, ao redigir a carta de número vinte e quatro a Fliess, ele releva:

Após períodos de dez a onze horas de trabalho com as neuroses [...] estou atormentado por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental [...] e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. Na verdade, é impossível ter uma concepção geral satisfatória dos distúrbios neuropsicóticos se não puder vinculá-la a pressupostos claros sobre os processos mentais normais.<sup>5</sup>

Assim, em 1895, Freud encontra-se nos primórdios dos estudos sobre os processos neuróticos e normais. Neste mesmo ano, ele enfoca, no texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, a importância da presença de um outro, geralmente a mãe, no início da vida do bebê para o seu desenvolvimento psíquico.

Neste texto, ao se referir ao nascimento do bebê, Freud afirma:

Nenhuma descarga [do bebê] pode produzir resultado aliviante (de sua tensão interna)[...]. O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres

---

<sup>5</sup> MASSON, Jeffrey M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.130.



humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho de ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação [...].<sup>6</sup>

Na origem do aparelho psíquico, o estado de tensão presente no organismo do bebê, gerado pela fome tenta ser liberado por meio de uma descarga motora, como o gritar e o chorar; mas nenhuma descarga motora leva a um resultado alivante de sua tensão interna. O organismo do recém-nascido é incapaz de uma “ação específica” que extinga o estado de tensão, necessitando este da ajuda de uma outra pessoa. Isto é, de uma “ajuda alheia”, de sua mãe (ou de um substituto) através de uma ação específica. Desta maneira, a “vivência de satisfação” põe fim à tensão interna da criança através de um auxílio externo da mãe (ou substituto) para com o seu filho, tendo esta vivência as conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções de um indivíduo.

Freud retoma a importância da vivência de satisfação na constituição psíquica no capítulo VII do livro *A Interpretação dos Sonhos*. Neste célebre livro, publicado em 1900, salienta que a “vivência de satisfação” instaura o desejo no bebê. Concebe o desejo como “uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original.”<sup>7</sup> Freud postula que somente o desejo é capaz de pôr o aparelho psíquico em movimento, de acordo com o princípio de prazer. Deste modo, nos primeiros momentos da constituição psíquica, quando o estado de tensão interna criada pela necessidade surgir novamente, a imagem do objeto satisfatório é reinvestida como uma satisfação alucinatória do desejo.

Mas em 1911, Freud ressalta que “objetar-se-á que uma organização que fosse escrava do princípio do prazer e negligenciasse a realidade do mundo externo não se poderia manter viva, nem mesmo pelo tempo mais breve [...]. A utilização de uma ficção como esta, contudo, justifica-se quando se considera que o bebê - desde que inclua o cuidado que recebe da mãe - quase realiza um sistema psíquico deste tipo.”<sup>8</sup> Freud, nesta citação, está se referindo

---

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund (1895). Projeto para uma psicologia científica. *ESB*, vol. I, 1996, p.370.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund (1900). *A interpretação dos sonhos*. *ESB*, vol. V, 1996, p.595.

<sup>8</sup> FREUD, Sigmund (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. *ESB*, vol. XII, 1996, p.238.

à introdução do princípio da realidade nos primeiros momentos da constituição psíquica do bebê.

Assim, após a vivência de satisfação, como há um aumento da exigência das necessidades internas e, conseqüentemente, uma ausência da satisfação esperada, a criança abandona essa tentativa de satisfação por meio de alucinação. E devido à ausência de satisfação por meio da alucinação, um novo princípio do funcionamento mental é iniciado: o princípio da realidade.

Em sua contribuição sobre o início da constituição psíquica, a psicanalista francesa Piera Aulagnier declara:

Para que o psiquismo do bebê entre em ação, é preciso que ao seu trabalho se acrescente o da função de prótese do psiquismo materno [...]. Fazemos do primeiro encontro boca-seio o ponto de partida de nossa construção teórica [...]. No momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e absorve um primeiro gole do mundo. Afeto, sentido, cultura estão co-presentes e são responsáveis pelo gosto das primeiras gotas de leite que o infans toma.<sup>9</sup>

Antes de o bebê nascer, Aulagnier considera que a mãe “imputa à sombra um desejo que ela desconhece [...]. O que chamamos de sombra é, portanto, constituído de uma série de enunciados que testemunham o desejo materno referente à criança; eles constituem uma imagem identificatória que antecipa o que será enunciado pela voz deste corpo, ainda ausente.”<sup>10</sup> Ou seja, com o nascimento da criança, momento este que a autora designa como TO, ocorre o encontro entre o corpo real do bebê e a representação psíquica materna deste corpo, entre a boca do bebê e o seio materno. Neste encontro pode vir a ocorrer (ou não) certa concordância entre o corpo real do bebê e a sombra projetada sobre ele pela mãe, ocasionando prazer e alegria.

Neste primeiro tempo da dialética identificatória, ocorre o que a autora denomina de vivência de satisfação, o que significa que a “mãe deseja que o infans demande e o infans demanda que a mãe deseje.”<sup>11</sup> Isto é, há uma demanda primária de libido, de desejo: demanda do bebê que a mãe o deseje e o desejo da mãe que o filho demande o seu seio. A essa

---

<sup>9</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *A violência da interpretação - do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 39-40.

<sup>10</sup> Idem, p.113.

demanda primária de libido, de desejo, precursora do Eu, corresponde à identificação primária. Deste modo, Aulagnier compreende a vivência de satisfação como uma experiência que, apenas por ocasião do primeiro encontro boca-seio, faz coincidir (uma única vez) a demanda do bebê e o desejo materno.

Em seu artigo “Sobre a Psicosexualidade”, Violante entende que a vivência de satisfação “não é uma vivência solitária. E a presença de uma ‘ajuda alheia’ proporcionada por outro ser humano - que, em geral, é a mãe - talvez seja mais importante do que o leite, em termos de inauguração da psique.”<sup>12</sup>

Em um outro artigo intitulado “Alucinar e Pensar, Alternativas ao Desamparo. Uma Leitura da Vivência de Satisfação”, Vinãr concebe que “o desamparo é o termo inicial [...] que suscita em Freud uma série de construções conceituais rigorosas [...]. Desamparo, indefesa e dependência extrema, atribuição de valor ao primeiro outro que soluciona a ‘necessidade’ ou tensão interna e a angústia que lhe é intrínseca. Com esses elementos Freud construiu o modelo da experiência de satisfação [...]”<sup>13</sup>

Após a primeira vivência de satisfação que instaura o desejo na criança, Freud releva a importância dos cuidados maternos ao recém-nascido. Em 1905, nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, ele reitera a importância atribuída ao outro, que geralmente é a figura materna, na instauração da sexualidade na criança. Assim, afirma:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa, usualmente a mãe, contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a caricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo [...]. Ela [a mãe] está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> AULAGNIER, Piera (1986). *Demanda e identificação. In: Um intérprete em busca de sentido - I*. São Paulo: Escuta, 1990, p.197.

<sup>12</sup> VIOLANTE, M. Lucia V. (2004). *Ensaio freudianos em torno da psicosexualidade*. São Paulo: Via Lettera, 2004, p.60.

<sup>13</sup> VIÑAR, Marcelo N. (2002). *Psicoanalizar hoy: problemas de articulación teórica clínica*. Montevideo: Trilce, 2002, p.46-8, tradução livre.

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *ESB*, vol.VII, 1996, p.210-11.

A mãe (ou alguém que a substitua), ao cuidar de seu bebê acariciando-o e beijando-o, está despertando neste a pulsão sexual ou libido. A mãe (ou alguém que a represente) oferece uma fonte infindável de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas para o seu filho.

Em 1923, ao se referir à presença da pulsão de vida e de morte no início da constituição psíquica da criança, Freud postula que “o surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido de morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências.”<sup>15</sup> Essas duas tendências são as duas classes de pulsões que coexistem desde o nascimento: a pulsão de vida (pulsão sexual ou libido e pulsão de autoconservação) e a pulsão de morte (pulsão destrutiva, de domínio ou de vontade de poder). A vida consiste nas manifestações do conflito ou na interação entre essas duas classes pulsionais, ou s

se pelo investimento no próprio Eu, nos outros e na realidade. No nível do originário, esta pulsão manifesta-se pelo movimento de fusão boca – seio.

Laplanche e Pontalis interpretam que “no desenvolvimento libidinal do indivíduo, Freud descreveu o jogo combinado da pulsão de vida e da pulsão de morte [...]. As últimas formulações de Freud indicam que o princípio subjacente às pulsões de vida é um princípio de ligação. [...]. A meta da outra pulsão é, pelo contrário, dissolver os agregados, e assim destruir as coisas.”<sup>19</sup>

Durante os primeiros cuidados maternos que despertam a pulsão sexual do indivíduo, Freud aponta que “os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa [...]. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas.”<sup>20</sup> No início da vida, o prazer sexual do bebê advém da excitação da boca-lábios, da língua. Neste momento, a atividade sexual pode estar relacionada à ingestão de leite, à estimulação dos lábios e etc.

Além de proporcionar esse prazer sexual, a relação afetuosa entre bebê e mãe torna-se um modelo para todos os relacionamentos amorosos na vida do indivíduo. Freud declara que “o encontro do objeto [na puberdade] é, na verdade, um reencontro.”<sup>21</sup> Isto significa que mesmo depois que a atividade sexual se separa do ato de nutrição, resta uma parcela significativa que prepara o menino para a escolha de objeto na puberdade, sendo este encontro de objeto um reencontro do antigo objeto amoroso abandonado na remota infância, após a resolução do complexo de Édipo.

Freud afirma que, no início da vida do bebê, “seus primeiros objetos sexuais são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, com o seu cuidado e sua proteção.”<sup>22</sup> Essas pessoas podem ser a própria mãe da criança ou quem venha a substituí-la. De outro lado, o relacionamento materno estabelecido desde os primeiros momentos de vida torna-se um modelo de escolha objetal para a vida adulta de um menino. Assim, o contato e a relação da mãe com o recém-nascido consiste em um exemplo de uma figura materna determinada para toda a vida do menino como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores para ambos os sexos.

---

<sup>19</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.408-415.

<sup>20</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., 1996, p.171.

<sup>21</sup> Idem, p. 210.

<sup>22</sup> FREUD, Sigmund (1914 a). Sobre o narcisismo: uma introdução. *ESB*, vol. XV, 1996, p.94.

Tal afirmação é reiterada em 1938, ao final de sua elaboração teórica, momento em que Freud exprime que “o primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita da nutrição [...]. Através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor.”<sup>23</sup> Para o bebê, a mãe torna-se o seu primeiro objeto erótico, pois esta mãe, além de cuidar deste recém-nascido, esta também desperta-lhe um certo número de sensações agradáveis e desagradáveis por meio dos cuidados com o corpo da criança. Desta maneira, a mãe representa o primeiro objeto de desejo, de amor tanto para o menino como para a menina.

Sobre o papel desempenhado pela mãe na constituição psicosexual masculina, Silvia Bleichmar destaca em seu artigo “Paradoxos da Constituição Sexual Masculina” que “inicialmente a mãe é, para ambos os sexos, o primeiro objeto de amor, e podemos afirmar, junto com ele, que o menino retém esse objeto no complexo de Édipo.”<sup>24</sup>

Desde o nascimento, Freud sublinha a importância da presença dos pais (e não só da mãe) na constituição psíquica do filho. Em relação a esta presença, ele expõe:

Assim eles [os pais] se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho [...] e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele [...]. Ele será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - ‘Sua Majestade o Bebê’ [...]. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram [...]. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é do que o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetual, inequivocamente revela sua natureza anterior.<sup>25</sup>

Para Freud, concomitantemente à presença da mãe, o pai também está presente desde o início da constituição psíquica da criança. O nascimento de um filho representa para o casal (entenda-se aqui, pai e mãe) uma revivência de seu próprio narcisismo que há muito abandonaram. Assim, a mãe e o pai revivem o antigo narcisismo infantil com o nascimento de seu filho(a), atribuindo todas as perfeições do mundo a este novo filho e negando os seus defeitos e as suas imperfeições.

Aproveitando o momento em que abordo a presença dos pais na constituição psíquica da criança, gostaria de apontar uma outra contribuição de Aulagnier à metapsicologia

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund (1940[1938]). Esboço de psicanálise. *ESB*, vol. XXIII, 1996, p.202.

<sup>24</sup> BLEICHMAR, Silvia (1993). *Nas origens do sujeito psíquico: do mito a história*. Porto Alegre: Artes Médicas p.187.

freudiana: o desejo do pai, o Outro-sem-seio, e não só o desejo materno de ter filhos e por determinado filho.

Esta psicanalista coloca que “ao encontrar o desejo do pai, a criança encontra, também, o último fator que permite que o espaço extra-psique se organize de maneira a tornar possível o funcionamento do Eu ou, inversamente, a obstaculizá-lo [...]. Referente da lei, detentor das chaves que dão acesso ao simbólico, doador do nome: o nome do pai terá , já em Freud (mesmo que o termo não seja empregado) [...] um lugar central.”<sup>26</sup>

Compreendo que não só o desejo materno é importante para a constituição psíquica do indivíduo, mas também o desejo paterno. No início da constituição psíquica do bebê, ambos os desejos, tanto o desejo do pai de ter filhos e por determinado filho como o desejo da mãe, são importantes para a constituição psíquica do bebê, pois este nasce em um meio familiar, um “micro-meio”, que Aulagnier define como “espaço falante.”<sup>27</sup> Isso quer dizer que nasce em um espaço familiar organizado pelo discurso e pelo desejo do casal parental entre si e em relação àquele bebê.

Em seu livro *Ensaio Freudiano em Torno da Psicosexualidade*, Violante interpreta que “Piera Aulagnier considera o desejo paterno de ter filhos e por esta criança tão importante quanto o materno - ainda que este seja prevalente - na constituição psíquica do sujeito, seja menino ou menina.”<sup>28</sup>

De acordo com a metapsicologia freudiana, além dos pais reviverem o seu antigo narcisismo com o nascimento do filho, o auto-erotismo e o narcisismo merecem um breve destaque na constituição psíquica do sujeito do sexo masculino.

Em 1899, em uma carta a Fliess, Freud já definia o auto-erotismo como “uma camada sexual mais inferior [...] que age sem qualquer objetivo psicosexual e exige somente sensações locais de satisfação.”<sup>29</sup>

Seis anos após redigir esta carta, Freud escreve os *Três Ensaio*. Neste brilhante livro, que causou (e ainda causa) muitas críticas à psicanálise, Freud expressa que, no início da vida, “a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é auto-erótica”<sup>30</sup>.

---

<sup>25</sup> FREUD, Sigmund (1914 a). Op. cit., p.97-8.

<sup>26</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *A violência da interpretação - do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p.136.

<sup>27</sup> Idem, p.105.

<sup>28</sup> VIOLANTE, M. Lucia V. (2004). Op. cit., p.134.

<sup>29</sup> FREUD, Sigmund (1899). Carta de 9 de dezembro. *ESB*, vol. I, 1996, p.331.

<sup>30</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.170.

Ou seja, o bebê apresenta um modo pelo qual a pulsão sexual encontra satisfação em seu próprio corpo. Este modo é denominado de auto-erotismo.

De acordo com Laplanche e Pontalis, o auto-erotismo “deve ser concebido como uma excitação sexual que nasce e se apazigua ali mesmo, ao nível de cada zona erógena tomada isoladamente [...]. A Introdução da noção de narcisismo vem esclarecer, a posteriori, a de auto-erotismo [...]. O auto-erotismo é definido, por oposição, como a fase anárquica que precede essa convergência das pulsões parciais para um objeto comum.”<sup>31</sup>

É necessário apontar que, para Freud, “uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo.”<sup>32</sup> Assim, o auto-erotismo, ou seja, o modo pela qual a pulsão busca satisfação no próprio corpo do sujeito, está presente desde o início. O narcisismo é fruto de uma nova ação psíquica que se adicionaria ao auto-erotismo.

Embora não especifique no texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) qual seja esta ação psíquica, no artigo *As Pulsões e as suas Vicissitudes* (1915) Freud afirma:

Ficamos habituados a denominar a fase inicial do desenvolvimento do ego, durante a qual seus instintos sexuais encontram satisfação auto-erótica, de ‘narcisismo’[...]. No próprio começo da vida, o ego é catexizado com os instintos, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo. Denominamos essa condição de ‘narcisismo’, e essa forma de obter satisfação, de ‘auto-erótica’.<sup>33</sup>

Neste texto de 1915, ele compreende o narcisismo como uma primeira forma pela qual o ego se constitui, pois graças a “sua majestade, o bebê”<sup>34</sup>, o ego da criança organiza-se em sua primeira forma como um ego ideal, narcisicamente investido pela libido e cujo primor o menino não está disposto a renunciá-lo durante a sua infância. Assim, o ego é uma unidade que não existe desde o início da constituição psíquica, precisando para se constituir, como um ego ideal, ser narcisicamente investido pelos pais.

<sup>31</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B., (1967). Op. cit., p.47.

<sup>32</sup> FREUD, Sigmund (1914 a). Op. cit., p.84.

<sup>33</sup> FREUD, Sigmund (1915 a). As pulsões e as suas vicissitudes. *ESB*, vol. XIV, 1996, p.137-139.

<sup>34</sup> FREUD, Sigmund (1914 a). Op. cit., p.84.



Julgo necessário ressaltar que para Freud, antes de o ego ideal advir no narcisismo, o ego é “primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é [...] a projeção de uma superfície.”<sup>35</sup> Nos primórdios da constituição psíquica, o recém-nascido é provido de um id e, a seguir, de um ego corporal, direcionando-se à constituição de um ego ideal narcisicamente investido.

Nas contribuições de Aulagnier à metapsicologia freudiana, ela destaca que a identificação imaginária ou especular é “o segundo tempo da dialética identificatória [...]. Esse encontro entre sujeito e ego especular é o que vai instaurar o registro imaginário como lugar das identificações do ego.”<sup>36</sup> Tal como Freud coloca que o ego não existe desde o nascimento, Aulagnier também considera que o Eu não está presente desde o início da constituição psíquica. Para esta autora, no momento do advento do Eu, durante o estágio do espelho, ocorre a identificação especular ou imaginária. Neste momento da dialética identificatória, o Eu da criança se identifica com a resposta ao desejo de sua mãe. Deste modo, durante o estágio do espelho, o primeiro modo pelo qual o Eu se constitui como um Eu ideal decorre da identificação imaginária ou especular. Concordando com Lacan, Aulagnier assegura que este momento narcísico fundamental, no qual o Eu ideal se constitui, ocorre entre os seis e dezoito meses de vida.

Laplanche e Pontalis explicitam que “se quisermos conservar a distinção entre um estado em que as pulsões sexuais se satisfazem de forma anárquica, independentemente umas das outras, e o narcisismo, em que o ego na sua totalidade é tomado como um objeto de amor, seremos levados a fazer coincidir a predominância do narcisismo infantil com os momentos formadores do ego.”<sup>37</sup>

Na constituição psíquica do sujeito, além da presença do ego ideal, é necessário apontar o papel desempenhado pelas organizações pré-genitais.

No nível do desenvolvimento libidinal, Freud postula que “durante os primeiros anos de vida de uma criança existem organizações em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante.”<sup>38</sup> Essas organizações são definidas como organizações pré-genitais nas quais as pulsões são parciais e cujo objetivo é a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena.

---

<sup>35</sup> FREUD, Sigmund (1923 a). Op. cit., p.42.

<sup>36</sup> AULAGNIER, Piera (1986). Op. cit., p.197.

<sup>37</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). Op. cit., p.288.

<sup>38</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.186.

Freud define zona erógena como “uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade.”<sup>39</sup> Estas zonas dominantes são, respectivamente, a boca na fase oral e o ânus na fase anal. Ainda, segundo Freud, “a primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou [...] canibalesca. Nela a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior.”<sup>40</sup>

Nesta organização, a atividade sexual está relacionada com a nutrição e cuja zona erógena dominante é a boca. Durante esta organização, a criança sente prazer em sugar o seio materno. Isto é, no início da vida do bebê, a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades da zona oral, como o sugar o leite no seio da mãe e posteriormente chupar (de algum modo) outro objeto que substitua o seio materno, como o dedo ou a chupeta. O ato de mamar no seio materno é a primeira atividade que propicia prazer ao bebê, onde os seus lábios comportam-se como uma zona erógena. Assim, a sexualidade começa a se manifestar no bebê durante e após a amamentação, momento em que ele começa a chupar o seio, o dedo ou a chupeta.

A satisfação proporcionada por meio da zona erógena labial ao chupar o seio, o dedo ou a chupeta implica a busca de um prazer, como afirma Freud, “já vivenciado e agora lembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa [...]”<sup>41</sup> Isto significa que a erogenidade da zona oral persiste ao longo da vida do indivíduo, ao lado da erogenização de outras zonas corporais.

Durante a organização oral, Freud declara que o “alvo sexual consiste na incorporação do objeto, modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma de identificação, um papel psíquico importante.”<sup>42</sup> Compreendo que Freud releva nesta incorporação o protótipo das primeiras identificações de uma criança.

Freud retoma a problemática da identificação na organização oral ao publicar *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* em 1921. Neste texto, ele salienta que a identificação do menino com o seu pai durante a fase fálica “comporta-se como um derivado da primeira

---

<sup>39</sup> Idem, p.187.

<sup>40</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.186.

<sup>41</sup> Idem, p.171.

<sup>42</sup> Idem, p.187.

fase da organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão neste estágio oral ou canibalesco.”<sup>43</sup> Ou seja, desde a organização oral podem ocorrer as primeiras identificações do menino com a figura paterna. O menino pode vir a mostrar um interesse pelo seu pai, momento este em que ele concebe a figura paterna como seu ideal.

Durante a organização oral, Freud também reconhece que “o menino desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico.”<sup>44</sup> O menino, ao mesmo tempo em que desenvolve a identificação com o pai, também desenvolve uma catexia de objeto sexual em relação à mãe, sendo que a rivalidade com o pai não está presente neste momento, o que ocorrerá somente na organização genital infantil, isto é, durante a fase fálica.

Em seu artigo “O Paradoxo da Constituição Sexual Masculina”, conforme a interpretação de Silvia Bleichmar sobre o papel do pai na constituição psicosexual masculina, ela assegura que “os traços de identificação masculina são proporcionados pelo meio parental mesmo antes que a diferença anatômica venha a ocupar seu lugar [...]”<sup>45</sup>

Em uma outra interpretação sobre a presença paterna na constituição psíquica, Violante assevera:

Segundo Freud, a entrada do pai no ambiente psíquico familiar ocorre muito cedo - se não desde o início da constituição da psicosexualidade, desde os primeiros tempos dessa constituição. Sua presença é marcante em toda a infância do sujeito [...]. O pai participa, portanto, desde as primeiras identificações constitutivas do ego, até aquelas que formarão o superego e o ideal de ego – do menino e da menina, embora com pesos e qualidades diferentes em cada caso e em cada sujeito.<sup>46</sup>

Para Freud, a segunda organização pré-genital é a anal-sádica cuja zona erógena dominante é a anal. Nesta organização, “o conteúdo intestinal [...] tem para o lactante outros

<sup>43</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego*. *ESB*, vol. XVIII, p.115.

<sup>44</sup> FREUD, Sigmund (1923 a). *Op. cit.*, p.44.

<sup>45</sup> BLEICHMAR, Silvia (1993). *Op. cit.*, p.191.

importantes sentidos. É obviamente tratado como parte de seu próprio corpo, representando o primeiro ‘presente’: ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-la, sua obstinação.”<sup>47</sup> Durante a organização anal-sádica, as fezes representam o primeiro presente que a criança pode dar a alguém que ela goste, demonstrando a sua obediência. Caso ela negue dar as fezes, estará expressando sua teimosia.

Freud expõe que “a retenção da massa fecal, a princípio intencionalmente praticada para tirar proveito da estimulação como que masturbatória da zona anal [...] é, aliás, uma das raízes da constipação [prisão de ventre] tão freqüente nos neuropatas.”<sup>48</sup> A retenção da massa fecal durante a infância pode estar relacionada à estimulação masturbatória da zona anal, como também pode estar demonstrando a pertinácia na relação com as pessoas que cuidam desta criança. Ao crescer, esse jogo de reter as fezes pode estar presente simbolicamente nos rituais escatológicos especiais, nos atos cerimoniais e atos similares que são cuidadosamente mantidos em segredo pelo sujeito neurótico.

Segundo Freud:

Os catarros intestinais na mais tenra idade deixam a criança ‘nervosa’[...]. As crianças que tiram proveito da estimulabilidade erógena da zona anal denunciam-se por reterem as fezes até que sua acumulação provoque violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, pode exercer uma estimulação intensa na mucosa. Com isso, hão de produzir-se sensações de volúpia ao lado das sensações dolorosas.<sup>49</sup>

Durante a organização anal-sádica, é muito comum os distúrbios intestinais provocarem excitações intensas na zona anal. Nos catarros intestinais infantis, o menino pode vir a sentir prazer na estimulação erógena ao reter a massa fecal. No adoecimento neurótico posterior, estes catarros que provocaram a estimulação da zona anal influenciam na manifestação somática da neurose.

---

<sup>46</sup> VIOLANTE, M. Lucia V. (2004). Op. cit., p. 133.

<sup>47</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.176.

<sup>48</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.176.

<sup>49</sup> Idem, p.175.

Freud afirma que durante os primeiros anos de vida, “as fezes são a primeira dádiva da criança, uma parte do seu corpo que ela somente dará a alguém que ama, a quem, na verdade, fará uma oferta espontânea como sinal de afeição.”<sup>50</sup> O ato de defecar oferece a primeira oportunidade que a criança deve optar entre uma atitude narcísica ou uma atitude de amor objetal. Deste modo, ou reparte suas fezes em nome de seu amor ou as retém com a finalidade de satisfação auto-erótica.

Freud ainda postula que “o ato de ceder as fezes em favor de alguém se torna um protótipo de castração.”<sup>51</sup> Ou seja, o ato de fornecer as fezes a quem ame é o primeiro momento no qual o menino reparte um pedaço do seu p

estimulam uma passagem membranosa [...].”<sup>54</sup> Isto é, a catexia libidinal destes três elementos pode deslocar ou se intensificar, uma vez que eles são simbolicamente equivalentes e substituem um ao outro.

Aproveitando o momento em que abordo as fezes na fase anal-sádica, gostaria de recorrer às demandas pré-genitais proposta por Aulagnier durante o estágio do espelho. Para esta psicanalista, no segundo tempo da dialética identificatória (momento este correspondente à identificação especular ou imaginária), o Eu “se mediatiza graças ao objeto, que chamamos objeto de demanda [...]. Entre demandante e respondente, um objeto vem garantir a repartição de papéis, assegurando que seja preservada uma diferenciação de suas identidades respectivas.”<sup>55</sup> As demandas de objeto (como o seio, as fezes) são demandas pré-genitais da criança dirigidas ao Outro, ou seja, à mãe. Essas demandas de objeto impedem a alienação do bebê no campo do Outro e favorecem, ao mesmo tempo, a sua “assunção jubilosa de si” e a sua diferenciação do Eu materno, derivando a agressividade envolvida neste processo.

Segundo Aulagnier, o objeto demandado “torna-se fonte de prazer para uma zona [erógena] ou para uma função erotizada pelo sujeito.”<sup>56</sup> As fezes são um exemplo de demanda de objeto. Em determinadas ocasiões, as fezes são identificadas como algo que a mãe demanda; isto é, a criança identifica a mãe como aquela que se torna a depositária do poder de aceitar ou recusar as suas fezes.

Freud aponta que na organização anal-sádica “a primazia das zonas genitais ainda não foi estabelecida. Pelo contrário, os instintos componentes que dominam esta organização pré-genital da vida sexual são o anal-erótico e o sádico.”<sup>57</sup>

Em uma nota acrescida em 1915 aos *Três Ensaio*s, Freud reconhece que nesta organização “a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de masculino e feminino, e sim ativo e passivo.”<sup>58</sup> Na organização anal-sádica, a atividade presente é a pulsão de dominação através da musculatura do corpo e como órgão do alvo sexual passivo encontra-se a mucosa erógena do intestino. Nesta fase da constituição da psicosexualidade infantil, a primazia das zonas genitais ainda não está

---

<sup>54</sup> Idem, p.141.

<sup>55</sup> AULAGNIER, Piera (1986). Op. cit., p.204.

<sup>56</sup> AULAGNIER, Piera (1986). Op. cit., p.206.

<sup>57</sup> FREUD, Sigmund (1913 a). A disposição à neurose obsessiva - uma contribuição ao problema da escolha da neurose. *ESB*, vol. XII, 1996, p.345.

<sup>58</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.187.

estabelecida. A antítese entre masculino e feminino não existe e somente a oposição entre ativo e passivo.

Sobre o erotismo anal presente na organização anal-sádica, Freud afirma:

Uma acentuação deste erotismo anal no estágio pré-genital de organização deixa atrás de si uma predisposição significativa ao homossexualismo, nos homens, quando o estágio seguinte da função sexual, a primazia dos órgãos genitais, é atingido. A maneira pela qual esta última fase é erguida sobre a precedente e a concomitante remodelação das catexias libidinais oferecem à pesquisa analítica os mais interessantes problemas.<sup>59</sup>

Durante esta organização pré-genital, a tendência ativa é preenchida pelo instinto comum de domínio que Freud denomina de sadismo e a tendência passiva é alimentada pelo erotismo anal. Uma fortificação do erotismo anal possibilita uma inclinação à homossexualidade no sexo masculino quando a primazia dos órgãos genitais é alcançada.

Na leitura de Laplanche e Pontalis, a fase anal-sádica “é a primeira fase em que se constitui uma polaridade atividade-passividade. Freud faz coincidir a atividade com o sadismo e a passividade com o erotismo anal, e atribui a cada uma das pulsões parciais correspondentes uma fonte distinta: musculatura e mucosa anal.”<sup>60</sup>

Em seu livro *Teoria Psicanalítica das Neuroses*, Fenichel declara que “o erotismo anal é sempre de índole bissexual: o ânus, é, ao mesmo tempo, órgão que expete ativamente e órgão oco, possível de estimular por algum objeto que nele entre [...]. O objetivo dos desejos femininos dos neuróticos obsessivos homens é [...] o desejo de alguma coisa a inserir-se ou reter-se em seu corpo.”<sup>61</sup>

Nas *Novas Conferências* publicadas em 1932/1933, Freud salienta que a “atitude para com as fases da organização da libido modificou-se um pouco [...]. Ao passo que, anteriormente, enfatizávamos principalmente a forma como cada fase transcorria antes da fase

---

<sup>59</sup> FREUD, Sigmund (1913 a). Op. cit., p.346.

<sup>60</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). Op. cit., p.186.

<sup>61</sup> FENICHEL, Otto (1981). Op. cit. São Paulo: Atheneu, 1981, p.259.

seguinte, nossa atenção, agora, dirige-se aos fatos que nos mostram quanto de cada fase anterior persiste junto às configurações subseqüentes [...].”<sup>62</sup>

Ou seja, o predomínio de uma fase em relação a outra não ocorre de maneira repentina e sim gradativamente, já que partes da organização anterior sempre coexistem lado a lado da mais recente. Os impulsos sádicos (que já se iniciam durante o aparecimento dos dentes na fase oral) tornam-se comuns na fase anal-sádica por ser a satisfação procurada na agressão e na função excretória. Durante essa fase, há a presença de impulsos agressivos, pois no sadismo existe uma fusão instintiva de impulsos libidinais e puramente destrutivos.

Freud explicita que a organização anal-sádica “pode conservar-se por toda a vida e atrair permanentemente para si uma boa parcela da atividade sexual [...]. É próprio dela que os pares opostos de pulsões estejam desenvolvidos de maneira aproximadamente igual, num estado de coisas descrito pela oportuna designação de ‘ambivalência’.”<sup>63</sup> Assim, a ambivalência inicia-se no estágio oral-sádico com o aparecimento dos dentes e a atividade de morder, ficando mais freqüentes na fase sádico-anal. Nesta, os pares opostos das pulsões já se encontram desenvolvidos, mas a subordinação destas pulsões visando a reprodução somente ocorrerá na organização genital adulta.

Ao publicar *As Pulsões e as suas Vicissitudes* em 1915, Freud relata que na fase sádico-anal:

O amor [...] quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto. Só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio [...]. O ódio, enquanto relação com os objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo [...]. O amor com tanta freqüência se manifesta como ‘ambivalente’- isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto.<sup>64</sup>

Na organização genital adulta, o amor consciente alcança um elevado grau de intensidade de maneira a ficar suficientemente forte para manter sob repressão o seu oponente. O amor não consegue anular o ódio, mas apenas reprimi-lo no sistema inconsciente. E o ódio, no inconsciente, protegido da ameaça de ser destruído pelas operações do consciente, é capaz de persistir e, até mesmo, de crescer. Este mesmo ódio pode vir a ser

<sup>62</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] a). Op. cit., p.102.

<sup>63</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.187.



reforçado por uma regressão do amor à fase sádica, pois a intensidade do amor dirigido para um mesmo objeto oculta um ódio de intensidade igual ou maior.

Sobre a ambivalência na fase anal-sádica, Laplanche e Pontalis consideram que em *As Pulsões e as Suas Vicissitudes*, “Freud fala de ambivalência a propósito do par de opostos atividade-passividade; [...] é a oposição ‘material’ amor-ódio, em que é visado um único e mesmo objeto, que permite fazer ressaltar mais nitidamente a ambivalência.”<sup>65</sup>

Em uma nota de rodapé acrescentada em 1924 aos *Três Ensaio*s, Freud revela que “depois das duas organizações pré-genitais, existe uma terceira fase no desenvolvimento infantil: esta, que já merece o nome de genital [...] conhece apenas um tipo de genitália: a masculina. Por isso denominei-o de estágio fálico da organização.”<sup>66</sup> A terceira organização descrita por Freud é a organização genital infantil, na qual, devido à primazia do falo, é chamada também de fase fálica. Nesta fase culminam o complexo de Édipo e o complexo de castração.

Para o mestre vienense, “a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo.”<sup>67</sup> Nesta fase, tanto os meninos como as meninas somente reconhecem um órgão genital: o masculino. No caso do menino, seu órgão genital atrai o seu interesse; já que quer ver esta parte do corpo em outras pessoas, de modo a compará-lo com a parte de seu corpo. No decurso de suas pesquisas sexuais, ele se depara com a descoberta de que o pênis não é uma possessão comum a todas as pessoas. Deste modo, na organização genital infantil está presente a primazia do falo, isto é, a oposição de ter o falo ou ser castrado. Esta oposição está relacionada ao desenvolvimento do complexo de Édipo e, concomitantemente, ao complexo de castração, pois é na fase fálica que o complexo de Édipo (articulado com o complexo de castração) atinge o seu apogeu.

Segundo Laplanche e Pontalis, “o apogeu do complexo de Édipo é vívido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica.”<sup>68</sup>

---

<sup>64</sup> FREUD, Sigmund (1915 a). Op. cit., p.143.

<sup>65</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). Op. cit., p.17.

<sup>66</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.188.

<sup>67</sup> FREUD, Sigmund (1923 b). A organização genital infantil. *ESB*, vol. XIX, 1996, p.158.

<sup>68</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). Op. cit., p.77.

Em uma nota de rodapé, acrescentada em 1920, aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud destaca que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses. Nesta nota, ele postula que no complexo de Édipo “culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos posteriores, influencia de maneira decisiva a sexualidade do adulto. Cada novo ser humano confronta-se com a tarefa de dominar o complexo de Édipo, e aquele que não consegue realizá-la sucumbe à neurose.”<sup>69</sup>

A partir de sua auto-análise (que se inicia em 1897) e da análise de seus pacientes neuróticos, Freud descobre o que veio a nomear de complexo de Édipo, ou seja, o complexo nuclear da constituição do sujeito psíquico e de seus destinos normal e patológico.

Sobre o complexo de Édipo, Freud afirma:

Fica-se com a impressão de que de modo algum o complexo de Édipo simples é a [...] forma mais comum, mas representa antes uma simplificação [...]. Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo [...]. Em minha opinião, é aconselhável [...] e muito especialmente no que concerne aos neuróticos, presumir a existência do complexo de Édipo completo.<sup>70</sup>

Durante a organização genital infantil (ou fase fálica), o desejo sexual do menino em relação à mãe adquire uma intensidade maior e a figura paterna torna-se um obstáculo, um rival à realização do seu desejo incestuoso. De outro lado, a identificação com a figura paterna abre espaço para a rivalidade e hostilidade, culminando em um desejo parricida, de livrar-se dele com o objetivo de ocupar seu lugar ao lado da sua mãe, originando assim o complexo de Édipo masculino. Mas durante a organização genital infantil não há somente o desenvolvimento do complexo de Édipo positivo, mas concomitantemente ao complexo positivo, há o complexo de Édipo negativo. Isto significa que para Freud não ocorre somente o complexo de Édipo positivo simples no caso do menino; e sim um complexo de Édipo mais completo, o qual é positivo e negativo, devido à bissexualidade originalmente presente na criança.

Assim, Freud compreende que este complexo “ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira

---

<sup>69</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.214.

<sup>70</sup> FREUD, Sigmund (1923 a). Op. cit., p.45-46.

masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai [...] ou poderia assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua.”<sup>71</sup> Ou seja, o menino não apresenta uma atitude ambivalente para com o seu pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetuosos com a sua mãe. Este menino também pode se comportar como uma menina e apresentar uma atitude afetuosos feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. Mas ressalto que é o complexo de castração que põe fim ao complexo de Édipo masculino.

Antes de recorrer ao complexo de castração e a sua articulação com o complexo de Édipo, gostaria de acrescentar que para Aulagnier “o pai vai se apresentar à criança, conjuntamente, como o objeto a seduzir e o objeto do ódio.”<sup>72</sup> O pai como um objeto a seduzir ocorre quando o menino espera desempenhar o mesmo papel desempenhado pela sua mãe: de seduzir e ser seduzido pelo pai, porém ressalta que “ser como a mulher do pai [...] não significa perder o pênis - significação esta que só aparece na fase fálica -, mas sim propor-se em lugar do que é desejado na mãe e o que ela possui [...]”<sup>73</sup> O pai também é um objeto a odiar, como voz que interdita e à qual a mãe parece obedecer, sendo este ódio, esse desejo de morte ao pai anterior à rivalidade edipiana, cuja morte é desejada, nesta rivalidade, como uma forma secundária que toma um desejo de morte precedente.

Em 1923, no texto *A Organização Genital Infantil*, Freud expõe que “o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração.”<sup>74</sup> É neste texto que é atribuído ao complexo de castração o seu lugar fundamental no conjunto da teoria freudiana da evolução da sexualidade infantil, sendo articulado ao complexo de Édipo e a fase fálica. Assim, o complexo de castração apresenta uma estreita relação com o complexo de Édipo e, principalmente, com a função interditória dos desejos incestuosos e parricida do menino em relação aos pais.

Antes de publicar *A Organização Genital Infantil*, Freud já havia abordado o complexo de castração em seu artigo *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* de 1908. Neste texto, ele coloca que “o alto valor que o menino lhe concede [ao pênis] reflete-se naturalmente em sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja

---

<sup>71</sup> FREUD, Sigmund (1924 b). A dissolução do complexo de Édipo. *ESB*, vol. XIX, 1996, p.196.

<sup>72</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *A Violência da Interpretação - do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p.140.

<sup>73</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *Op. cit.*, p.140.

<sup>74</sup> FREUD, Sigmund (1923 b). *Op. cit.*, p.159-160.

desprovida desse constituinte essencial.”<sup>75</sup>

Sobre o complexo de castração, Laplanche e Pontalis destacam que este é:

Um complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. [...]. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especialmente, com a função interditória e normativa.<sup>78</sup>

Sobre o complexo de Édipo e a sua articulação com o complexo de castração, Freud afirma que “se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo [...]. A destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração.”<sup>79</sup> No caso do menino, a angústia de castração incide sobre o complexo de Édipo completo, pondo-lhe um fim. O menino, a fim de preservar o seu órgão sexual, desiste do prazer que buscava em sua mãe.

Em 1925, Freud retoma o complexo de Édipo e a sua articulação com complexo de castração, enunciando que “enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.”<sup>80</sup> As fantasias relativas à castração, fantasias construídas pelas crianças para explicar o enigma da diferença sexual anatômica, colocam o menino e a menina em posições diferentes em relação ao complexo de castração. No menino, o complexo de castração promove a saída do complexo de Édipo, enquanto que, na menina, a introduz (no complexo de Édipo positivo). Conseqüentemente, no caso do menino, a fase fálica é sucedida pelo período de latência.

Violante, em seu artigo “O complexo de Édipo e o complexo de castração”, concebe que “podemos deduzir que a castração incide, em ambos os casos, na relação da criança com a mãe - no menino, dissolvendo o complexo de Édipo completo; na menina, promovendo o

<sup>78</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). Op. cit., p.73.

<sup>79</sup> FREUD, Sigmund (1924 b). Op. cit., p. 196.

<sup>80</sup> FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *ESB*, vol. XIX, 1996, p.285.

complexo de Édipo positivo. Na verdade, em ambos os sexos, a castração incide sobre o falo, ou seja, sobre a ilusão narcísica de ser a resposta ao desejo materno e de ser possuidor de um ego ideal.”<sup>81</sup>

Sobre o término do complexo de Édipo, Freud declara que “não vejo razão para negar o nome de repressão ao afastamento do ego diante do complexo de Édipo, embora repressões posteriores ocorram pela maior parte com a participação do superego [...]”<sup>82</sup> No caso do menino, devido à angústia de castração, o ego recorre ao recalçamento da sexualidade infantil. Ao recalcar o complexo de Édipo, o menino renuncia as catexias libidinais que eram depositadas nas figuras parentais. Estas catexias são abandonadas e seus objetos incorporados ao ego, constituindo o superego. Desta maneira, no desfecho do complexo de Édipo masculino, há o recalçamento dos desejos incestuoso e parricida. Se este falhar, manifestações psicopatológicas poderão ocorrer no final da infância ou em um momento posterior na vida adulta deste indivíduo.

Nas *Novas Conferências*, Freud destaca que:

Para cada estágio do desenvolvimento do sujeito está reservado, como sendo adequado para esse desenvolvimento, um especial fator determinante de ansiedade. O perigo de desamparo psíquico ajusta-se ao estágio de imaturidade inicial do ego; o perigo de perda de um objeto (ou perda do amor) ajusta-se à falta de auto-suficiência dos primeiros anos da infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e, finalmente, o temor ao superego, que assume uma posição especial, ajusta-se ao período de latência [...]. E nisto aprendemos duas coisas novas: primeiro, que a ansiedade faz o recalçamento e não, conforme costumávamos pensar, o oposto; e [segundo] que a situação instintual temida remonta basicamente a uma situação de perigo externa.<sup>83</sup>

A cada etapa do desenvolvimento psíquico do sujeito corresponde um fator de ansiedade. Na fase fálica, o perigo temido pelo menino ao amar sua mãe é o perigo de ser castrado; isto é, a fantasia de perder o seu pênis. A angústia de castração é a única que tem força para levar o ego ao recalque e, se este falhar, podem se manifestar as neuroses obsessiva, histérica ou fóbica. E ao longo da constituição psicosssexual do menino, os antigos fatores determinantes de ansiedade deveriam desaparecer devido ao fortalecimento do ego e

<sup>81</sup> VIOLANTE, M. Lucia V. (2004). Op. cit., p.94.

<sup>82</sup> FREUD, Sigmund (1924 b). Op. cit., p. 197.

<sup>83</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] a). Op. cit., p.91-2.

ao advento das instâncias psíquicas superiores, como o superego e o ideal de ego. Mas isto só ocorre de modo muito incompleto, pois o neurótico permanece infantil em sua atitude relativa ao perigo, devido ao temor de seu superego durante a fase de latência.

Sobre o desfecho do complexo de Édipo, Freud ainda enuncia:

Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste, agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido [...].<sup>84</sup>

Na dissolução do complexo de Édipo masculino pode ocorrer uma identificação paterna ou uma identificação materna, ou seja, a aquisição de uma identidade masculina ou feminina. O menino, ao identificar-se com o pai, preserva a relação de objeto com a mãe, sendo a identificação ao pai e a escolha objetual do tipo anaclítico por mulheres pertencente ao complexo positivo; consolidando a masculinidade no caso do sujeito do sexo masculino.

Freud explicita que “abandonando o complexo de Édipo, uma criança deve [...] renunciar às intensas catexias objetais que depositou em seus pais, e é como compensação por essa perda de objetos que existe uma intensificação tão grande das identificações com os seus pais, as quais provavelmente há muito estiveram presentes em seu ego.”<sup>85</sup> No caso do menino, as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações, as quais já estavam presentes em seu ego durante as organizações pré-genitais. Assim, com o término da fase fálica, há uma intensificação da identificação do menino com a figura paterna. E as identificações, tendo por modelo as figuras parentais, repetem-se, posteriormente, na vida do indivíduo.

Em 1932/1933, nas *Novas Conferências*, Freud define identificação como “a ação de assemelhar um ego a outro, em conseqüência do que o primeiro ego se comporta como o segundo, em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si.”<sup>86</sup> Diferentemente das noções de incorporação e introjeção, neste momento, Freud conceitua a identificação como uma ação de um ego se assemelhar a outro ego. A identificação é uma

---

<sup>84</sup> FREUD, Sigmund (1923 a). Op. cit., p.46.

<sup>85</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] b). Conferência XXXI - A dissecção da personalidade psíquica. *ESB*, vol. XXII, 1996, p.69.

forma de vinculação muito importante a uma outra pessoa, sendo diferente da escolha objetal. Isto é, quando o menino se identifica com o pai, ele quer ser igual a este, porém se o menino fizer da figura paterna o seu objeto de escolha, ele quer possuí-lo. Mas Freud ressalta, nesta conferência: “eu próprio não estou, de modo algum, satisfeito com esses comentários sobre identificação.”<sup>87</sup>

Na concepção de Aulagnier, identificação e castração são as duas faces de uma mesma unidade. Em 1975, propõe:

Castração é uma experiência na qual podemos entrar, mas da qual, num certo sentido, não podemos sair [...]. A castração pode ser definida como a descoberta, no registro identificatório, de que não ocupamos jamais o lugar que acreditávamos nosso e que inversamente já estávamos destinados a ocupar um lugar no qual não poderíamos ainda encontrar-nos [...]. Castração e identificação são as duas faces de uma mesma unidade e uma vez o Eu constituído, a angústia [identificatória] ressurgirá cada vez que as referências identificatórias oscilarem.<sup>88</sup>

Castração e identificação são dois conceitos interligados na visão desta psicanalista, pois a angústia de castração ou angústia de identificação (ambos são sinônimos para ela) representa o preço que o sujeito tem de pagar pela instância que se chama Eu, instância esta que o insere em uma temporalidade e historicidade. O Eu corresponde ao conjunto das posições e enunciados identificatórios, embora nestes enunciados identificatórios já estejam presentes tanto as identificações atuais como as identificações passadas (recalcadas).

Sobre o conceito de identificação, Laplanche e Pontalis compreendem que “na obra de Freud, o conceito de identificação assumiu progressivamente o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pelo qual o sujeito humano se constitui. Essa evolução tem relação direta principalmente com a colocação em primeiro plano do complexo de Édipo em seus efeitos estruturais, e também com a remodelação introduzida pela segunda teoria do aparelho psíquico [...]”<sup>89</sup>

Ao final da organização genital infantil, Freud também expressa que “o complexo de Édipo é abandonado no menino, sendo reprimido, destruído e um severo superego instala-se

---

<sup>86</sup> Idem, p.68.

<sup>87</sup> Idem, ibidem.

<sup>88</sup> AULAGNIER, Piera (1975). Op. cit., p.158-9.



como herdeiro.”<sup>90</sup> No menino, além de ocorrer uma possível identificação paterna (ou materna) após o recalçamento do seu complexo de Édipo, o superego e o ideal de ego são os herdeiros deste complexo.

Quando se refere à formação do ideal de ego, Freud afirma:

Para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão [...]. O que o sujeito projeta diante de si como sendo seu ideal [de ego] é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal [...]. O desenvolvimento do ego consiste no afastamento de seu narcisismo primário [...]. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora.<sup>91</sup>

Assim, durante a organização pré-genital e genital infantil há um ego ideal narcisicamente investido. Devido à angústia de castração durante a fase fálica, há o recalçamento da sexualidade infantil e do ego ideal, cujos herdeiros são, como dito no parágrafo anterior, o superego e o ideal de ego. Este ideal de ego é o substituto do narcisismo perdido da infância da criança.

Em 1923, Freud frisa que a diferenciação dentro do ego “pode ser chamada de ‘ideal de ego’ ou ‘superego’.”<sup>92</sup> Nesta época, Freud utiliza ambos os conceitos indistintamente.

Somente nas *Novas Conferências* de 1932/1933 é que Freud elabora uma diferenciação entre o superego e o ideal de ego. Declara que o superego é “o veículo do ideal de ego, pelo qual o ego se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir [...]. Esse ideal de ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía.”<sup>93</sup> Entendo que Freud imputa ao superego a função de ser o veículo do ideal de ego responsável pela busca de perfeição, cabendo ao superego a manutenção do ideal de ego. Suas funções são a auto-observação, a consciência e a manutenção deste ideal. De outro lado, o ideal de ego tem como função estimular o ego a atingir a perfeição e servir de instrumento por meio do qual o ego se avalia.

---

<sup>89</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). Op. cit., p.227.

<sup>90</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] c). Conferência XXXIII - Feminilidade. *ESB*, vol. XXII, 1996, p.129.

<sup>91</sup> FREUD, Sigmund (1914 a). Op. cit., p.100-102.

<sup>92</sup> FREUD, Sigmund (1923 a). Op. cit., p.43.

<sup>93</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] b). Op. cit., p.70.

Na formação do superego, Freud considera que “a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal.”<sup>94</sup> O superego conserva a força, a severidade e a tendência a punir que são herdadas dos pais. Esta instância psíquica protege o ego contra o retorno dos desejos incestuosos. E, se por acaso, ocorrer uma desfusão das pulsões, a severidade do superego é aumentada. Deste modo, o superego conserva os valores dos pais. E quanto mais poderosa for a relação do superego com o ego, mais forte será o sentimento inconsciente de culpa.

Freud expõe que o aparecimento do superego pode ser considerado “como um exemplo bem-sucedido de identificação com a instância parental.”<sup>95</sup> O surgimento dessa instância superior dentro do ego está mais intimamente ligada ao destino do complexo de Édipo, uma vez que o superego é o herdeiro dessa vinculação afetiva tão importante para a criança. No superego, as identificações com os pais, identificações estas que há muito tempo estão presentes em seu ego, são intensificadas como uma certa reparação pela renúncia ao objeto desejado. Assim, o superego nasce de uma identificação com os pais tomados como modelos.

Para Freud, “o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego dos seus pais [...]. Torna-se um veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração.”<sup>96</sup> Então, o superego de um menino é acima de tudo, uma instância psíquica onde estão presentes os valores que vão além do superego de seus pais, uma vez que os valores e os julgamentos são transmitidos de geração em geração.

Aproveitando o momento em que abordo o superego, destaco que para Freud toda neurose “é o resultado de um conflito entre o ego e o id [...]. O ego entra em conflito com o id, a serviço do superego e da realidade, e esse é o estado de coisas em toda neurose de transferência.”<sup>97</sup> Durante a fase de latência é o conflito do ego (ou do superego) com o id que decide a intensidade da neurose. Assim, Freud concebe a neurose como conflitos entre as instâncias psíquicas.

Na concepção de Aulagnier, a neurose:

---

<sup>94</sup> FREUD, Sigmund (1924 b). Op. cit., p.196.

<sup>95</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] b). Op. cit., p.69.

<sup>96</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] b). Op. cit., p.69.

<sup>97</sup> FREUD, Sigmund (1924 c). Neurose e psicose. *ESB*, vol. XIX, 1996, p.167-168.

Apresenta sua forma manifesta no momento em que o complexo de Édipo deveria dissolver-se; momento em que o investimento dirigido aos Eus parentais não deve desaparecer, mas modificar-se através de uma decantação das demandas a eles dirigidas e através do desejo de encontrar novos destinatários para as demandas que não podem mais ser dirigidas aos pais. Recalque que permite ao Eu esquecer que esperava dos pais um prazer sexual quando na realidade preserva este mesmo desejo graças à fixação que se opera.<sup>98</sup>

Na visão desta psicanalista, o neurótico continua a encaminhar ao Eu dos outros a demanda que encaminhava aos pais, momento este em que esperava ser amado e protegido pelas figuras parentais. Na neurose, o sofrimento apresenta como causa a presença de um desejo que o sujeito não pode realizar, embora ele se recuse a renunciá-lo. A renúncia ao objeto edípico é percebida pelo neurótico como eventual desaparecimento de todo o desejo. Desta maneira, o neurótico transforma em sofrimento (como é o caso de seus pensamentos) um investimento que foi fonte de prazer em sua remota infância.

Após o término da fase de latência, inicia-se a organização genital adulta. Nesta organização, o “complexo [de Édipo] é revivido no inconsciente e envolve-se em novas modificações.”<sup>99</sup> Na puberdade, o homem revive em seu inconsciente o antigo complexo edípico recalcado em sua tenra infância.

Freud coloca que nesta fase (da puberdade) ocorrem “mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Todas as pulsões parciais se conjugam enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital [...]”<sup>100</sup> Na organização genital adulta, as pulsões sexuais colocam-se a serviço da reprodução. Durante a puberdade que se pode estabelecer uma separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, concretizando o primado das zonas genitais que não era possível na organização genital infantil.

Ainda, Freud declara:

---

<sup>98</sup> AULAGNIER, Piera (1979). Op. cit., p.161.

<sup>99</sup> FREUD, Sigmund (1924 d). Dois verbetes de enciclopédia. *ESB*, vol. XVIII, 1996, p.263.

<sup>100</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p. 207.

A escolha de um objeto, tal como mostramos ser característica da fase puberal do desenvolvimento, já foi [...] feita durante os anos de infância: isto é, a totalidade das correntes sexuais passou a ser dirigida para uma única pessoa em relação à qual elas buscam alcançar seus objetivos. Isto é, então, a maior aproximação possível, na infância, da forma assumida pela vida sexual após a puberdade.<sup>101</sup>

Isto significa que ao final da organização genital infantil encontra-se presente a forma definitiva que será assumida pela organização genital adulta. A escolha de objeto, que se inicia na mais remota infância, é retida pelo período de latência, sendo retomada na puberdade. Esta escolha é desviada dos pais para outras pessoas que se assemelham a eles.

Na organização genital adulta “o homem, sobretudo, busca a imagem mnêmica da mãe, tal como essa imagem o dominou desde os primórdios da infância [...]”<sup>102</sup> Neste caso, o homem pode vir a apresentar uma escolha objetual do tipo anaclítico ou de ligação, já que é durante a puberdade que ocorre a configuração definitiva da vida sexual adulta, na qual consuma-se o encontro de objeto cujo caminho fora preparado desde a mais remota infância.

Sobre a organização genital adulta, Laplanche e Pontalis interpretam que “a evolução das idéias de Freud sobre o desenvolvimento psicosexual levou-o a aproximar cada vez mais a sexualidade infantil da sexualidade adulta. Nem por isso se anula a idéia primitiva segundo a qual é com a organização genital pubertária que as pulsões parciais se unificam e se hierarquizam definitivamente [...]”<sup>103</sup>

Em uma outra leitura sobre esta organização, Violante entende que “na puberdade, todo esse complexo de operações psíquicas e pulsão sexual é despertado e reorganizado rumo à aquisição definitiva da organização genital adulta, na qual os genitais possuem a primazia, e às vicissitudes da escolha de objeto – do tipo narcísico e/ou de ligação. [...] De acordo com Freud, só na fase genital, é que a organização se completa, na puberdade.”<sup>104</sup>

Assim, finalizo este capítulo destacando que os conceitos elencados no decorrer do mesmo venham a contribuir para uma melhor compreensão da constituição psíquica do sujeito desta dissertação (como também de sua respectiva problemática).

<sup>101</sup> FREUD, Sigmund (1923 b). Op. cit., p.157.

<sup>102</sup> FREUD, Sigmund (1905). Op. cit., p.214–16.

<sup>103</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). Op. cit., p.181.

<sup>104</sup> VIOLANTE, M. Lucia V. (2004). Op. cit., p.72-3.

## Capítulo II - Psicopatologia.

### 1-A formação do sintoma obsessivo: da falha do recalque ao ato cerimonial.

Em 1896, dois anos após publicar *As Neuropsicoses de Defesa*, Freud considera que “a natureza da neurose obsessiva pode ser expressa numa fórmula simples. As idéias obsessivas são, invariavelmente, auto-acusações transformadas que reemergiram do recalque e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância [...]. Sempre que uma obsessão neurótica emerge na esfera psíquica, ela provém do recalqueamento.”<sup>105</sup>

Durante a vigência da teoria traumática das neuroses (1892 - 1897), Freud já aponta para o valor concebido à falha do recalque na formação da idéia obsessiva como também na formação de outros sintomas obsessivos. A idéia obsessiva é conceituada como acusações dirigidas pelo sujeito a si mesmo, momento este em que as auto-acusações obsessivas são distorcidas por um trabalho psíquico inconsciente de transformação e substituição. Essas auto-acusações, ou seja, essas idéias obsessivas, sempre reemergem do recalqueamento. Assim, em

---

<sup>105</sup> FREUD, Sigmund (1896 a). Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesas. *ESB*, vol. III, 1996, p.169-71.

1896, Freud já destaca a importância da falha do recalçamento para a formação do sintoma obsessivo.

Freud retoma esta noção de falha do recalçamento, na neurose obsessiva, ao analisar Ernest Lanzer, o Homem dos Ratos. Neste caso, reconhece:

No ano de 1896, defini idéias obsessivas como ‘autocensuras transformadas que reemergiram da repressão e que invariavelmente se referem a algum ato sexual praticado com prazer na infância.’ Essa definição agora me parece exposta às críticas sobre seus fundamentos formais, embora seus elementos componentes sejam irrepreensíveis [...]. Aglomeram sob a designação de ‘idéias obsessivas’ as mais heterogêneas estruturas psíquicas. Com efeito, seria correto falar do ‘pensar obsessivo’, e esclarecer que as estruturas obsessivas podem corresponder a toda sorte de ato psíquico. Elas podem ser classificadas como desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, ordens ou proibições.<sup>106</sup>

Ao se reportar ao ano de 1896 e declarar que a definição de idéia obsessiva deve ser exposta às críticas sobre seus fundamentos formais, entendo que estes fundamentos estejam relacionados à teoria traumática das neuroses, a qual é abandonada na carta de 21 de setembro de 1897 de Freud a Fliess, ao afirmar: “não acredito mais em minha neurótica.”<sup>107</sup> De outro lado, ao asseverar que os elementos formais são corretos penso que Freud se refira à falha do recalçamento (secundário), fato este que ele já destaca em 1896, ainda sob as luzes da teoria traumática das neuroses. Deste modo, a idéia obsessiva, ao passar pelo recalçamento, sofre uma deformação semelhante à deformação do conteúdo manifesto de um sonho e, no conceito de idéia obsessiva, encontram-se presentes impulsos, reflexões, dúvidas, desejos e tentações.

Ainda sobre o recalçamento na neurose obsessiva, Freud declara:

A neurose obsessiva tem por base uma regressão devido à qual uma tendência sádica foi substituída por uma afetiva. É esse impulso hostil contra alguém que é amado, que se acha sujeito à repressão [...]. De início, a repressão é inteiramente cercada de êxito; o conteúdo ideacional é rejeitado, fazendo com que o afeto desapareça [...]. A repressão [...] fez uso da formação de reação para atingir esse propósito, intensificando um oposto [...]. No entanto, a repressão, que foi de início bem sucedida, não se firma; no decorrer dos acontecimentos, seu fracasso se torna cada vez mais acentuado. A

<sup>106</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Op. cit., p.193.

<sup>107</sup> FREUD, Sigmund (1897). Op. cit., p.309.

ambivalência que permitiu que a repressão ocorresse através da formação de reação, constitui também o ponto em que o reprimido consegue retornar.<sup>108</sup>

Isto significa que ao longo da fase de latência, o recalçamento na neurose obsessiva não resiste. Este recalçamento deve ser considerado, segundo Freud, como um processo que só obtém êxito parcial, estando constantemente sob a ameaça de um fracasso. Devido a este fracasso há a formação de inúmeros sintomas obsessivos. Estes podem ser considerados como o retorno do recalçado, ou seja, formações de compromisso.

Devido a esta falha, o recalque, “utilizando-se do mecanismo de defesa da formação reativa, intensifica um oposto.”<sup>109</sup> Isto é, o amor consciente do obsessivo à figura identificada (como a do pai) recalca o oposto, o ódio inconsciente de proporções semelhantes, pois na neurose obsessiva é o impulso hostil contra alguém que é amado que se acha sujeito à repressão; e é na ambivalência presente na formação reativa que consiste o retorno do reprimido.

No artigo “Mecanismos de Defesa na Neurose Obsessiva”, Telles afirma que “a formação reativa parece ser uma espécie de reassuramento de uma repressão prévia e é constituída de modo a evitar-se a repetição constante da repressão secundária. Funciona como se o perigo estivesse constantemente presente exigindo do indivíduo uma sistemática defesa contra ele.”<sup>110</sup>

Além da falha no recalçamento, Freud relewa que “uma regressão da vida sexual ao estágio pré-genital sádico e anal-erótico [...] descobrimos a disposição à neurose obsessiva.”<sup>111</sup> A regressão da libido à organização anal-sádica é a predisposição à neurose obsessiva. Os instintos anal-eróticos e sádicos, na neurose obsessiva, tomam sobre si a representação dos instintos genitais dos quais são precursores no processo de desenvolvimento através desta regressão.

Na neurose obsessiva:

---

<sup>108</sup> FREUD, Sigmund (1915). *Repressão*. *ESB*, vol. XIV, 1996, p.161.

<sup>109</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>110</sup> TELLES, Vera S. (1979). *Mecanismos de defesa na neurose obsessiva*. In: Berlinck, Manoel Tosta. *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005, p.421.

<sup>111</sup> FREUD, Sigmund (1913 a). *Op. cit.*, p.347.

A organização genital da libido vem a ser débil e insuficientemente resistente, de modo que, quando o ego começa seus esforços defensivos, a primeira coisa que ele consegue fazer é lançar de volta a organização genital (da fase fálica), no todo ou em parte, ao nível anal-sádico mais antigo. Esse fato de regressão é decisivo para tudo o que se segue.<sup>112</sup>

Devido a debilidade da organização genital infantil e os esforços defensivos do ego, esta instância psíquica “lança” a organização genital infantil à fase anterior, anal-sádica. A obsessão está relacionada à regressão da vida sexual à fase anal, tendo como consequência um sentimento de ódio que é característico da própria constituição do sujeito humano; pois é o ódio, antes do amor, que estrutura o conjunto das relações pessoais, levando-o a se defender através de uma moral. Assim, esta regressão da libido é o fator primordial para a formação dos sintomas na neurose obsessiva.

Abro um breve parêntese. Em fevereiro de 1898, seis meses após renunciar à teoria traumática das neuroses, Freud assegura que “a etiologia das psiconeuroses encontra-se no campo da sexualidade e a raiz de toda psiconeurose pertence a uma época pré-histórica à época da infância inicial.”<sup>113</sup> Nessa época, ele ainda não tinha estudado as fixações da libido na fase anal-sádica e a sua relação com a neurose o



maneira, as pulsões destrutivas, agressivas, ou seja, a pulsão de morte necessita de seu reconhecimento em um caso de neurose obsessiva.

Ainda Freud ressalta que “a defusão de amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o superego, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente ego.”<sup>116</sup> Como consequência da regressão da libido, intensifica-se o conflito na neurose obsessiva entre as forças defensivas (do ego e do superego) e as forças que devem ser desviadas (provenientes dos desejos eróticos, da crueldade e da violência do id).

Neste conflito, Freud relata que “o superego torna-se excepcionalmente severo e rude.”<sup>117</sup> O superego na neurose obsessiva tem como particularidade o seu modo áspero e rude de interagir com o ego. E ao passo que o superego age sobre o ego através de uma maneira severa e rígida, o ego resiste às pulsões destrutivas do id, desenvolvendo várias formações reativas que adquirem a forma de sentimentos de escrúpulo, piedade e limpeza.

No artigo “Ódio e Inação: o Negativo na Neurose Obsessiva”, Gurfinkel expõe que “na neurose obsessiva, devido à regressão à organização sádico-anal, o impulso erótico se transforma em agressivo ao objeto, e o eu defende-se deste a todo custo; o superego, no entanto, age como se o eu fosse o responsável por tal impulso, perseguindo-o severamente. O eu fica, pois, perdido e esmagado entre um Isso assassino e as acusações da consciência moral punitiva.”<sup>118</sup>

Em uma outra leitura sobre o conflito entre as instâncias psíquicas na neurose obsessiva, Green interpreta que “o superego é intolerante e se comporta como se o recalçamento não ocorresse. O recalçado, o id, é igualmente intolerante e exige satisfação de uma forma cada vez mais imperiosa. A produção de novos sintomas corresponde a uma demanda de libertação com relação ao superego.”<sup>119</sup>

Ainda sobre o superego, na *Conferência XXXI - A Dissecção da Personalidade Psíquica* de 1933/1932, Freud salienta que a presença desta instância psíquica “pode ser classificada como um exemplo bem sucedido de identificação com a instância parental.”<sup>120</sup>

<sup>115</sup> FREUD, Sigmund (1923 a). Op. cit., p.55.

<sup>116</sup> Idem, p.67.

<sup>117</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). Op. cit., p.117.

<sup>118</sup> GURFINKEL, Décio (2001). Ódio e inação: o negativo na neurose obsessiva. In: Berlinck, Manoel Tosta. *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005, p.243.

<sup>119</sup> GREEN, André (1964). Neurose obsessiva e histeria: suas relações em Freud e a partir de Freud. In: Berlinck, Manoel Tosta. *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005, p. 184.

<sup>120</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). Op. cit. *ESB*, vol. XXII, 1996, p.69.

No caso da neurose obsessiva, há “uma identificação com a pessoa amada.”<sup>121</sup> Isto significa que no caso do sujeito do sexo masculino há uma identificação com a figura paterna.

Assim, o neurótico, ao substituir o pai primevo pelo pai na atual sociedade, “reafirma a identificação com este pai e sua atitude emocional ambivalente para com este.”<sup>122</sup> A ambivalência de amor e ódio é fruto da relação do menino com o seu pai, pois a presença desta ambivalência baseia-se na proibição do incesto sustentada pela figura paterna. Conseqüentemente, as duas proibições de não matar o pai e de não ter relações sexuais com a mãe (desejos estes recalcados) ressurgem nos sintomas neuróticos onde formarão o núcleo de todas as psiconeuroses, incluindo-se nesta a neurose obsessiva.

Se os desejos recalcados ressurgem nos sintomas neuróticos, Freud, ao longo de seus estudos sobre a neurose obsessiva, apresenta algumas “definições” para o sintoma obsessivo.

Em 1897, ele afirma que “a formação de compromissos (isto é, os sintomas) ocorre nas neuroses em pontos diferentes [...]. Nas neuroses obsessivas, os impulsos pervertidos que penetram na vida normal são distorcidos pela formação de compromissos.”<sup>123</sup> Durante a vigência da teoria traumática das neuroses, Freud entende o sintoma obsessivo como uma formação de compromisso na qual estão presentes os impulsos perversos distorcidos. Ou seja, nesta época, ele aponta a presença de impulsos perversos que emergiram do recalçamento e que se encontram, através das formações de compromissos, nos sintomas da dúvida, nos atos cerimoniais e em outras formações sintomáticas.

Freud postula que “os sintomas na neurose obsessiva vêm a ser aqueles provocados pela pressão de impulsos sexuais sádicos intensos que são pervertidos quanto ao seu fim [...]. Os sintomas são um substituto de algo que foi afastado pela repressão [...] e que podem ser adequadamente visualizados como satisfações substitutivas daquilo que se perde na vida.”<sup>124</sup> Em 1917, vinte anos após abandonar a teoria traumática das neuroses, Freud reitera a presença dos impulsos perversos nos sintomas obsessivos. Estes, nesta psicopatologia, representam um certo tipo de satisfação substitutiva; já que nesta neurose, o impulso pervertido, após ter sido recalcado, se manifesta no inconsciente. Devido à ação do recalçamento, estes sintomas tornam-se formações substitutivas dos desejos sexuais que foram recalcados na tenra infância da criança.

---

<sup>121</sup> FREUD, Sigmund (1913 a). Op. cit., p.339.

<sup>122</sup> FREUD, Sigmund (1924 e). Um estudo autobiográfico. *ESB*, vol. XX, 1996, p.70.

<sup>123</sup> FREUD, Sigmund (1897 b). Carta de 2 de maio de 1897. *ESB*, vol. I, 1996, p.296.

<sup>124</sup> FREUD, Sigmund (1917[1916-1917] b). Conferência XIX - Resistência e repressão. *ESB*, vol. XVI, 1996, p.304-6.

As manifestações da neurose obsessiva, tais como os sintomas obsessivos, “preenchem a conciliação entre as forças antagônicas da mente.”<sup>125</sup> Segundo Freud, os sintomas neuróticos representam uma formação de com

Segundo Freud, “o sentido de um sintoma possui determinada conexão com a experiência do paciente. Quanto mais individual for a forma dos sintomas, mais motivos teremos para esperar que seremos capazes de estabelecer esta conexão.”<sup>128</sup> A edificação de um sintoma obsessivo vem a ser o “substituto” de um desejo recalcado; já que determinados processos mentais normalmente deveriam ter evoluído até um ponto em que a consciência receberia algumas informações destes processos, embora isso não aconteça devido ao recalçamento; e no lugar de receber estas informações do sistema inconsciente surge o sintoma obsessivo. Na neurose obsessiva, a formação sintomática pode ser considerada como o retorno do recalcado, momento este em que o recalcado consegue retornar à consciência, de uma forma distorcida, através do sintoma.

Freud aponta que, tal como acontece nos sonhos, nos sintomas neuróticos “não há limite para outros determinantes que possam estar presentes para a sobredeterminação dos sintomas.”<sup>129</sup> Nos sintomas neuróticos, a sobredeterminação não pressupõe que o sintoma se preste a um número indefinido de interpretações. A formação de um sintoma neurótico remete para elementos inconscientes múltiplos que podem se organizar em seqüências significativas diferentes, na qual cada seqüência apresenta a sua coerência própria.

Para Freud, os sintomas obsessivos “se enquadram, em geral, em dois grupos, cada um tendo uma tendência oposta. São proibições, precauções e expiação [...] ou são, ao contrário, satisfações substitutivas que amiúde aparecem em disfarce simbólico.”

defensiva do ego contra a obsessão; e por isso, por si só, pode produzir novos sintomas - os da defesa secundária [...].”<sup>131</sup>

Nesta época, o ato cerimonial é considerado como fruto da defesa secundária do ego contra a idéia obsessiva. E se a compulsão dos impulsos motores for transferida contra a obsessão, conseqüentemente podem aparecer alguns sintomas secundários como os rituais protetores. Esses rituais obsessivos (ou rituais protetores) são os sintomas secundários da defesa. Além desses rituais, englobam-se como sintomas secundários a compulsão a acumular objetos, verificar minuciosamente as coisas e outros sintomas.

Segundo Freud:

As ações obsessivas são sempre uma ‘defesa’ contra as lembranças reprimidas [...]. A defesa secundária incide sobre os afetos obsessivos e leva a um conjunto [...] mais vasto de medidas protetoras passíveis de se transformarem em atos obsessivos.<sup>132</sup>

Em 1896, Freud encontra-se ainda postulando a teoria traumática das neuroses. Neste contexto, os rituais obsessivos são conceituados como resultado da luta defensiva contra a lembrança recalçada, ou seja, contra a lembrança da experiência sexual traumática.

Após abandonar a teoria traumática das neuroses em 1897, Freud retoma o estudo sobre o cerimonial obsessivo em 1907, em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*. Neste artigo, ele relewa que “as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, idéias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial que comumente se denomina de neurose obsessiva.”<sup>133</sup>

Assim, na entidade clínica denominada neurose obsessiva, encontramos pessoas que praticam atos cerimoniais (ou obsessivos) como também pessoas que apresentam impulsos obsessivos e idéias obsessivas, sendo que nem todas as idéias ou impulsos finalizam em atos cerimoniais.

No artigo “Pensando a neurose obsessiva a partir de ‘Atos Obsessivos e Práticas religiosas’ de Freud”, Franco considera que “há uma família de sintomas que marcam a

---

<sup>131</sup> FREUD, Sigmund (1896 b). Rascunho K. *ESB*, vol. I, 1996, p.272.

<sup>132</sup> FREUD, Sigmund (1896). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. *ESB*, vol. III, 1996, p.172.

<sup>133</sup> FREUD, Sigmund (1907). Op. cit., p.109.

neurose obsessiva, sendo que os atos obsessivos [...] são apenas um dentre outros. Há também pensamentos, idéias e impulsos obsessivos que nunca se concretizam em atos [...].”<sup>134</sup>

Freud compreende que “os cerimoniais neuróticos consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que devem ser sempre realizados numa mesma ordem, ou com variações regulares [...]. Tão triviais quanto os próprios atos cerimoniais são as ocasiões e as atividades ornamentadas, complicadas e sempre prolongadas pelo cerimonial [...].”<sup>135</sup> Os atos obsessivos são atos sintomáticos, frutos de uma formação de compromisso entre as instâncias psíquicas que se opõem. O neurótico é incapaz de renunciar a estes atos, pois a qualquer afastamento ou a não realização de algum ritual pode lhe gerar muita ansiedade.

Em 1907, ainda no artigo *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*, Freud expõe:

O cerimonial é sempre executado como se tivesse de obedecer a certas leis tácitas [...]. Em casos leves, o cerimonial parece ser nada mais do que a intensificação de hábitos ordeiros muito justificáveis; é a especial consciência que cerca sua execução e a ansiedade que surge que lhe dão o caráter do ‘ato sagrado’ [...]. Não esperemos encontrar uma distinção nítida entre ‘cerimoniais’ e ‘atos obsessivos’. Em geral os atos obsessivos derivam-se de cerimoniais. Além desses, o conteúdo do distúrbio abrange proibições e impedimentos (abulias), que na realidade apenas levem adiante o trabalho dos atos obsessivos, portanto algumas coisas são completamente vedadas ao paciente e outras só permitidas após a realização de um determinado cerimonial.<sup>136</sup>

Então, para o neurótico, tudo se passa como se o ato cerimonial fosse um ato sagrado que não pode deixar de ser realizado. Parece existir uma lei silenciosa, não expressa em palavras, que obriga-o a realizar o ritual, pois algumas atividades são completamente proibidas ao obsessivo e outras só permitidas após a realização de um determinado cerimonial. E ao elaborar, neste texto, uma comparação entre a religião e o ato cerimonial sagrado dos neuróticos, Freud caracteriza a neurose obsessiva como uma religião individual e a religião como uma obsessão universal.

---

<sup>134</sup> FRANCO, Sergio de Gouvêa (2005). Pensando a neurose obsessiva a partir de “Atos obsessivos e práticas religiosas” de Freud. In: Berlinck, Manoel Tosta. *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005, p.153.

<sup>135</sup> FREUD, Sigmund (1907). Op. cit., p.109.

<sup>136</sup>

Em *Atos Obsessivos*, Freud também menciona duas características dos rituais obsessivos. A primeira é que os atos obsessivos são atividades solitárias do sujeito, já que “os que sofrem dessa enfermidade são capazes de manter o seu mal como um assunto particular, ocultando-o por muitos anos.”<sup>137</sup> Há certos atos que são realizados secretamente pelos obsessivos, sem que outras pessoas tenham conhecimento; ou seja, tanto a compulsão quanto a proibição de certos atos são usualmente imperativos de serem realizados solitariamente.

A segunda característica é decorrente desse caráter privado dos atos obsessivos. Freud afirma que “todos os detalhes dos atos obsessivos possuem um sentido, que servem a importantes interesses de personalidade [...]. Fazem isso de duas formas: por representação direta ou simbólica [...]”<sup>138</sup> As minúcias e os detalhes possuem um sentido que derivam das experiências mais íntimas do sujeito. Nos atos obsessivos, todos os seus detalhes têm um sentido que podem ser interpretados, pois estes atos expressam motivos e idéias inconscientes.

Segundo Freud, “quando o cerimonial obsessivo é formado, o paciente ainda tem consciência de que deve fazer isso ou aquilo algo para evitar algum mal.”<sup>139</sup> Deste modo, o cerimonial surge como um ato de defesa ou como um ato de segurança, sendo este ato uma medida protetora cujo objetivo é evitar o mal esperado, como por exemplo, a morte de uma pessoa querida muito próxima.

Em seu artigo “Pensando a Neurose Obsessiva a partir de Atos Obsessivos e Práticas Religiosas”, Franco destaca que “os cerimoniais obsessivos são constituídos de pequenos atos ou restrições de ações que devem ser executados em uma certa ordem [...]. Tudo se passa como um ato sagrado que não pode deixar de ser feito. Algumas coisas são completamente vedadas aos pacientes e outras só permitidas após a realização de um determinado cerimonial [...]. Por esta razão, a neurose obsessiva pode passar completamente despercebida socialmente.”<sup>140</sup>

Em uma outra leitura sobre os atos obsessivos, Ferraz reconhece que “os atos [obsessivos] levados a cabo são prenhes de um sentido simbólico que expressa a experiência psíquica daquele que os realiza.”<sup>141</sup>

---

<sup>137</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>138</sup> Idem, p.111.

<sup>139</sup> Idem, p.114.

<sup>140</sup> FRANCO, Sérgio de Gouvêa (2005). Op. cit., p.153.

<sup>141</sup> FERRAZ, Flávio Carvalho (2002). A “religião particular” do neurótico. In: Berlinck, Manoel Tosta. *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005, p.127.

Freud aponta que os desejos recalçados exercem um papel fundamental nos rituais obsessivos. Em 1909, ao publicar o caso clínico do Homem dos Ratos, esclarece que “todo medo [obsessivo] correspondia a um desejo primeiro, agora reprimido.”<sup>142</sup> Ele se refere aqui ao medo da morte do pai deste jovem paciente, medo este que corresponde ao antigo desejo parricida recalçado. Desta maneira, a estranha extensão dos medos obsessivos de Ernest Lanzer desempenha uma compensação pelos seus desejos de morte que sentira contra o seu pai.

No ilustre livro *Totem e Tabu*, publicado em 1913, Freud salienta que na neurose obsessiva “o desejo instintivo se desloca constantemente a fim de fugir ao impasse e se esforça por encontrar substitutos - objetos substitutos e atos substitutos - para colocar em lugar dos proibidos.”<sup>143</sup> Isto significa que o desejo “proibido” presente no inconsciente do neurótico desloca-se e este desejo pode vir acompanhado de impulsos motores. Conseqüentemente, a proibição obsessiva pode ser transferida, devido ao deslocamento do desejo instintivo, esforçando-se por achar objetos e atos substitutos.

Segundo Freud, “o cerimonial provém de intenções [da realidade psíquica] e não da execução delas.”<sup>144</sup> O cerimonial obsessivo tem a sua origem na realidade psíquica do sujeito. O cerimonial ocorre devido a intenções da realidade psíquica, expressando-se em atos simbólicos. Esses atos apresentam um caráter compul



opostas.”<sup>146</sup> O cerimonial obsessivo é fruto da ambivalência (do medo consciente e do desejo inconsciente, do amor consciente e do ódio inconsciente) presente na constituição psíquica do neurótico. Conseqüentemente, os atos obsessivos expressam simultaneamente esta ambivalência.

Ao se referir à ambivalência presente nos atos obsessivos, Freud também afirma que “em seu inconsciente não existe nada que mais gostassem de fazer do que violá-los; mas temem fazê-lo [...]. O medo é mais forte que o desejo.”<sup>147</sup> A proibição presente no ato obsessivo é o tocar, ou seja, tocar o objeto proibido. Esse tocar é que Freud chama de fobia de contato. O medo de violar e o desejo inconsciente de violar é que leva o neurótico a uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe. Os atos obsessivos, as medidas defensivas e ordens obsessivas são resultados dos impulsos ambivalentes (de desejar e de temer), ou seja, correspondem tanto a um desejo como a um contradesejo.

Freud associa a origem da ambivalência na neurose obsessiva com a morte do pai primevo. Postula que “o neurótico, ao substituir o pai primevo pelo pai na atual sociedade, reafirma a identificação do menino com o seu pai e sua atitude emocional ambivalente para com este.”<sup>148</sup> As duas proibições de não matar o pai e de não ter relações sexuais com a mãe (desejos estes recalcados) são redespertados e formarão o núcleo de todas as psiconeuroses, inclusive da neurose obsessiva. De outro lado, a ambivalência faz parte da essência da relação do menino com o pai. A atitude da criança com o pai é ornada por uma ambivalência peculiar. O próprio pai representa um perigo para a criança, provavelmente por causa do relacionamento anterior dele com a mãe. Desta maneira, a criança o teme tanto quanto anseia por ele e o admira.

Sobre a ambivalência e a hostilidade ao pai nas obsessões, Franco compreende que “o amor e o ódio, a ambivalência [...] são apresentados como marcas fundamentais da neurose obsessiva.”<sup>149</sup>

Além da ambivalência, Freud estabelece uma relação entre os tabus e os atos obsessivos, afirmando que “o ponto de concordância mais evidente e marcante entre as proibições obsessivas dos neuróticos e os tabus é que essas proibições são igualmente destituídas de motivo, sendo do mesmo modo misteriosas em suas origens. Tendo surgido em um certo momento não especificado, são forçosamente mantidas por um medo irresistível

---

<sup>146</sup> Idem, p.52.

<sup>147</sup> Idem, p.47.

<sup>148</sup> FREUD, Sigmund (1924 e). Op. cit., p.137.

[...].”<sup>150</sup> As proibições obsessivas realizadas pelos neuróticos são privadas de motivo, tornando-se misteriosa e enigmática para os mesmos. Essa neurose pode ser denominada de “doença dos tabus”, posto que se trata de neuróticos que criaram proibições tabus e obedecem a elas com o mesmo rigor que os selvagens às proibições coletivas de sua tribo.

Sobre os tabus nos rituais obsessivos, Freud ainda assevera:

A principal proibição, o núcleo da neurose, é contra o tocar e daí ser às vezes conhecida como ‘fobia de contato’ ou ‘delire du toucher’[...]. A finalidade de algumas das proibições nos surpreendem por serem incompreensíveis, destituídas de sentido e tolas, sendo as proibições desta última espécie descritas como ‘cerimoniais’.”<sup>151</sup>

O que os neuróticos mais temem (na esfera consciente) e desejam (inconscientemente) é o toque do desejo; isto é, o toque do objeto incestuoso. Para evitar esse “toque” são criadas as proibições obsessivas como um meio de desviar os pensamentos do objeto proibido; pois tanto o contato físico, como do pensamento com o objeto desejado, torna-se um tabu. Conseqüentemente, o perigo da violação do tabu é evitado pelo neurótico através de atos de expiação e purificação, pois se não realizar o ato obsessivo, alguma pessoa de seu ambiente (como o pai) pode ser punida como fruto dessa violação.

Freud relata que “as mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos.”<sup>152</sup> Em *Totem e Tabu* (1913), ele realiza uma correlação entre os dois tabus do totemismo e os dois elementos do complexo de Édipo (livrar-se do pai e tomar a mãe como esposa). Assim, as relações entre as proibições dos neuróticos e os tabus dessas proibições são os alvos de rituais na neurose obsessiva. Tendo o ritual surgido em certo momento não especificado, este é mantido por um sigilo irresistível pelo obsessivo.

No artigo “A Enfermidade dos Tabus: do Querer Gozar ao Querer Dizer”, Lopes e Vasconcelos, em suas leituras sobre *Totem e Tabu*, admitem:

---

<sup>149</sup> FRANCO, Sérgio de Gouvêa (2005). Op. cit., p.150.

<sup>150</sup> FREUD, Sigmund (1913 b). Op. cit., p.44.

<sup>151</sup> Idem, ibidem.

O próprio sintoma torna-se a fonte principal de satisfação. As ações obsessivas, que visam cancelar as restrições e renúncias, exibem isso de forma peculiar. Realizam-se sob forma de um cerimonial, apresentam um caráter compulsivo e têm a natureza de penitências e purificações [...]. A ação obsessiva trata-se de satisfação substitutiva da moção pulsional rechaçada pelo eu [...]. Nessa neurose, tal proibição tem relação com as interdições que caracterizam os tabus [...]. A função desse tabu é evitar o contato com o objeto, seja de investimento amoroso (Eros), seja de investimento agressivo (destruição)[...]. Tanto quantos os tabus, as proibições são imotivadas e de origem enigmática. Surgiram uma vez e agora é preciso observá-las, do contrário, surge uma angústia incontrolável.<sup>153</sup>

Em 1917, cinco anos após a publicação de *Totem e Tabu*, Freud explicita que na neurose obsessiva “certos impulsos obsessivos possuem um conteúdo da mais assustadora categoria, como por exemplo, impulsos de cometer graves crimes, mas deles [o neurótico] foge com horror e se resguarda de executá-los, recorrendo a proibições, renúncias e restrições.”<sup>154</sup> O neurótico obsessivo apresenta certos pensamentos que lhe causam sofrimento, como também impulsos internos que são percebidos como esquisitos. Estes impulsos obsessivos (tais como pensamentos obsessivos) não se concretizam na realidade, tornando os atos obsessivos coisas inofensivas e banais.

Assim, devido a presença de pensamentos e impulsos obsessivos, os neuróticos são compelidos a ruminações mentais indesejadas. Nestes pensamentos ruminantes, o impulso inconsciente nunca força seu caminho rumo a sua realização. Conseqüentemente, os impulsos tão freqüentes nos pensamentos obsessivos nunca se concretizam na realidade e através da fuga e precauções, são deslocados para atos obsessivos.

No *Dicionário de Psicanálise*, Roudinesco e Plon entendem que, devido aos impulsos e pensamentos obsessivos, “o sujeito [obsessivo] é mergulhado num verdadeiro inferno do qual nunca consegue escapar. Pois bem, esse inferno não é outra coisa senão a versão

---

<sup>152</sup> FREUD, Sigmund (1913 b). Op. cit., p.49.

<sup>153</sup> BESSET, Vera L. & ZANOTTI, Susana V. (2005). A enfermidade dos tabus: do querer gozar ao querer dizer. In: Berlinck, Manoel Tosta (2005). *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005, p.42-3.

<sup>154</sup> FREUD, Sigmund (1917[1916-1917] a). Op. cit., p.267.

patológica de um sistema institucional patriarcal [...] do qual, aliás, Freud tanto enaltece as fraquezas quanto os méritos.”<sup>155</sup>

Nos atos obsessivos, encontram-se também os mecanismos de defesa, como o deslocamento, o isolamento e a anulação. Mas antes de focar estes mecanismos, é necessário lembrar ao leitor que “durante o período que vai do final do quinto ano às primeiras manifestações da puberdade [...] criam-se na mente formações reativas [...]”<sup>156</sup> Ou seja, como na neurose obsessiva há falha no recalçamento secundário, cria-se o mecanismo da formação reativa. Segundo Freud, esta formação reativa psíquica encontra-se insegura e constantemente ameaçada pelos desejos inconscientes. Conseqüentemente, os atos cerimoniais ou obsessivos “surtem como uma proteção contra a tentação, [...] contra o mal esperado.”<sup>157</sup>

No artigo “Pensando a neurose obsessiva a partir de ‘Atos obsessivos e práticas religiosas’ de Freud”, Franco expõe que “a neurose obsessiva nada mais é do que uma formação psíquica reativa, uma defesa contra o impulso preso no inconsciente.”<sup>158</sup>

Outro mecanismo presente nos atos cerimoniais é o deslocamento. Sobre este mecanismo, Freud assevera:

Os cerimoniais se prendem aos atos menores da vida cotidiana e se expressam através de restrições e regulamentações tolas em conexão com eles. Só compreendemos esse singular aspecto do quadro clínico quando percebemos que os mecanismos do deslocamento psíquico [...] domina os processos mentais da neurose obsessiva [...]. Os simbolismos desses [...] atos resultam de um deslocamento, da substituição do elemento real e importante por um trivial.<sup>159</sup>

Isto é, pertence à etiologia da neurose obsessiva realizar a mais plena utilização possível do mecanismo do deslocamento, pois o simbolismo presente em certos atos cerimoniais é resultado do deslocamento, da substituição de um elemento importante por um elemento banal, corriqueiro. Conseqüentemente, essa tendência para o deslocamento transforma um ato extremamente banal em algo da maior urgência e importância.

---

<sup>155</sup> ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel (1997). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.540.

<sup>156</sup> FREUD, Sigmund (1908). CarátŁ21a5734(-)-51.3894(J)-8.83567(a)-2.05734(n)5.7217(e)-2.05734(i)0.721099(r)-4.55617.29

Ao publicar as *Conferências Introdutórias* em 1917, Freud ressalta que “existe uma coisa apenas, que ela [a neurose obsessiva] pode fazer: realizar deslocamentos, trocas, pode substituir uma idéia absurda por outra um pouco mais atenuada, em vez de um cerimonial pode realizar um outro. Pode deslocar a obsessão, mas não removê-la.”<sup>160</sup> A possibilidade de deslocar qualquer sintoma para algo muito distante de sua conformação original é uma das principais características da neurose obsessiva. A obsessão consiste em deslocamentos para pequenos detalhes ou minúcias, momento este em que o neurótico obsessivo se preocupa com fatos aparentemente insignificantes.

Além do deslocamento, a anulação também é um outro mecanismo presente nos atos obsessivos. Para Freud:

Na neurose obsessiva a técnica de desfazer o que foi feito é encontrada pela primeira vez nos sintomas ‘bifásicos’, nos quais uma ação é cancelada por uma segunda, do modo que é como se nenhuma ação tivesse ocorrido, ao passo que, na realidade, ambas ocorreram. A finalidade de desfazer é o segundo motivo subjacente dos cerimoniais obsessivos, sendo o primeiro tomar precauções a fim de impedir a ocorrência ou recorrência de algum evento específico.<sup>161</sup>

Nos atos cerimoniais, o mecanismo da anulação está presente como um meio de desfazer um evento específico, momento este em que as fórmulas protetoras encontram sua contrapartida nas fórmulas da magia. A importância deste mecanismo para o cerimonial consiste no fato que, na anulação, a primeira razão do cerimonial obsessivo é tomar precauções a fim de evitar a ocorrência de um evento específico e a segunda razão é a finalidade de desfazer, implícito dos cerimoniais.

Freud define o mecanismo da anulação ou a técnica de desfazer como uma “mágica negativa e que se esforça por meio do simbolismo motor por ‘dissipar com um sopro’ [...] o próprio evento.”<sup>162</sup> Nesta neurose, as duas partes do sintoma geralmente encontram-se separadas. Conseqüentemente, o sintoma torna-se bifásico, ou seja, divide-se em dois

---

<sup>160</sup> FREUD, Sigmund (1917[1916-1917] a). Op. cit., p.267.

<sup>161</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). Op. cit., p.120.

<sup>162</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). Op. cit., p.120.

estádios. Essa divisão em estádios consiste em duas ações, uma depois da outra, as quais se anulam reciprocamente.

Um exemplo deste mecanismo está presente em um ritual apresentado pelo Homem dos Ratos. No dia em que a sua amada devia partir, Lanzer “bateu com o seu pé numa pedra da estrada e foi obrigado a afastá-la do caminho, pondo-a à beira da estrada, pois lhe veio a idéia obsessiva de que o carro dela iria passar [...] pela mesma estrada e poderia acidentarse nesta pedra.”<sup>163</sup> Minutos depois, o Homem dos Ratos pensou que era um absurdo isso acontecer e restituiu a pedra à sua posição onde estava. Assim, o ato de retirar a pedra e, posteriormente, colocá-la no mesmo lugar exemplifica o mecanismo da anulação na dinâmica psíquica deste obsessivo.

Um outro mecanismo de defesa presente nos rituais obsessivos é o isolamento. Sobre este mecanismo, Freud propõe:

O efeito desse isolamento é o mesmo que o efeito da repressão com amnésia e o isolamento recebe reforço motor para finalidades mágicas [...]. O isolamento motor destina-se assegurar uma interrupção da ligação do pensamento [...]. Enquanto o neurótico está empenhado em pensar, seu ego tem de manter muita coisa afastada - a intrusão de fantasias inconscientes e a manifestação de tendências ambivalentes [...]. O ego fortifica essa compulsão a concentrar e a isolar mediante a ajuda dos atos mágicos de isolamento que, sob a forma de sintoma, se desenvolvem, passando a ser tão dignos de nota e a ter tanta importância prática para o paciente, mas que são, naturalmente, inúteis em si e que têm a natureza de cerimoniais.<sup>164</sup>

O isolamento, como a anulação, também ocorre na esfera motora. Neste mecanismo, a experiência é separada do seu afeto e suas conexões associativas são supridas, permanecendo isoladas, não sendo reproduzidas nos pensamentos obsessivos. O ego, cuja função é orientar a corrente do pensamento, realiza isolamentos nos pensamentos obsessivos devido ao alto grau de tensão existente entre o superego, que na neurose obsessiva torna-se cruel e rígido, e o id, pólo das pulsões destrutivas.

---

<sup>163</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Op. cit., p. 167.

<sup>164</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). Op. cit., p.120-1.

Freud entende que “nesse esforço para impedir associações e ligações de pensamento, o ego está obedecendo a uma das ordens mais antigas e fundamentais da neurose obsessiva, o tabu de tocar.”<sup>165</sup> Quando um neurótico isola uma impressão, um pensamento ou uma atividade, este sujeito está permitindo que se compreenda simbolicamente que o mesmo não tolera que seus pensamentos sobre uma determinada impressão ou atividade estabeleça uma associação com outros pensamentos.

Em seu artigo “Mecanismos de Defesa na Neurose Obsessiva”, Telles interpreta que “a obsessão deve ficar separada do desejo, assim como o sujeito de suas fezes. Daí no pensamento, desejo (obsessão ou fezes) não pode encontrar-se com o objeto (realização do desejo) [...]. Mas não é o isolamento que explica a desconexão; ele apenas a possibilita e mantém. O isolamento é a consequência da necessidade prévia de impedir a junção. Desse modo, tais mecanismos de defesa (a anulação e o isolamento) representam e realizam as duas faces contraditórias do problema: mantém a proibição, e no mesmo ato, são sua realização.”<sup>166</sup>

Finalizando este capítulo, acredito que os conceitos teóricos elencados no decorrer do mesmo venham a enriquecer o estudo que almejo nesta dissertação, já que tanto a definição de sintoma obsessivo como de ato cerimonial (e de seus respectivos mecanismos de defesa) são fundamentais para a compreensão do ato obsessivo de ocultar facas.

## **2- Outros sintomas obsessivos correlacionados ao ato cerimonial: a dúvida (ou incerteza), o sentimento de culpa e o pensamento obsessivo.**

Dos três sintomas acima citados, este subcapítulo inicia-se pelo sintoma da dúvida (ou incerteza). Este sintoma começa a ser estudado por Freud em 1895, especificamente no texto *Obsessões e Fobias*, no qual ele releva que “a dúvida é um resultado bastante lógico na presença de obsessões.”<sup>167</sup> Nas obsessões é comum a pessoa expor as dúvidas simultaneamente e sucessivamente.

---

<sup>165</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). Op. cit., p.122.

<sup>166</sup> TELLES, Vera S. (1979). Op. cit., p.427.

<sup>167</sup> FREUD, Sigmund (1895). Op. cit., p.83.

Em 1909, quatorze anos após publicar *Obsessões e Fobias*, Freud destaca:

A dúvida corresponde à percepção interna que tem o paciente de sua própria indecisão, a qual, em consequência da inibição de seu amor através de seu ódio, dele se apossa diante de qualquer ação intencionada. A dúvida é, na realidade, uma dúvida de seu próprio amor [...]. É essa mesma dúvida que leva o paciente à incerteza com respeito a suas medidas protetoras, bem como à sua contínua repetição delas com o fito de expulsar a incerteza.<sup>168</sup>

A dúvida difunde-se por toda psique do sujeito obsessivo levando-o a uma paralisia total de sua vontade como também de sua atitude. Este sintoma se instala na mente do obsessivo devido à ambivalência do amor e ódio. E é a presença deste sintoma que faz com que o neurótico repita constantemente as suas medidas protetoras e os seus rituais como uma maneira de se ver livre de suas incertezas.

Para Freud, “a dúvida começa a corroer até mesmo aquilo que geralmente é tido como certo.”<sup>169</sup> A dúvida é um sintoma que também pode vir a se apresentar na esfera intelectual do futuro obsessivo. Toda a situação em que o obsessivo está empreendido finaliza com um grau sempre crescente de indecisão, perda de energia e restrição de sua liberdade.

A dúvida “é um dos métodos utilizados pela neurose a fim de atrair o paciente para fora da realidade e isolá-lo do mundo [...]”<sup>170</sup> A preferência dos neuróticos obsessivos pela incerteza e pela dúvida orienta seus pensamentos para temas perante os quais toda a humanidade está incerta e os conhecimentos e julgamentos expostos a dúvida. Estes temas podem ser a paternidade, duração da vida, vida após a morte e outros.

Concomitantemente à presença da dúvida está a compulsão. Freud postula que “a compulsão é, por outro lado, uma tentativa para alguma compensação pela dúvida e para uma correção das intoleráveis condições de inibição das quais a dúvida apresenta testemunho.”<sup>171</sup> A compulsão está presente em ordens e proibições obsessivas. Se ocorrer que uma determinada ordem compulsiva (tal como um ritual obsessivo) não for obedecida, a tensão fica intolerável e é percebida pelo obsessivo sob a forma de uma ansiedade extrema.

---

<sup>168</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Op. cit., p.208.

<sup>169</sup> FREUD, Sigmund (1917[1916] a). Conferência XVII - O sentido dos sintomas. *ESB*, vol.XVI, 1996, p.267.

<sup>170</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Op. cit., p.202.

<sup>171</sup> Idem, p.210.



No artigo “Ódio e Inação: O Negativo na Neurose Obsessiva”, Gurfinkel assegura que “a dúvida obsessiva é, em última instância, a dúvida sobre o próprio sentimento de amor, constantemente anulado pelo ódio inconsciente. Por deslocamentos sucessivos, a dúvida se espalha por inúmeras dimensões da vida do sujeito, deixando-o, no limite, em um estado de paralisia total.”<sup>172</sup>

Outro sintoma correlacionado ao ato cerimonial é a culpa. Freud afirma que a pessoa que se submete a “compulsões e proibições comportam-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento inconsciente de culpa.”<sup>173</sup> O neurótico, ao realizar atos compulsivos como medidas defensivas, age como se estivesse assujeitado a um sentimento de culpa inconsciente. O neurótico obsessivo pode vir a apresentar uma culpa que é adequada para um grande assassino; pois esta sensação de culpa se baseia nos constantes desejos de morte contra os seus semelhantes que estão em ação em seu psiquismo.

Ao abordar a origem do sentimento de culpa, Freud expõe:

Os preceitos e restrições morais mais antigos da sociedade primitiva foram por nós explicados como reações a um ato que deu aqueles que o cometeram o conceito de “crime”. Sentiram remorso por ele e decidiram que não se deveria repetir e que sua execução não traria vantagens. Este sentimento de culpa criativo ainda persiste entre nós [...]. Não encontraremos atos, mas apenas impulsos e emoções, pretendendo fins malignos, mas impedidos de realizar-se. O que jaz por trás do sentimento de culpa dos neuróticos são sempre realidades psíquicas, nunca realidades concretas [...].<sup>174</sup>

Freud recorre à explicação da morte do pai totêmico para esclarecer a origem da culpa nos sujeitos obsessivos. Assim, com o final da horda patriarcal, os irmãos após matarem o cruel e temido pai primevo, e ao devorá-lo, realizam a identificação com este pai, agora morto, e cada um destes adquire uma parte de sua força. Esses irmãos que assassinaram o seu próprio pai estavam cheio de sentimentos contraditórios, ambivalentes (e cuja ambivalência encontra-se presente nos neuróticos, no complexo ambivalente paterno). Os irmãos, antes de

---

<sup>172</sup> GURFINKEL, Décio (2001). Op. cit., p.261.

<sup>173</sup> FREUD, Sigmund (1907). Op. cit., p.113.

<sup>174</sup> FREUD, Sigmund (1913 b). Op. cit., p.161.

assassinar este pai, odiavam-no, já que este pai representava um obstáculo aos seus anseios de poder e aos seus desejos sexuais; mas estes irmãos também amavam-no e admiravam-no.

Após tê-lo matado, Freud relata que a “afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso.”<sup>175</sup> Conseqüentemente, um sentimento de culpa emerge coincidindo com o remorso sentido por todo o grupo de irmãos onde o pai, agora morto, torna-se mais forte do que ele era quando estava vivo. Desse sentimento de culpa, cria-se os dois tabus fundamentais do totemismo que equivalem aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo, ou seja, o desejo do incesto e do parricídio, desejos estes presentes nos atos obsessivos.

Freud reconhece que na neurose obsessiva “o sentimento de culpa faz-se ruidosamente ouvido na consciência; domina o quadro clínico e também a vida do paciente, mal permitindo que apareça algo mais ao lado dele.”<sup>176</sup> Neste neurose, o sentimento de culpa é consciente, enquanto que em outras neuroses o mesmo permanece completamente inconsciente. Se a neurose obsessiva tornar-se mais aguda, esta desenvolve um senso de culpa muito elevado, pois toda neurose esconde uma quota de sentimento inconsciente de culpa que fortifica os sintomas, fazendo uso deles como punição.

Abordando o sentimento de culpa nos obsessivos, julgo necessário apontar as raízes agressivas inconscientes tão marcantes neste sintoma. Sobre estas raízes, Freud sublinha:

A enunciação do impulso instintual agressivo é totalmente desconhecida do ego [...]. O que de fato penetra na consciência [...] é um substituto distorcido que é ou de natureza vaga, semelhante aos sonhos, ou de tal forma caricaturado que se torna irreconhecível. Mesmo onde a repressão não usurpou o conteúdo do impulso agressivo, ela por certo livrou-se de seu caráter afetivo concomitante. Como resultado, a agressividade parece ao ego não uma impulsão, mas [...] apenas um ‘pensamento’ que não desperta nenhum sentimento.<sup>177</sup>

<sup>175</sup> FREUD, Sigmund (1913b). Op. cit., p.97.

<sup>176</sup> FREUD, Sigmund (1930[1929]). O mal-estar na civilização. *ESB*, vol. XXI, 1996, p.110.

<sup>177</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). Op. cit., p.118.

Devido à “ação” do recalçamento na neurose obsessiva, a tendência instintual transforma seus componentes agressivos em sentimento de culpa. Neste sintoma, o superego manifesta-se como se o recalçamento não tivesse ocorrido e como se reconhecesse o caráter afetivo do impulso agressivo proveniente do inconsciente, ficando este ego consciente de um sentimento de culpa. Deste modo, a agressividade aparece como um pensamento para o sujeito obsessivo, pois o recalçamento livra-se do conteúdo afetivo da mesma.

Além do sentimento de culpa, outro principal sintoma relacionado ao ato cerimonial é o pensamento obsessivo. Em alguns casos de neurose obsessiva é a presença do pensamento obsessivo que leva o neurótico a realizar os seus atos cerimoniais.

Freud afirma que a obsessão “representa um substituto ou sucedâneo da representação sexual incompatível, tendo tomado seu lugar na consciência.”<sup>178</sup> Na idéia obsessiva, o contemporâneo toma lugar do passado e o sexual é substituído por algo não sexual. Ainda, ele declara:

Por isso é que as coisas mais disparates são prontamente unidas numa idéia obsessiva sob a única palavra possuidora de mais de um significado. A tendência à irrupção utiliza-se de uma palavra que tenha essa espécie de ambigüidade com seus diversos significados como se estivesse matando diversas moscas com um só golpe [...]. As idéias obsessivas, muitas vezes, revestem-se de uma extraordinária imprecisão verbal, a fim de permitir esse emprego múltiplo.<sup>179</sup>

Nas idéias obsessivas, o recalçado irrompe na consciência através da representação da palavra e não através do conceito vinculado a mesma. Em uma idéia obsessiva pode-se encontrar, em uma única palavra, um conteúdo que tenha mais de um significado. Nestas idéias, também estão presentes os “impulsos hostis contra os pais.”<sup>180</sup> Isto é, o desejo de que eles morram tornam-se conscientes através de idéias obsessivas.

Freud salienta que “aglomeram sob a designação de ‘idéias obsessivas’ as mais heterogêneas estruturas psíquicas. Com efeito, seria mais correto falar do ‘pensar obsessivo’, e esclarecer que as estruturas obsessivas podem corresponder a toda sorte de ato psíquico.”<sup>181</sup>

---

<sup>178</sup> FREUD, Sigmund (1894). As neuropsicoses de defesa. *ESB*, vol. III, 1996, p.59.

<sup>179</sup> FREUD, Sigmund (1897 a). Carta 79. *ESB*, vol. I, 1996, p.323.

<sup>180</sup> FREUD, Sigmund (1897 d). Rascunho N. *ESB*, vol. I, 1996, p.305.

<sup>181</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Op. cit., p.193.

Nos pensamentos obsessivos estão presentes desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, ordens ou proibições.

Estes pensamentos “sofrem uma deformação semelhante àquela pela qual os pensamentos oníricos passam antes de se tornarem o conteúdo manifesto de um sonho.”<sup>182</sup> Essa deformação pode ser denominada de omissão ou elipse. Essa técnica de deformação por elipse torna-se muito comum nos pensamentos de certos neuróticos.

Ernest Jones, em seu comentário sobre a deformação por elipse, admite que essa técnica “rompe a conexão entre dois pensamentos e os torna incompreensíveis [...], há confusas séries de pensamento onde idéias puramente racionais se misturam com idéias ilógicas características do inconsciente.”<sup>183</sup>

Segundo Freud, o obsessivo “usando as armas da razão se estabelece numa base de pensamento patológico [...]. Acho que estruturas como estas merecem ser denominadas de ‘delírios’.”<sup>184</sup> Na tentativa do sujeito obsessivo de utilizar a razão para guiar os seus pensamentos, ele chega a determinadas conclusões que estabelecem uma base de pensamento patológico. Freud denomina estes pensamentos obsessivos patológicos de “delírios”.

Nestes pensamentos, além da presença de inúmeras obsessões, Freud destaca que “quando a regressão da esfera do agir para o pensar fica mais marcada ou menos marcado, um caso de neurose obsessiva irá expor as características do pensar obsessivo [...]”<sup>185</sup> Ou seja, um processo de pensamento é obsessivo quando em consequência de uma inibição na extremidade motora do sistema psíquico, este é levado a cabo com um dispêndio de energia que está normalmente reservado unicamente para as ações. Um pensamento obsessivo ou compulsivo é um pensamento cujo objetivo está em representar um ato regressivamente.

Assim, para o mestre vienense, o pensamento obsessivo substitui a ação, e no lugar do ato substitutivo, algum pensamento que se antecipa persiste com a força total da compulsão. Além da compulsão do pensar, a regressão da ação para o pensamento é marcante na neurose obsessiva.

Mahony, ao tecer um comentário sobre o pensamento obsessivo em seu livro *Freud e o Homem dos Ratos*, compreende que “nos casos de neurose obsessiva, existe uma

---

<sup>182</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Op. cit., p.196.

<sup>183</sup> JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud* - vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 269.

<sup>184</sup> FREUD, Sigmund (1909 a). Op. cit., p.194.

<sup>185</sup> Idem, p.211.

determinada inibição contraditória na extremidade motora do sistema psíquico, uma situação que resulta em algum grau de regressão da ação a um processo de pensamento, o qual é sustentado pela energia normalmente destinada às ações.”<sup>186</sup>

Sobre o pensamento na neurose obsessiva, Freud também ressalta:

São nas neuroses obsessivas que as conseqüências desse modo primitivo de pensar mais se aproxima da consciência [...]. Os neuróticos vivem um mundo à parte, onde [...] somente a ‘moeda neurótica’ é moeda corrente, isto é, eles são afetados apenas pelo que é pensado com intensidade e imaginado com emoção, ao passo que a concordância com a realidade externa não tem importância [...]. A onipotência de pensamento, a supervalorização dos processos mentais em comparação com a realidade, desempenha um papel irrestrito na vida emocional dos pacientes neuróticos e em tudo que dela se deriva.<sup>187</sup>

É na neurose obsessiva que a sobrevivência da onipotência dos pensamentos é mais observável. Os obsessivos atribuem uma alta valorização, uma supervalorização aos atos psíquicos, pois estes são afetados pelo que é pensado com intensidade, ao passo que a coerência com a realidade externa não tem importância.

Freud observa que “no homem primitivo, o processo de pensar é, em grande parte, sexualizado [...]. Com relação aos neuróticos, encontramos que, por um lado, uma parte considerável dessa atitude primitiva sobreviveu em sua constituição, por outro, que a representação sexual que neles ocorreu ocasionou uma maior sexualização dos seus processos de pensamento.”<sup>188</sup> Ao comparar a vida mental dos selvagens com a vida mental dos neuróticos, Freud aponta que a onipotência de pensamento é o princípio que dirige a técnica da modalidade animista dos pensamentos dos povos primitivos, princípio este que está presente nos pensamentos obsessivos.

---

<sup>186</sup> MAHONY, Patrick J. (1986). *Freud e o Homem dos Ratos*. Rio de Janeiro: Escuta, p.165.

<sup>187</sup> FREUD, Sigmund (1913 b). Op. cit., p.97.

<sup>188</sup> Idem, p.98.

Freud reconhece que “muitas das expressões do animismo persistiam até hoje, na maior parte segundo o qual chamamos superstição [...]”<sup>189</sup> As superstições que os obsessivos praticam na vida comum revela a semelhança do seu modo de pensar com o modo do pensar dos selvagens, pois ambos acreditam poder alterar o mundo externo pelo simples pensamento. O modo animista de pensamento baseia-se na supervalorização da magia das palavras e na crença segundo a qual os fatos reais do mundo externo tomam o rumo que os pensamentos desejam lhe impor.

Finalizando este subcapítulo, acredito que foi possível mostrar ao leitor alguns sintomas que estão relacionados ao ato cerimonial realizado pelo sujeito deste estudo, pois tanto a culpa, como a dúvida e a presença de obsessões permeiam este ritual. Assim, penso que este subcapítulo venha enriquecer o estudo teórico-clínico da problemática desta dissertação.

---

<sup>189</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932] d). Conferência XXXV – A questão de uma weltanschauung. *ESB*, vol. XXII,

### **Capítulo III - Apresentação do caso “O Homem das Facas”: um estudo teórico - clínico da constituição psíquica ao ato cerimonial.**

Neste relato clínico respeito a singularidade deste paciente chamado “Cláudio”, destacando os principais dados de sua história de vida e construindo sua possível história libidinal e identificatória. Este paciente se encontra em psicoterapia há um ano e dez meses.

Conforme descrevi na Introdução, o contexto onde ocorre a psicoterapia é em um pequeno Ambulatório de Saúde Pública de um município localizado no interior do Estado de São Paulo. O *setting* terapêutico consiste de uma pequena sala, onde há uma mesa que me separa do paciente. O atendimento ocorre durante 30 minutos, sendo o mesmo uma vez por semana.

Cláudio, o “Homem das Facas”, tem vinte e nove anos<sup>190</sup>, namora há doze meses, é independente financeiramente dos pais desde os onze anos. Atualmente, mora com os pais e com mais um irmão, noivo, e com a irmã mais nova. Dos filhos homens, ele é o primogênito, mas na ordem entre todos os cinco filhos, ele é o segundo e difere um ano da irmã mais velha e quatro anos do terceiro irmão (de vinte e cinco anos). Portanto, esse irmão nasce quando ele tinha quatro anos. Assim, na ordem cronológica, se encontram em primeiro lugar Paula (de trinta anos), Cláudio (vinte e nove anos), Claudionor (vinte e cinco anos), Paulo (de vinte e quatro anos) e Cláudia (de vinte anos). Foi o seu pai quem escolheu o nome dos filhos homens, inclusive o de Cláudio.

Seu pai é evangélico praticante, tem cinquenta e dois anos, é empregado de fazenda e também trabalha como pedreiro nas horas vagas. Sua mãe é católica praticante, tem cinquenta anos, é doméstica e realiza algumas costuras para ganhar um dinheiro extra. Casaram-se jovens

---

1996, p.162.

<sup>190</sup> Ele inicia a psicoterapia com vinte e oito anos. Atualmente, ele tem vinte e nove anos.

- seu pai com vinte anos e sua mãe com dezenove. Quando Cláudio nasceu, seu pai tinha vinte e três anos e sua mãe vinte e um.

Como relatei anteriormente, ele procura a psicoterapia por iniciativa própria, sem encaminhamento de outro profissional da área da saúde mental. Em agosto de 1999, ele passa por uma triagem neste mesmo ambulatório na qual o seu medo de facas é diagnosticado pela psicóloga como síndrome do pânico. Os seus dados ficaram no arquivo à espera de uma futura vaga. Somente é chamado em fevereiro de 2005, seis anos após ter procurado este Posto, declarando: “[...] Aguardei muito esta vaga durante seis anos [...].” Não procura psicoterapia em clínica particular devido a sua condição econômica precária, embora tenha tentado, várias vezes, em uma cidade vizinha e o preço, segundo ele, “estava fora da minha realidade socio-econômica.”

Segue-se um pequeno trecho do relato de sua queixa:

“[...] Não é normal um homem de vinte e oito anos procurar faca [...]. Já cheguei a jogar todas as facas da cozinha no lixo para ver se esses pensamentos paravam, mas continuou [...]. Sempre as escondo sozinho, sem ninguém ver [...]. É muito dolorido, sofrido [...]. Muitos amigos já tiram sarro de mim [...]. Começou no passado, na infância, creio eu doutor [...]. Hoje, estou aí anos e anos buscando tratamento e nada funciona [...]. Acho que é loucura, pensava que é trauma de infância [...]. Sempre fui muito medroso, cheio de medo na infância, medo de tudo, a palavra medo resume a minha infância [...] e, desde essa época, me cobrava para ser o perfeito, o melhor [...].”

Assim, no início do processo psicoterapêutico, a queixa de Cláudio relaciona-se aos seus pensamentos compulsivos de ficar “caçando facas”. Esse “caçar” facas significa procurá-las e verificar se estão escondidas uma em cada buraco do muro, do sofá e de outros lugares, nos quais as escondeu.

Além de esconder uma faca em cada buraco do muro, ele também esconde giletes, pregos e tesoura em menor incidência. Esconde um prego em cada buraco do muro, mas as giletes - que o seu pai usa para fazer a barba - e a única tesoura da casa, ele as esconde em uma gaveta da cozinha, na qual sua mãe guarda os talheres.

Em sua queixa, também revela não agüentar mais suas incertezas, suas manias de limpeza, pois chega a gastar um sabonete por dia lavando as mãos e um rolo de papel higiênico para limpar-se. Relata também que não agüenta procurar facas para escondê-las na caixa de ferramenta de seu pai e na gaveta do seu guarda-roupa. Conta que verifica, várias



vezes, se as facas estão escondidas, assim dizendo: “estes rituais estão cada vez mais me deixando desgastado [...]. Durmo pensando que tem uma faca debaixo do meu colchão ou lá na cozinha [...]. Eu penso que alguém pode se ferir, mas sei que não tem faca lá [...]. Acordo e vou procurar a bendita. Penso se não caçar faca, eu poderei me ferir, morrer ou alguém da minha família [...]”. Esse alguém que pode vir a morrer a que ele se refere, em suas associações posteriores, é o seu pai que é descrito como “grosso, bravo e que não leva desaforo de ninguém.”

Deste modo, Cláudio é um jovem que chega à psicoterapia marcado por seus rituais. Ao longo do nosso contato, fui conhecendo um pouco mais de sua história pessoal. Declara que foi uma criança calma e medrosa, nunca se envolvendo em brigas ou discussões. A sua infância foi marcada por problemas intestinais, uma mãe muito presente e um pai sempre rígido. Seguiu os passos deste pai até o início da adolescência. Atualmente, discute muito com este “cabeça dura”.

Cláudio e os seus pais moravam em uma fazenda até o início da sua juventude. Ele teve uma infância muito alegre: brincava muito com seus amigos, irmãos e primos. Era uma criança muito curiosa, já que adorava ficar no curral vendo os animais se alimentarem. Sempre procurava sua mãe para questionar todos as dúvidas que apresentava nesta época.

Aos quatro e cinco anos, certas crenças folclóricas permeavam o contexto em que vivia. Nesta idade, ele tinha muito medo do lobisomem e do caipora. Aos seis anos, apresentava um medo constante de uma possível morte da figura paterna. E aos oito anos, iniciou o seu ritual de ocultar facas, o qual perdurou durante toda a sua adolescência e atual fase adulta.

Relembro que a problemática que esta dissertação se propõe a estudar incide em particular sobre o que o ato de ocultar facas representa na constituição psíquica deste paciente, que considero ser neurótico obsessivo. Como ele inicia o ato de ocultar facas durante o período de latência, talvez devido a falhas no recalçamento da sexualidade infantil o que leva à formação deste sintoma, julgo necessário revelar como, provavelmente, ocorreu a constituição psíquica deste sujeito ao longo de sua infância. Deste modo, um estudo teórico-clínico desta constituição psíquica permitirá uma melhor compreensão deste ritual.

Neste estudo, ao me referir aos primeiros momentos do desenvolvimento psíquico de Cláudio, levanto hipóteses e não afirmações, pois os fatos e lembranças referentes desde o seu nascimento até os seus cinco anos de idade, foram-lhe contados pelos pais e tios. Desta maneira,

para levantar algumas hipóteses sobre a constituição psíquica deste jovem, encontro, no caso do pequeno Hans, uma citação que se encaixa perfeitamente com este momento desta dissertação. Nesta, Freud afirma:

Quando um médico trata de um neurótico adulto pela psicanálise, o processo que ele realiza de pôr a descoberto as formações psíquicas, camada por camada, capacita-o, afinal, a construir determinadas hipóteses quanto à sexualidade infantil do paciente; e é nos componentes dessa última que ele acredita haver descoberto as forças motivadoras de todos os sintomas neuróticos da vida posterior.<sup>191</sup>

Assim, para iniciar o estudo do sintoma de ocultar facas é necessário construir determinadas hipóteses<sup>192</sup> em relação à constituição psíquica de Cláudio, sendo indispensável apontar alguns dados e lembranças trazidas por este paciente.

No decorrer das sessões que tive com este jovem, pude abrir minha escuta para um sofrimento intenso que acredito não existir palavras para nomeá-lo. Ao longo dessa escuta singular, coletei os dados clínicos para a construção das “teorizações flutuantes”, que segundo as sábias palavras de Aulagnier, “a prática sempre foi e nunca poderá ser senão teórico-clínica, daí a necessidade da ‘teorização flutuante’.”<sup>193</sup> Assim, para iniciar as minhas teorizações flutuantes, primeiramente destaco algumas recordações familiares sobre o nascimento de Cláudio, recordações estas que possibilitam uma melhor compreensão da sua história de vida.

Ele me relata que o seu nascimento foi muito esperado tanto pelos seus pais como pelas pessoas que cercavam este casal, como os seus tios, os vizinhos, os parentes e os amigos de sua família. A segunda gestação de sua mãe foi muito tranquila. Ele nasceu de nove meses, de parto normal.

Este paciente me disse também que seu pai e sua mãe ficaram muito felizes quando ele veio ao mundo. Revela que o seu pai dava pulos de alegria. Ele conta: “meus pais sentiram-se honrados pelo meu nascimento.” Em uma outra sessão, ele também salienta que foi um orgulho

---

<sup>191</sup> FREUD, Sigmund (1909 b). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *ESB*, vol. X, 1996, p.15.

<sup>192</sup> Na construção destas hipóteses, utilizo os verbos acreditar, pressupor, imaginar, supor, pensar e outros.

<sup>193</sup> AULAGNIER, Piera (1984). *O aprendiz de historiador e o mestre feiticeiro: do discurso identificador ao discurso delirante*. São Paulo: Editora Escuta, 1989, p.16.

para o seu pai saber que tinha nascido o primeiro filho homem, declarando: “eles já esperavam o primeiro homem, também já tinha nascido uma mulher [...]”. E após o seu nascimento, sua mãe lhe afirmou que ele mamava muito e ela tinha muito leite para lhe dar.

A partir destes dados, aponto que durante esta gravidez ocorreu um pré-investimento libidinal desta mãe por este futuro filho; pois ao revelar que esta gravidez foi muito aguardada, que ele foi um filho muito esperado, acredito que esta mãe pré-investiu libidinalmente este bebê mesmo antes do seu nascimento. Esta mãe esteve presente desde os primeiros momentos de vida deste jovem paciente, cuidando-o e despertando sua pulsão sexual. Quando ele afirma que mamou muito no seio de sua mãe, penso que, neste momento, o ato de mamar lhe proporcionava uma certa excitação sexual, como também um certo prazer para sua zona erógena oral.

O fato de este casal “sentir-se honrado com seu nascimento” também me remete a idéia da reprodução manifesta do narcisismo destes pais durante as primeiras horas de vida de Cláudio. Além disso, ambos os desejos destes pais estão presentes neste momento, pois ao dizer que “eles já esperavam o primeiro filho homem”, interpreto que nesta afirmação esteja presente tanto o desejo materno por este filho, como também o desejo paterno por este.

Um dado sobre o seu nascimento me chama a atenção: o acolhimento caloroso deste recém-nascido pelas pessoas que cercavam este casal. Ao declarar que “quando minha mãe estava grávida, as vizinhas e os amigos de meus pais sempre iam em casa. Quando éramos pequenos, às vezes, a vizinha ajudava a minha mãe cuidar de nós [...]”, penso também que ele foi um bebê recebido e investido libidinalmente pelas pessoas que cercavam este casal, como os amigos e os vizinhos.

Se, de um lado, o meio externo sempre acolheu os integrantes dessa família; de outro, o grupo familiar de Cláudio nunca deixou de investir libidinalmente no meio em que viviam. Isto significa que, desde a sua remota infância, há um relacionamento harmonioso neste micro meio familiar. Um dado interessante deste grupo familiar é que os filhos mais velhos seguiram os caminhos do pai, enquanto que as filhas seguiram o exemplo da mãe. Quando ele relata sobre o seu pai, o seu avô paterno e ele, me parece que certos valores e costumes passaram de geração para geração. O pai seguiu o exemplo do avô, tal como Cláudio seguiu o exemplo de seu pai. E nestes caminhos percorridos, uma citação deste jovem me chama a atenção. Ele conta que todo

nascimento de um filho homem é um orgulho para qualquer casal. Quando questiono o porquê, ele responde que todo casal quer ter um filho homem, mas “se vier mulher, mérito à mãe.”

Esta afirmação me faz lembrar de um outro dado, o que ele trouxe, em uma sessão, sobre o seu nascimento. Ele diz: “quando eu nasci dizem que a alegria foi geral, primeiro caboclo macho!!! [...]. A minha mãe não se continha de tanta felicidade.” Também expõe que durante a segunda gestação de sua mãe, ela já desconfiava que estava grávida de um menino, pois de tanto chutinho que este bebê lhe dava, ela já suspeitava que não era uma menina.

Ao nascer o primeiro filho homem, acredito que ocorra o encontro entre a sombra falada e o corpo real deste recém-nascido, encontro este que corresponde a expectativa deste casal, inclusive de sua mãe, proporcionando muito alegria e felicidade aos pais de Cláudio. Essa concordância também está relacionada quando relata que, após o nascimento de sua irmã, era muito esperado o primeiro filho homem. Deste modo, é possível que ele tenha se identificado com a representação psíquica materna que já estava presente anteriormente ao seu nascimento.

Quando ele nasceu, sua mãe também lhe conta que ele parecia um bezerrão de tanto que mamava. Diz: “ela [a mãe] fala que eu era um nenê muito chorão, eu abria a boca, ela deixava a costura e vinha ver o que tava acontecendo.” Após o nascimento de Cláudio, destaco que sua mãe já correspondia a demanda primária de desejo de seu primeiro filho homem. Nos primeiros momentos de sua vida, a mãe sempre esteve presente ao seu lado, aliviando as suas necessidades psíquicas e fisiológicas (como fome e sede). Como ele confessa que foi uma criança que mamou muito no seio de sua mãe, creio que neste mamar “como um bezerro”, ele ingeriu, além de leite, libido. Assim, durante os primeiros dias de vida foi possível para este bebê se identificar ao desejo materno, não ocorrendo falhas que possivelmente poderia levá-lo a uma futura psicose.

É interessante mencionar que este paciente se “apodera” das lembranças dos pais para dar um sentido aos seus primeiros dias de vida; e ambos os pais atribuem um sentido a esta existência tão longínqua cronologicamente, mas que, ao relatar para o seu filho, me parece que esta distância estava tão próximo quanto possível de um presente não tão distante, denotando

olhar. Essas características estão presentes nas representações de Cláudio acerca de seus pais, representações estas muito peculiares em certos sonhos. Ou seja, em vários sonhos, a representação materna está presente em figuras de enfermeira, médica e professora<sup>194</sup>. Porém, em alguns destes sonhos, sempre existe uma terceira pessoa que aparece e tudo acaba em “pesadelo”. Esta terceira pessoa representa a figura castradora paterna. Em alguns destes sonhos, o pai é representado por figuras ou objetos cortantes, como machado e serra.

Lembro me de um sonho onde ele estava cheirando e acariciando uma pequena flor, daí apareceu um grande trator. Ele relata que esse trator era forte, indestrutível e tinha lâminas, com pontas, que matavam. Essas lâminas, essas facas distorcidas, deslocadas, representam o seu pai rude e agressivo. Este sonho, como tantos outros, demonstra que Cláudio apresenta uma representação materna rodeada de amor, carinho e gratificação enquanto que a paterna é cercada de hostilidade inconsciente<sup>195</sup>.

Ele exprime que desde o seu nascimento e durante a sua infância, o pai sempre esteve muito presente nas decisões familiares. O pai vivia da casa para o trabalho e do trabalho para a casa. Ele sempre respeitou a sua mãe. Se ele não estava em casa, sua mãe sempre fazia menção a sua pessoa. Interpreto que desde o seu nascimento, a presença deste pai é desejada pela sua mãe. Tal asseveração vem a ser corroborada por uma afirmação de Cláudio durante uma outra sessão. Ele afirma: “eles [o pai e a mãe] eram muito felizes desde quando se casaram e nasceram os filhos [...]. Quando éramos crianças, ela (a mãe) sempre teve o marido ao seu lado para lhe dar força e atenção. Se alguém fazia arte, ela sempre chamava o meu pai.” Ou seja, o pai, este Outro-sem-seio e representante da lei, já está presente desde os primeiros momentos da constituição psíquica deste sujeito.

Não só o pai deixou sua marca nos primeiros momentos da vida de Cláudio, como creio que, provavelmente, a presença materna deixou resquícios em suas futuras escolhas objetais. Ele sempre procura se relacionar com mulheres mais velhas, carinhosas e autoritárias, características que lembram a sua figura materna. Ele diz: “as mulheres mais velhas, inteligentes, experientes e autoritárias me atraem [...]”. Isto significa que esta mãe tornou-se um exemplo de objeto sexual que influenciou a todas as escolhas objetais futuras deste obsessivo.

Como os resquícios, deixados pelo seu primeiro objeto de amor (a mãe), determinaram todas as suas relações amorosas na vida adulta, acredito que o desejo por esta mãe esteja

---

<sup>194</sup> Em outros sonhos, esta mãe também é representada simbolicamente por flor, rosa e etc.

presente desde os primeiros momentos de sua existência, embora se encontrem recalçados a partir da fase de latência, expressando-se no sintoma de ocultar facas.

Ele traz uma lembrança, contada pelos pais, de que ele adorava receber elogios de “fofinho”, “lindinho”, “bonitinho”; elogios estes proferidos por suas vizinhas e não por homens<sup>196</sup>. Ele somente abria um “sorrisão” quando as vizinhas o elogiavam. Considero que estes elogios alimentavam narcisicamente o seu ego ideal possuído de toda perfeição de valor. Penso que durante a constituição do seu ego ideal, esta mãe, na medida do possível, supria as demandas deste filho. É o que ele conta: “a minha mãe sempre foi muito cuidadosa, cautelosa e carinhosa com os filhos, embora não gostasse de muitas brincadeiras [...]”

Ele também traz outras recordações, contadas pelos pais, que acredito que são lembranças que apontem como que, provavelmente, ocorreu a sua organização anal-sádica<sup>197</sup>. Cláudio assevera que aos dois e três anos de idade apresentava problemas intestinais e crises de prisão de ventre. Ele passava dias sem ir ao banheiro, chorando de dor.

Ao trazer a lembrança de prisão de ventre, “prisão de fezes”, me parece que nesta idade (dois anos), o que estava em jogo era o prazer sádico em reter as fezes. Este (des) prazer estará presente na fase adulta, devido a regressão da libido à fase anal-sádica, nos sintomas de reter tampinhas (de garrafa), papéis, clipes e outros pequenos objetos em seu bolso e em pequenas caixas, como se ele estivesse retendo-os em seu intestino. Atualmente, ele possui várias caixas em seu quarto onde guarda canetas usadas, clipes, Cds velhos e repetidos (de uma mesma banda) e outros objetos. Ele é um ótimo colecionador de Cds e de livros velhos, declarando: “tem livro que está até amarelado, vê se pode [...]”.<sup>198</sup>

Um dado trazido em uma sessão e que entendo que denota a simbolização do ódio em relação à figura paterna é que ele se recusa, aos dois anos, a entregar as fezes ao pai, mesmo tomando os remédios comprados por este. Isto é, ele recusa a entregar as fezes, o objeto de demanda ao seu pai, exprimindo sua obstinação, pertinácia a esta figura.

O não dar as fezes ao pai também representa o momento ativo de domínio, sádico, em que Cláudio segura, retém as fezes. O que está em jogo neste ato é o sadismo, o ódio ao pai.

---

<sup>195</sup> Essa hostilidade é retomada nas próximas páginas.

<sup>196</sup> Esta lembrança corresponde ao período de seu primeiro e segundo ano de vida.

<sup>197</sup> Como a regressão da vida sexual ao estágio pré-genital sádico anal e anal erótico é a disposição à neurose obsessiva, esta organização merece uma atenção especial na constituição psíquica deste sujeito.

<sup>198</sup> Seu pai também é um colecionador, mas não de Cds e sim de discos de vinis velhos.

Assim, o ato de dar ou não as fezes, a atividade e a passividade denotam as primeiras manifestações da ambivalência presentes em sua constituição psíquica.

Acredito que, na primeira infância de Cláudio, ocorra uma acentuação do seu erotismo anal, já que a catexia libidinal investida nas fezes e no ato de não dar as fezes ao pai, encontra-se, na fase adulta, na supervalorização dada ao dinheiro e no ato de não “ceder” dinheiro ao pai. Ou seja, se na infância, não cedia as fezes ao pai, na idade adulta recusa-lhe dar dinheiro. Deste modo, interpreto que nesta recusa, o que está simbolicamente em jogo é o ódio inconsciente a esta figura, ódio este representado pela “retenção” sádica do dinheiro.

Em várias sessões, ele relata que seu pai sempre lhe pede dinheiro emprestado para pagar as contas da casa em que moram. Cláudio nunca empresta, pois como declara: “dinheiro para ele eu não dou e nem empresto [...]. Nunca tenho a quantia que ele me pede e sempre fico em falta com ele [...]”. Esse “ficar em falta” me remete à idéia de uma dívida simbólica com o seu pai devido ao fato de um dia ter desejado ocupar seu lugar junto à sua mãe. É essa falta que ele talvez tenta preencher comprando CD`s repetidos, sapatos caros, roupas novas e como ele próprio disse: “compro, compro e compro, nada me preenche e só estoura a minha conta no banco e vou lá falar com o gerente.” Nada preenche a “falta” de Cláudio e ele sempre fica em dívida com o pai, com o banco (com a conta estourada), com o chefe, com o psicoterapeuta (resistindo a certas associações) e etc.

O fato de ele ser um consumidor compulsivo também pode estar relacionado com a sublimação do seu antigo erotismo anal. Em uma sessão, Cláudio expõe: “eu ganho 1.700 e gasto tudo [...]. Dinheiro é como água, cai na mão, vai embora [...] não sobra nada.” Imagino que o fato dele ser um perdulário tenha relação com a transformação da antiga avareza em seu oposto. Isto é, como guardava as fezes e as soltava em grandes quantidades em sua remota infância (na fase anal-sádica), na fase adulta, as fezes dão lugar ao apego ao dinheiro<sup>199</sup>, tornando-se, ao invés de avarento, o seu oposto, um mero gastador.

Além disso, se durante a organização anal-sádica, o fato de negar as fezes ao pai expressaria simbolicamente o ódio a esta figura, então, supostamente, quem ele já “amava” desde essa época? Como na fase adulta, ele somente dá dinheiro a sua mãe (e não ao seu pai),

---

<sup>199</sup> Aos oito anos, Cláudio tinha um interesse em decorar as moedas de cada país. Esse interesse pode indicar a transferência libidinal do antigo instinto anal-erótico para este novo objeto: as moedas.

interpreto que este ato é a expressão do antigo amor objetual a sua mãe que começou a existir desde muito cedo. Como ele não dava as fezes ao pai, expressando o seu ódio, imagino que ele concedia as fezes, este objeto de demanda, à sua mãe, primeiro objeto de amor e carinho. E este ato de conceder as fezes à ela, provavelmente, lhe trazia muito prazer. Ou seja, quero dizer que o prazer de dar as fezes à mãe tornou-se para Cláudio fonte de seu prazer anal, pois creio que as fezes seriam o objeto de demanda deste paciente. E ao receber as fezes, a mãe tornou-se aquela que possui o objeto de prazer do demandante, seu filho, momento este em que as fezes tornaram-se provas do investimento libidinal em relação à figura materna.

Deve ter ocorrido uma certa fixação da libido durante esta fase; pois em sua organização genital adulta, ele apresenta vários pensamentos obsessivos os quais apontam as suas raízes nesta fase. Ele assegura: “se vier o pensamento de faca, eu a escondo porque também tenho medo de que ela me cutuque pela bunda [...]. Olha que idéia idiota, pensamento absurdo, eu sei que isso nunca vai acontecer, mas porque eu penso essa idiotice?”

Ele só relata esse medo após vários meses de psicoterapia, depois de ter cometido um ato falho durante uma sessão. Nesta, ele diz: “[...] sou um maniécú, só um maniécú esconde faca [...]. Essa é uma vida de maníaco, psicopata.” Interessante destacar que ele repete a palavra ‘maniécú’ duas vezes, sem se dar conta do erro de pronúncia (do “co” pelo “cu”). Posteriormente, quando questiono o que seria esse maniécú, ele responde: “maniécú, o que, eu falei maniécú? [fica vermelho, com um cara de horror]. Não, é maníaco. Vou te falar, é até vergonhoso para um homem falar isso, mas morro de medo que uma faca enfínque em minha bunda.” Após relatar este medo obsessivo que está presente desde o início da sua adolescência, creio encontrar novos dados sobre a sua organização anal-sádica.

Assim, nesta organização, não só a tendência ativa, de dominar, é marcante; mas a passividade deixou uma grande marca, já que esta passividade foi alimentada pelo erotismo anal durante a sua remota infância. As marcas dessa passividade são uma das chaves para o entendimento do medo de que uma faca possa vir a cutucar “a sua bunda”, pois esse medo (ou desejo) baseia-se no seu antigo erotismo anal e no complexo de Édipo negativo recalçado, não deixando de ter uma relação com a perversão recalçada.

Isto é, considero que este erotismo deixou grandes vestígios durante esta organização devido a catexia libidinal presente no valor dado às fezes. E recordando que fezes, bebê e pênis

---



formam uma unidade inconsciente, acredito que ao temer que uma faca o cutuque pela bunda, esta idéia obsessiva parece representar, simbolicamente, o desejo de que o pênis (paterno) venha a penetrá-lo.

Desta maneira, o medo de que uma faca o cutuque pode ser considerado a manifestação do antigo erotismo anal, como também do desejo de vir a ser penetrado pelo pai devido a identificação de Cláudio com sua mãe durante o complexo de Édipo negativo, desejo este que foi recalcado devido à angústia de castração. Retomarei a identificação materna mais adiante quando abordar sobre o complexo de Édipo/complexo de castração.

Cláudio também revela que seu pai, na sua infância, além de trabalhar na roça, fazia outros trabalhos para ganhar um dinheiro extra. Segundo o relato de um tio a ele, quando Cláudio tinha dois ou três anos, seu pai trabalhava como cortador de cana, marceneiro e barbeiro. Afirma: “meu pai, durante a semana, cortava cana [...]. Nos finais de semana, ele construía alguns carrinhos com pregos e parafusos, martelava pregos nas madeiras [...] e ele com o meu tio faziam as barbas do pessoal da fazenda para ganhar um dinheiro extra.”

Compreendo que a identificação a este pai esteja presente desde os primeiros tempos da constituição psíquica de Cláudio. Isto é, uma possível identificação presente já nas organizações pré-genitais; embora, neste momento, esta identificação esteja ausente de rivalidade com a figura paterna, fato este que somente é esperado que aconteça em sua organização genital infantil.

Retiro a idéia desta possível identificação presente já nas fases pré-genitais, do fato dele esconder facas, pregos, giletes em sua organização genital adulta. As facas podem estar representando, simbolicamente, a identificação ao pai, como as giletes e pregos também, já que são objetos que foram utilizados por seu pai quando trabalhava como marceneiro e barbeiro durante a sua remota infância.

E aproveitando o momento em que me refiro à presença da figura paterna na infância de Cláudio, gostaria de descrever como, provavelmente, deve ter ocorrido a sua organização genital infantil. Durante esta fase, dois pontos importantes precisam ser destacados: o primeiro ponto é o nascimento do segundo filho homem deste casal quando Cláudio tinha quatro anos e o segundo ponto é o medo da figura do lobisomem e do caipora.

Aos três anos de idade, sua mãe encontrava-se grávida de seu terceiro filho. Nesta época, ele residia em um sítio próximo a cidade a qual mora atualmente. Ele diz: “segundo o meu tio Zé, nesta época, eu ficava lá no galinheiro contando os ovos [...]. Acho que estas minhas inquietações de ler, investigar, de perguntar vêm desde a minha infância, desde a época que morava lá no sítio com os meus pais.” Estes dados, citados no parágrafo anterior, me permitem afirmar que certas investigações sexuais estiveram presentes na infância de Cláudio. Sobre esta época, ele declara também: “sempre tive muitas curiosidades. Minha mãe me conta que, desde muito pequeno, sempre fui assim, xereto e sempre perguntava o porquê de tudo para ela. Mas tenho certeza que eles [os pais] nunca me responderam, ainda mais se fosse sobre sexo. Até hoje, é proibido falar de sexo em casa. Eles são crentes fervorosos, são meio atrasados, sabe [...]. Acho que por isso eu sempre fui assim tão instigante [...].”

Ao se referir se a si como um garoto “curioso”, acredito que esta curiosidade tenha as suas raízes em suas curiosidades sexuais infantis. Ou seja, durante a sua infância, certas investigações e curiosidades sexuais estiveram presente no contexto em que ele vivia. Mas ao afirmar que os seus pais nunca responderam as suas dúvidas, as suas curiosidades, penso que estas nunca foram claramente esclarecidas à ele. A propósito, é interessante destacar que, nesta cidade, o esclarecimento sexual de dúvidas infantis é um tabu: a verdade nunca é dita, tornando-se um tabu que deve ser evitado em qualquer conversa<sup>200</sup>.

Além disso, em seu terceiro ano de vida, suponho que ele inicie sua atividade masturbatória, a qual somente será retomada, de uma forma excessiva, em sua organização genital adulta. Atualmente, Cláudio se masturba pensando em mulheres mais velhas, inteligentes, autoritárias e carinhosas<sup>201</sup>. Penso que essas características originam-se de seu primeiro objeto de amor; ou seja, de sua mãe.

Cláudio sempre se queixou de se masturbar em excesso, dizendo: “não agüento mais realizar cinco romano puxando uma madeira. Isso tem me incomodado muito [...]. Às vezes, eu paro de me masturbar e parece que eu sinto prazer em ver os outros sofrerem [...]. Desde a adolescência, quando eu via uma mulher atraente, eu não agüentava. Tinha que fazer esses cinco romanos puxando uma madeira.” Ressalto que a queixa de praticar a atividade

---

<sup>200</sup> Esta cidade parece que ficou “congelada” no tempo: mulheres separadas não são aceitas nos ambientes sociais, o papel do homem é representado como rude, agressivo e violento. Nos casamentos (como é o caso do casamento dos pais de Cláudio) as famílias X (italianos, espanhóis, alemães e portugueses) só se casam com as famílias X, reproduzindo os valores socioculturais deste município.

<sup>201</sup> Após a masturbação, ele afirma sentir “muita culpa”.

masturbatória em excesso durante a puberdade, como também na fase adulta, nada mais é do que a retomada da sua antiga masturbação infantil. Creio que durante a sua organização genital infantil, a masturbação foi uma atividade muito praticada por esta criança, já que esta atividade constituía uma descarga genital da excitação sexual pertinente ao seu complexo edipiano.

Além da presença da atividade masturbatória, aos quatro anos de idade Cláudio ganha um novo irmão, Claudionor.

Com o nascimento do irmão mais novo, Cláudio foi obrigado a submeter-se a um certo grau de privação de seus cuidados maternos, dividindo o amor e a atenção materna com o novo irmão. Seu ego ideal (investido narcisicamente) deve ter sofrido um “certo abalo”, pois ele não é mais o único filho homem que tem toda a atenção dos pais. E, ao se ver privado da atenção materna, provavelmente a libido começa a regredir à organização anterior, anal-sádica.

Compreendo que, neste momento, Cláudio começa a perder o lugar de “queridinho, fofinho, bonitinho” entre os seus pais, cedendo espaço para este recém-nascido que, no futuro, será alvo de suas hostilidades inconscientes. A esse respeito, ele afirma: “este irmão sempre me azucrinou, a minha mãe não fazia nada com ele, não repreendia ele [...]. Ele era o preferido dela.”

Conta que na infância, quando o seu irmão mexia em seus brinquedos, ele sempre chamava a sua mãe, dizendo que: “ela não fazia nada e ainda dava corda para o meu irmão [...]. Este irmão me irritava, eu ficava muito nervoso, vermelho de raiva igual ao Huck, mas eu não fazia nada [...]. Eu nunca bati em nenhum homem, nem em meus irmãos. Eles que davam cascudo em mim [...].” A afirmação “ficar nervoso como o Huck, mas não fazer nada” denota a presença da agressividade recalcada, presente em seus pensamentos durante a sua infância.

Acho importante destacar a agressividade recalcada neste caso, pois, durante o ritual, esta se manifesta simbolicamente no ato de ocultar facas. Desta maneira, na elaboração da história de vida deste paciente, encontro os primeiros resquícios da hostilidade na presença tanto da figura paterna, como na figura deste irmão.

De uma forma deslocada, a hostilidade inconsciente pelas figuras masculinas encontra-se presente em certos rituais obsessivos durante a sua organização genital adulta. Relata: “quando Paulo [o supervisor] vem buzinar no meu ouvido, eu fico meio nervoso. Daí vem esses pensamentos martirizantes de faca, faca e faca [...]. Se vier algum pensamento que parece que

eu bati em alguém, mas eu sei que eu não bati, eu pego a faca e escondo [...]. Quando vejo que as pessoas estão sofrendo, parece que me dá prazer ver esse sofrimento, mas acho que não é normal sentir isso [...].” Acredito que os pensamentos sádicos de bater em alguém e de ter prazer em ver os outros sofrerem seria uma mera reprodução “distorcida” da hostilidade e do sadismo que um dia se fez presente em sua fase fálica.

Cláudio trouxe outras lembranças que também apontam sobre o seu complexo de Édipo/complexo de castração. Uma delas, contada pela mãe, é que ele, aos quatro - cinco anos de idade, morria de medo do caipora<sup>202</sup> e do lobisOMEM<sup>203</sup>. Atualmente, ele não se lembra desse seu medo infantil, mas gostaria de compartilhar com o leitor um pequeno trecho de uma sessão que denota a possível relação entre o caipora e o lobisOMEM com a figura paterna deste paciente.

*Paciente:* “[...] meu pai era um ótimo caçador. Nos finais de semana, ele vivia pelos hortos caçando e cortando lenha. Como ele era baixinho e de pé torto, muitos falavam que ele era o primo do curupira. Muitos de seus amigos tinham medo dele. Imagina se alguém ia se meter a besta com ele [...].”

*Psicoterapeuta:* “a besta como?”

*Paciente:* “dizem que ele era muito bravo, o jeito dele, o olhar dele espantava qualquer um. Ele era como meu avô, bravo igual. [...] Na minha infância, minha mãe conta que eu morria de medo do caipora e do lobisOMEM. Era só falar do caipora e do lobisOMEM que eu já sumia de perto. Nesta época, eu morava em uma fazenda aqui perto. Hoje ainda sou medroso, muito medroso, mas não me lembro desse meu medo. Hoje tenho medo de formiga e de barata, vê se pode, o que uma formiga vai fazer comigo (rindo)!”

Interpreto que tanto o caipora como o lobisOMEM são representantes paternos da figura aterrorizadora que o pai estava se tornando, nesta fase, para Cláudio. Considero que deve existir uma relação entre o medo do lobisOMEM e do caipora com o medo de ser punido pelo pai por

---

<sup>202</sup> Segundo o dicionário Mini Luft, caipora (ou curupira) é entendido como um “ente fictício que habita as florestas e dá azar a quem o encontra.” LUFT, Celso Pedro. Mini Dicionário Luft. 4º edição. Rio de Janeiro; Ática, p. 134.

<sup>203</sup> LobisOMEM é “um homem que [...] se transforma temporariamente em Lobo e que vagueia nas noites de sexta-feira assustando as pessoas.” LUFT, Celso Pedro. Mini Dicionário Luft. 4º edição. Rio de Janeiro; Ática, p. 393.

desejar sua mãe; pois, em suas queixas, ele relata um pai quieto, grosso e que colocava medo só com o olhar.

Ou seja, concomitantemente à presença da masturbação infantil, o pai “lobo-caipora” torna-se um rival de Cláudio, já que em suas fantasias infantis, o perigo de amar esta mãe é que ele poderia ser entregue ao pai “grosso e cruel” para a castração. Deste modo, considero que o medo do pai “lobo-caipora”, durante a fase fálica, não deixa de ser um medo deslocado da figura paterna; pois a existência desse medo está ligado à angústia de castração.

A rivalidade com o pai, que um dia esteve presente na fase fálica, é retomada em sua organização genital adulta, época em que ele inicia as discussões com o seu pai “ignorante, autoritário e rei da razão”. Como ele afirma: “Hoje é só discussão com ele”. Essa rivalidade também é revivida com as figuras masculinas que se colocam no lugar deste pai, como o seu chefe. O mesmo adjetivo que ele se refere ao chefe, ele se refere ao pai: “ele é um ignorante que não sabe ouvir. Ele pensa que sabe tudo; mas acho que entendo mais do que ele.” Este chefe cobra, diariamente, que ele seja um trabalhador<sup>204</sup>exemplar, assumindo um caráter atormentador e impiedoso para Cláudio, que o ouve e cala-se mediante as suas críticas, tal como ele calava-se diante das árduas críticas de seu pai. Estas críticas criam um turbilhão em suas cobranças pessoais, dizendo: “melhor é impossível, mas o que mais ele quer que eu faça neste meu trabalho. Escuto ele, daí vem esses pensamentos de faca. Vou no armário e verifico a faca.” Ou seja, na presença deste chefe, ele parece reviver todo o ódio (recalcado) direcionado à figura paterna, ódio este que um dia esteve presente em sua fase fálica.

Durante a fase fálica, também é necessário apontar que a identificação com a figura paterna, identificação esta que já estava presente desde a sua remota infância, torna-se, durante esta fase, mais intensa. Mas prefiro utilizar aqui “identificações” no plural; pois este paciente parece apresentar uma identificação paterna e materna durante esta organização genital infantil (devido a presença do complexo de Édipo completo).

Retiro tal afirmação do medo que este jovem apresenta de que as facas venham a “cutucar a sua bunda”. Como este desejo tem as suas raízes no erotismo anal (como já explicitado anteriormente), encontro também na fase fálica uma explicação para tal medo (ou desejo). A faca vem substituir simbolicamente o pênis paterno e na identificação que Cláudio

---

<sup>204</sup> A profissão serviu como um encaixe para sua obsessão: ele trabalha em uma cerâmica onde verifica, obsessivamente, piso por piso se não há falhas.

apresenta com a sua mãe durante o Édipo invertido, ele se coloca em uma posição passiva, tentando obter prazer de seu pai.

Essa forma passiva de obter prazer com o pai também está relacionada com o medo que ele apresenta do “lobo-caipora” durante a sua infância. Ao mesmo tempo em que acredito que o medo do “lobo-caipora” represente a figura paterna que possa vir a puni-lo por desejar a mãe, também penso que esteja presente, nesta figura, o desejo de ter este pai como um objeto de amor, como um objeto a seduzir. Neste caso, o pai também foi desejado como uma possibilidade de satisfação passiva; pois querendo assumir o lugar de sua mãe, Cláudio desejou o amor deste.

Desta maneira, aponto que é o desejo de ter o pai como objeto sexual, como objeto a seduzir e ser penetrado por ele, que é a chave para a compreensão do medo de que uma faca venha a cutucá-lo pelo ânus. O sintoma de ocultar facas também expressa o Édipo invertido recalçado. Isto significa que está presente neste sintoma, de um modo passivo e sádico, o desejo de vir a ser penetrado pelo pênis do pai.

O medo ao jeito “brutal e grosso” deste pai também indica a presença de uma figura paterna castradora que impôs limites ao filho, tendo sido o pai percebido como uma barreira à realização do desejo incestuoso pela mãe. Essa barreira, esse paredão fica muito nítido quando, em várias sessões, expressa que: “ele sempre foi presente, de uma maneira ou de outra. As suas poucas palavras já bastavam [...]. À noite, ficávamos no sofá sentados, todos os filhos homens de um lado e o pai de outro. Ninguém batia com ele de frente, ninguém discordava dele. Eu obedecia, mesmo contrariado. A mãe e minha irmã ficavam na cozinha fazendo o jantar.”

Nesta época, o pai saía cedo de casa para trabalhar e só voltava à noite. Na ausência deste, sua mãe sempre colocava ordem e disciplina em seus irmãos. Ele expressa: “qualquer coisa ela já gritava e ameaçava chamar o meu pai no serviço [...]. Ela sempre colocou limites.” Interpreto que neste limite esteja presente a figura de um Outro-sem-seio, representante da lei. Ou seja, a figura de um pai “bravo, quieto”, responsável pelo obstáculo a realização do desejo incestuoso de Cláudio. Assim, o medo do “lobo-caipora” é o medo diante deste agente da lei, o pai, detentor das chaves que dará a este sujeito o acesso ao mundo simbólico.

De outro lado, o pai, interditando a sua esposa do desejo incestuoso de seu filho, se apresenta como um objeto a odiar. Quero dizer que ao se deparar com o desejo do pai e da mãe

---

por este, Cláudio encontra a proibição do incesto onde gostaria de encontrar a realização do seu desejo.

A angústia da castração, provavelmente causada pelo medo do pai “lobo-caipora”, além de levar ao recalque o desejo pela mãe e o ódio pelo pai, também conduz ao recalque a antiga identificação com esta mãe (e, conseqüentemente, o desejo de obter prazer com o pai). Mas mesmo o ego tendo recalcado o desejo incestuoso, parricida e homossexual, este complexo persiste em estado inconsciente. Este efeito patogênico, o retorno do recalcado, aparece no sintoma de ocultar facas. Deste modo, neste sintoma estão presentes os desejos edípicos recalcados, pois o recalçamento, neste caso, foi tênue. Embora haja o recalçamento, ele é falho desde o período de latência.

As primeiras lembranças individuais que Cláudio traz para as sessões são as que datam dos seus seis anos de idade. Ele relata que foi o seu pai quem lhe ensinou a primeira profissão: de carpir terreno e cortar cana. Também declara: “em casa, só o meu pai e eu estudamos e agora eu voltei a terminar o segundo grau [...]” Quando ele tinha seis anos de idade, seu pai buscava dar o melhor de si em seu trabalho na fazenda. Atualmente, Cláudio busca ser o melhor trabalhador na empresa em que ele é empregado.

Aos seis e sete anos de idade, por livre e espontânea vontade, iniciou-se na religião de seu pai. Conta que freqüentou a religião evangélica até o início da puberdade e, posteriormente, a abandonou, pois começaram as discussões com o mesmo.

Com o fim do complexo de Édipo, imagino que ele concretize a identificação com o pai, identificação esta presente desde a sua remota infância.

Vários dados clínicos manifestam a identificação com a figura paterna: o primeiro dado é a escolha da primeira profissão. Ele seguiu os mesmos caminhos profissionais do pai e aprendeu com o mesmo a cortar cana. Ele diz: “comecei cortando cana [...]. Meu pai me ensinou, ele também cortava [...]. Depois, eu fui trabalhar na cerâmica.” Um outro dado que revela a identificação à figura paterna é a escolha da religião deste paciente, já que optou, de livre arbítrio, por seguir a mesma religião que o pai: a protestante.

Outro dado clínico que mostra nitidamente a presença da identificação paterna e que favorece o entendimento do ritual de esconder facas é o seguinte: aos seis anos de idade, ele esperava o pai vir da roça e ia ao seu encontro. No caminho de volta à sua casa, observava o

facão que o pai trazia junto à bicicleta, em uma cesta, e ficava com muito medo de que este facão machucasse alguém. Nesta mesma época, observava as facas na cozinha da mãe. Ele ficava olhando se elas estavam em cima da pia, onde elas estavam para ninguém se ferir.

Em uma sessão, pedi para ele associar a idéia de facão. Na primeira associação, ele relacionou com o pai. Assim, disse: “facão [parou um momento] meu pai, lembro de meu pai.” Considero que o ato de observar o facão do pai e, posteriormente, observar as facas na cozinha da mãe é um ato que representa, simbolicamente, a identificação à figura paterna.

Tal afirmação vem a ser corroborada por uma outra associação. Em uma sessão, ele associou que “a faca é algo que corta, que rompe”. Então, desta associação, posso também acreditar que o que está por detrás da idéia do facão e da faca é a figura castradora do pai, figura esta que rompeu a ligação com a mãe. Assim, o “corte” que este facão representa é um corte em seu antigo narcisismo infantil, momento este em que estava ligado à mãe. E como castração e identificação são as duas faces de uma mesma unidade (como já referido no primeiro capítulo), Cláudio, ao se deparar com a castração, identifica-se com o pai, a este “facão que um dia o cortou, o rompeu” pelo fato de desejar a sua própria mãe.

A identificação ao pai é o pilar central para a compreensão do surgimento do sintoma de ocultar facas. Durante este ritual, ao esconder facas, Cláudio expressa tanto a identificação como toda a sua hostilidade inconsciente ao “pai-facão”, pelo fato deste ter-lhe interditado a sua mãe. A identificação com o pai torna-se fonte de intensa hostilidade inconsciente contra o mesmo, sendo que o sentimento de culpa tão marcante nos atos de ocultar facas não deixa de ser uma reação consciente contra essa hostilidade.

Além da identificação em relação à figura paterna, ele apresenta uma escolha objetal do tipo anaclítico por mulheres mais velhas e autoritárias. Com o início do período de latência, essa escolha objetal fica adormecida e é despertada em sua organização genital adulta. Em sua adolescência, o amor edípico é deslocado para a figura da professora do colegial. Aos catorze anos de idade, ele se apaixona pela sua professora “mais velha, autoritária e inteligente.” Mas a professora, ao negar o amor a Cláudio, dizendo-lhe que “ele é um perfeito idiota”, abala o seu narcisismo, deixando uma ferida aberta no mesmo. Também é nesta idade que ele tem a primeira experiência sexual com uma mulher mais velha. Como já anteriormente destacado, o fato de se apaixonar por mulheres mais velhas e autoritárias remetem para as características do antigo objeto de amor abandonado na primeira infância; ou



seja, a sua mãe e cujo modelo foi abandonado devido à angústia de castração. Mas ao renunciar a mãe, ele procura mulheres cujas características estão diretamente ligadas a este primeiro objeto de amor.

Neste momento deste estudo, gostaria de apontar um pequeno trecho de uma outra sessão clínica. Neste recorte, destaco alguns dados clínicos importantes para a compreensão da constituição psíquica como também do ato cerimonial de ocultar facas.

Em uma sessão, terminando o atendimento com um outro paciente, esperei alguns minutos, fui até a porta e chamei-o.

*Psicoterapeuta:* “Cláudio, vamos [...].”

*Paciente:* Ele entra rapidamente, olha para o relógio, senta e diz: “Henrique, esses pensamentos estão um pesadelo. São pensamentos ruins que me atrapalham, são pensamentos de morte, de faca. Na infância, eu já tinha alguns pensamentos, mas nos quatorze anos, eles começaram a me martirizar, ficaram mais intensos [...]. Essas manias<sup>205</sup> de colecionar, de guardar as coisas e esconder facas estão há anos na minha vida [...].”

*Psicoterapeuta:* “Cláudio, aqui é um espaço que você pode expressar as suas angústias e os seus sofrimentos.”

*Paciente:* “eh, eu sei, mas será que isso [a psicoterapia] funciona???? [...]. Sei que você está aqui para me ajudar. Eu confio em você e por isso falo coisas que nunca falei com homem nenhum. São esses medos infantis, de criança traumatizada que eu tenho. São medos idiotas e penso que homem tem que ser perfeito. Não vou falar aqui sobre as minhas imperfeições [...].”

*Psicoterapeuta:* “Mas nesta busca de perfeição que tanto você almeja, me parece que você se cobra por ter esses pensamentos, esses atos de esconder facas. Aqui é um espaço que podemos trabalhar com este seu sofrimento que tanto você se queixa.”

*Paciente:* “Esses rituais, esses pensamentos são um inferno [...]. Também são essas cobranças que eu tenho como ser o melhor no serviço, mas eu não sou, ter bastante dinheiro e ganhar bastante, mas sempre tô duro, sem dinheiro, ter uma namorada<sup>206</sup>, casar, mas sempre tô solteiro [...]. A busca da perfeição sempre esteve presente na minha vida [...]. Meu pai tem

---

<sup>205</sup> Ele utiliza a palavra mania como sinônimo de costume.

<sup>206</sup> Esta sessão foi realizada algumas semanas antes de iniciar o namoro com a sua atual professora.

essas manias de perfeição. Só ele se acha o perfeito, só ele pode errar e eu não [...]. Quando discuto com ele, passo buraco por buraco verificando as facas [...].”

Neste momento, ele parou, ficou alguns segundos calado e disse:

“Agora estou pensando em facas [...]. Toda vez que eu venho aqui e olho para você, eu penso em facas. Só vem o pensamento de faca, faca e faca. Eu venho aqui e o pensamento de faca fica mais forte, mais intenso. Se eu tivesse agora em casa, eu começaria aquele ritual de louco. Iria até a cozinha ou até a minha gaveta onde eu escondo as facas, as giletes, as agulhas [...], eu pegaria uma faca e iria esconder no buraco da parede. Com certeza, ao sair daqui, chegando em casa, eu começo aquele ritual de louco, sou o Homem que caça facas [...].”

*Psicoterapeuta:* “como assim caça?”

*Paciente:* “Pego uma faca, são faquinhas de corta pão, coloco uma marquinha e vou escondendo uma em cada buraco. Eu escondo na bacia da minha mãe, no buraco do sofá, do muro e em outros lugares. Quando escondo, a culpa parece que some, mas daí fico verificando faca por faca em cada buraco [...]. Henrique, parece comédia, mas não é. Imagina um homem de vinte e oito anos fazendo isso!!! [...]. É um ritual de louco, faço tudo escondido desde os oito anos. Você é o primeiro homem que eu acho que eu posso me abrir. Só de falar disso (do ritual) já me alivia de tanta culpa e incerteza que eu sinto. Parece que eu sou um psicopata, um assassino de tanta culpa que eu sinto, mas não mato nem formiga e nunca consegui agredir ninguém. São esses pensamentos que eu penso que agride, mas eu não agredi. Eu penso que eu fiz mal, mas eu sei que eu não fiz.”

Assim, com base neste pequeno trecho retirado de uma sessão, acredito que o paciente revela ter um superego rígido, pois sempre procura ser o perfeito. Todo o narcisismo que estava investido no ego ideal desta criança “fofinha, lindinha, bonitinha”, após a castração é investido neste ideal de ego (ou superego).

Desde a remota infância de Cláudio, ele se cobra para ser o melhor. Declara: “homem tem que ser perfeito [...]. Eu sempre decorava os temas e as moedas para ser o melhor aluno de minha classe [...]. Hoje eu me mato para dar conta do serviço. Não consigo voltar para casa sem fazer tudo certo e correto no meu serviço.” Presumo que o superego de Cláudio deve apresentar uma rigidez e uma busca de perfeição inabalável, cujo valor de perfeição ele herdou de seus pais; pois o seu pai também buscava dar o melhor de si na fazenda onde trabalhava.

Uma característica marcante, estreitamente ligada com a severidade deste superego, é o humor apresentado, em algumas sessões, quando ele relata seu ato de ocultar facas. Este humor permite-lhe que se alivie do intenso sofrimento psíquico causado pelos seus pensamentos e rituais obsessivos, abrandando a severidade desta instância psíquica.

Em algumas sessões, o superego de Cláudio se manifestava como um “paredão, uma muralha”, denotando a impossibilidade de trabalhar o sofrimento psíquico deste paciente. A afirmação, “não vou falar aqui com você sobre as minhas imperfeições”, resume bem o que era este paredão.

Em outras sessões, o humor permitia-lhe se sentir mais à vontade para abordar os seus cerimoniais. Nestas, ele diz, por exemplo: “imagina se uma mulher ver eu escondendo facas, com certeza ela sai correndo gritando ‘socorro, psicopata’ (rindo) [...]” Eram nestas sessões, na presença deste humor, que ele ficava mais à vontade para expressar os seus sofrimentos.

Em um certo trecho da sessão anteriormente referida, uma afirmação de Cláudio me chamou a atenção. Neste, ele exprime: “Agora estou pensando em facas [...]. Toda vez que eu venho aqui e olho para você, eu penso em facas. Só vem o pensamento de faca, faca e faca [...]. Eu venho aqui e o pensamento de faca fica mais forte, mais intenso [...]” Neste momento, eu pedi novamente para ele associar a idéia de faca e ele afirmou : “faca [parou e pensou] será que é o meu pai?”

Neste caso, a transferência parece estar relacionada ao complexo “ambivalente” paterno, pois o que nela está presente é a “repetição” da identificação com uma outra figura masculina.

Mas na busca desta identificação com o psicoterapeuta, há um certo prazer anal passivo. Este prazer está presente em várias afirmações que ele traz sobre o seu medo de que uma faca possa cutucá-lo pela “bunda”. Ele diz: “imagina se algum homem descobre o que eu tenho na minha mente, no meu inconsciente, esse meu medo de agulha, de faca [...]. Na adolescência, eu sempre perguntava para os meus amigos se eles não estavam com agulha. Tinha medo de que algo pontudo me cutucasse, mas sabia que era impossível acontecer, era um pensamento idiota.” Esse medo foi relatado, incessantemente, como um pavor, um horror; porém observo que, por trás desse pavor consciente existe um prazer inconsciente sendo transferido para o psicoterapeuta, já que ao expor o seu temor de ser cutucado por uma faca, ele relata o seu desejo inconsciente de vir a ser penetrado passivamente.

Esta posição passiva frente ao psicoterapeuta aparece também, ao longo das sessões, através da presença de dúvidas ruminantes. Ao relatar essas dúvidas, salienta: “eu tinha muitas dúvidas, na adolescência, com o meu pai [...]. Ele mandava eu fazer uma tarefa e eu repetia muitas vezes.” Na transferência, ele se coloca como uma criança insegura que deposita no psicoterapeuta o poder de decisão e neste encontra-se a dependência que ainda este paciente apresenta em relação ao seu pai.

Após apontar brevemente sobre a relação transferencial de Cláudio, gostaria de focar um pouco mais sobre a sua fase de latência, pois é nesta que inicia o seu ritual de ocultar facas. A respeito deste período de sua vida, revela: “desde os meus seis anos, eu sou muito medroso [...] cercado de muita incerteza [...]. Quando chovia forte, tinha medo de que a casa caísse e matasse o meu pai. Nos vendavais, eu tinha medo de que um vento levasse a casa embora e o meu pai morresse.” Estes medos conscientes encobrem o antigo desejo inconsciente de que o pai morresse, ou seja, estes medos representam a manifestação do antigo desejo parricida que se encontra recalçado e que se apresenta, de uma forma distorcida, através do medo.

Em seus sete anos de idade, um pouco antes de iniciar o ritual de ocultar facas, ele ficava olhando as facas, obsessivamente, em cima da pia da mãe. A mãe ficava de um lado, a faca do outro e ele observava se ninguém, como o pai, ia se ferir. Até que um dia, a mãe o ameaçou verbalmente, uma única vez, de enfiar a faca na sua bunda, já que ele não parava de observá-las.

A frase “saia daqui se não enfiar a faca na sua bunda”, que lhe causou e ainda causa tanto medo e horror, pode ter relação com o antigo desejo de ser penetrado pelo pênis sádico paterno. Assim, devido ao fato de um dia ter desejado como também ter se identificado com esta mãe, a penetração paterna foi tanto temida (por desejar a mãe) quanto desejada (por ter se identificado com a figura materna em sua remota infância).

Aproveito o momento em que abordo sobre a incorporação fantasmática do pênis paterno, gostaria de recorrer ao artigo de Silvia Bleichmar intitulado “Paradoxos da Constituição Sexual Masculina”. Neste texto, ela afirma:

O menino, passivizado nos primeiros tempos da vida pela mãe fálico-sedutora, não pode aceder à masculinidade senão através da incorporação fantasmática do pênis paterno que oferece sua

potência articuladora ao mesmo tempo em que submete analmente nos intercâmbios que abrem os circuitos da masculinização [...]. Como poderia o filho homem receber o pênis do pai que o torna sexualmente potente senão fosse a partir de sua incorporação? Incorporação introjetiva que deixa a masculinidade entregue para sempre ao fantasma paradoxal da homossexualidade.<sup>207</sup>

Mas, se por um lado, a incorporação fantasmática do pênis paterno deixa Cláudio entregue ao fantasma da homossexualidade, da perversão, por outro, essa incorporação lhe possibilita o abandono da posição de passividade, abrindo novos caminhos rumo à sua masculinidade.

Durante a fase de latência deste jovem paciente, a falha do recalçamento e a presença de um superego rígido, que entra em conflito com o id, provocam a formação de inúmeros sintomas obsessivos, tais como pensamentos ruminantes de faca, atos compulsivos de verificar se as portas estão trancadas, lavar as mãos inúmeras vezes e o início do ritual de ocultar facas. Aos oito anos de idade, ele já apresenta sinais de uma neurose obsessiva, pois exhibe vários sintomas obsessivos, os quais lhe geram um certo prazer sádico inconsciente.

Em uma sessão, ele conta: “em meus oito anos, eu limpava os banheiros e os quartos várias vezes [...]. O meu passatempo era limpar os quartos, a privada, o banheiro [...]. Adorava sentir cheiro de lugar limpo.” O anseio pela limpeza, que se inicia durante a sua fase de latência, provêm de sua fonte anal-erótica. O gosto pela limpeza pode ser considerado como uma formação reativa contra os antigos instintos anais-eróticos. Assim, os sintomas ligados à limpeza dão a impressão de uma formação reativa contra uma imundície perturbadora, perversa que não deveria pertencer a este neurótico.

Além disso, o prazer em sentir cheiro de lugar limpo está ligado ao recalçamento do seu antigo erotismo anal. Esse prazer também pode ser considerado fruto dessa formação reativa, pois se o odor das fezes era tão (des) prazeroso durante a sua organização anal-sádica, na fase adulta, devido ao recalçamento, ele cultivava o prazer olfativo pelo cheiro de limpeza, dizendo: “tenho nojo de lugar sujo, me dá um mal-estar [...] ainda mais se for de lugar público.”

novos conhecimentos tomou o lugar do seu antigo sadismo, sendo este anseio por novas informações uma ramificação sublimada do instinto de domínio, sádico, exaltado no interesse em aprender idiomas, músicas e etc. Desde os seus oito anos, ele gosta de ler revistas científicas, assistir a programas educativos, pesquisar temas que o interessam, como história e geografia.

É a partir desta idade que ele inicia o ritual de esconder facas. Em quase todas as sessões, a queixa sobre o seu ato cerimonial e de seus pensamentos de “faca, faca e faca” eram constantes. Eu sempre procurava acolher o sofrimento deste paciente, pois todo o seu sofrimento psíquico baseava-se nestes pensamentos obsessivos e em seus atos cerimoniais. Ao longo da psicoterapia, fui “tecendo” este sofrimento. Isto significa que eu acolhia a sua queixa, mas tinha muito cuidado em intervir para não “agulhá-lo”, não “cutucá-lo”.

Uma afirmação de Cláudio resume como ele se sentia ao longo das sessões: “só aqui posso me abrir com alguém”. Dado ao tempo de trinta minutos por sessão, poucas eram as intervenções que ele escutava. Parecia que, em trinta minutos, ele queria falar de tudo: falava sobre o seu ritual, o chefe, o pai e etc.

Um fato me deixou mais à vontade para trabalhar com o sofrimento causado pelos seus atos obsessivos. Durante uma sessão, ele falou: “vou te mostrar uma coisa, não vai assustar”. Imaginei que era uma faca pela intensidade de sua fala. Ele levou a mão ao bolso e começou a tirar pequenos objetos, como clipes, papéis e tampinhas. Ele disse: “vê se pode, eu escondo tudo isso”. Foi neste instante que compreendi que este paciente gostaria de mostrar “as suas fezes” para o psicoterapeuta. Neste momento, ele declarou: “olha Henrique, que barbárie. Imagina guardar tudo isso. Pela primeira vez, estou mostrando a um outro homem o que eu guardo”. Com base nesta sua fala, observei que, simbolicamente, todo o seu ódio, todas as suas fezes infantis contidas começaram a se “esvaziar” pelo setting. Após o ato de mostrar pequenos objetos, Cláudio começou a ficar menos contido e a absorver mais as minhas intervenções. Devido a esta abertura, me senti mais à vontade para trabalhar a questão do ato cerimonial. Assim, segue-se nas páginas a seguir, os dados coletados sobre este ato obsessivo.

Como relatei anteriormente, aos oito anos ele começa a apresentar o pensamento obsessivo de faca, pois acreditava que se não escondesse uma faca, alguém de sua casa poderia morrer; como ele ou o pai. Este pensamento de faca e o ato de escondê-la marca o

início do ritual de ocultar facas. Cláudio relata: “quando eu tinha oito anos, vinha o pensamento de faca [...]. Quando vinha esse pensamento, eu pensava ou fazia outra coisa, como esconder uma faca, para esquecer esse pensamento, já que pensava que alguém poderia morrer se não fosse escondê-la [...]. Um pensamento [de faca] bloqueava o outro [de morte]. Ninguém em casa sabia dessas coisas de doido. Só foram desconfiar, recentemente, porque eu joguei todas as facas no lixo para ver se o pensamento sumia [...]. Não some, não adianta, é muito sofrimento [...].”

Desde a sua queixa inicial, Cláudio também aponta: “estes rituais estão me deixando cada vez mais desgastados [...]. Durmo pensando que tem uma faca debaixo do meu colchão ou lá na cozinha [...], mas eu sei que não tem faca lá

e julgue os seus pensamentos como “idiotas, banais, nada a ver e babacas”. Mas, mesmo sabendo que estes pensamentos são impossíveis de ocorrer, é necessário destacar o poder e a força que estes apresentam na dinâmica psíquica deste neurótico. Ele diz: “sou um cabeça dura [...]. Pensei, tá pensado. Ninguém tira da minha cabeça. [...] Tenho mente de criança. Eu até acredito que pessoas possam entortar garfos com a força do pensamento.” Tal como o Homem dos Ratos, Cláudio apresenta uma onipotência de pensamento marcante em sua vida cotidiana. Devido à compulsividade destes pensamentos, ele realiza o ritual de ocultar facas para se aliviar da intensa ansiedade e sofrimento que os mesmos lhe causam.

Parece que, desde a sua infância, toda a energia voltada às ações encontra-se a disposição dos pensamentos ruminantes de “faca, faca e faca” e de seus rituais. Como ele próprio expõe: “desde o início dos meus rituais, eu só penso, não tenho atitude, não faço nada [...]. Vivia e ainda vivo pelos meus pensamentos [...]”. Essa ‘inação’, ou seja, essa falta de ação, o leva a passar horas e horas, paralisado, remoendo pensamentos de morte, de suicídio e de faca. Estes pensamentos lhe propiciam doses de (in)satisfação, de (des)prazer; como se estes estivessem hipercatexizados desde o início dos seus rituais.

O início do ritual de ocultar facas está muito distante do ato proibido, pois era um ato inofensivo, banal, feito no silêncio e sem ninguém saber. Ao longo da organização genital adulta, este ritual foi se aproximando cada vez mais do ato desejado. Atualmente, ele esconde uma faca suja de manteiga no doce de goiabada de sua mãe ou na bacia de lavar roupas, também de sua mãe.

Assim, o ritual de ocultar facas não deixa de ser uma ação que compensa a realização do desejo proibido, pois o simbolismo presente no ritual de ocultar facas denota a atividade proibida: ao esconder a faca, ele deseja inconscientemente e por meio de uma forma ativa, obter um prazer que um dia lhe fora interdito. Isto é, na organização genital adulta, o sintoma de ocultar facas apresenta sua forma individual, particular, sendo o substituto do ato proibido que não aconteceu. Se as facas simbolizam a identificação ao pai, então o ato de escondê-las sujas de manteiga no doce de goiabada da mãe ou na sua bacia representa o ato desejado. Quero dizer que ao colocá-las nestes lugares, o paciente “encena” o desejo de ter a mãe como objeto de prazer, de penetrá-la de uma forma sádica.

Durante a organização genital adulta, os inúmeros rituais que denotam o ato proibido tiveram como origem um simples ato banal de ocultar uma pequena faca aos oito anos de idade.



Deste modo, ao final de sua fase de latência, ele apresenta uma neurose obsessiva em seu estado mais grave; pois já inicia o seu ritual de esconder facas. E nesta época, concomitantemente a estes pensamentos ruminantes de facas, já estão presentes vários mecanismos de defesa para

tem medo de agulha [...]. Eu não sou bruxo, mas mesmo assim escondo as agulhas em casa, já que tenho medo de ser espetado.”

O simples ato banal, inofensivo, de ocultar uma faca que começou em seus oito anos de idade, aponta o início de uma vida marcada por rituais cotidianos de ocultar facas diariamente. O antigo desejo recalçado (tanto de obter prazer com a mãe como com o pai), o ódio e a hostilidade inconsciente à figura paterna manifestam-se em seus rituais de esconder não só facas, como também pregos, giletes, tesouras e agulhas.

Cláudio apresenta uma diversidade de lugares onde esconde estes objetos. Creio que, em cada lugar, ele encontra uma forma de satisfação substitutiva de seus desejos inconscientes, pois estes desejos se deslocam em rituais de esconder objetos em vários lugares diferentes.

Esses diversos lugares em que ele oculta as facas e outros objetos refletem a sobredeterminação deste sintoma. Cada ritual se refere a desejos inconscientes que se organizam em seqüências significativas diferentes, na qual cada seqüência ritualística apresenta a sua coerência própria. Embora já tenha citado nas páginas anteriores sobre o desejo incestuoso, parricida e homossexual presentes nestes rituais, pretendo retomá-los nas próximas linhas, pois permitirá ao leitor uma melhor compreensão da sobredeterminação presente neste sintoma.

Desta maneira, os lugares em que o paciente esconde as facas e que manifesta o desejo incestuoso são: a gaveta da mãe, a tigela da mãe, o armário da mãe, o doce da mãe, a bacia da mãe (de lavar roupas), a panela da mãe e outros lugares.

Já os lugares em que oculta as facas e que apontam para a presença do desejo parricida são: o ato de esconder as facas no buraco do sofá (onde o seu pai senta), no buraco do muro que o seu pai construiu e o ato de verificar faca por faca em cada buraco, após discutir com o seu pai.

Atualmente, o ritual que manifesta o desejo de vir a ser penetrado pelo pênis paterno apresenta-se no ato de sempre levar uma faca consigo, dentro do bolso de sua calça, para o serviço. Declara: “eu sempre levo uma faca embrulhada no bolso de trás [...]. Chego lá no serviço, deixo ela guardada no armário [...]. Henrique, a minha vida é isso, é loucura, só eu faço isso da minha família, por quê?”

Assim, em seus rituais estão presentes as relações de atividade (desejo inconsciente de penetrar) e de passividade (desejo inconsciente de ser penetrado). Esta é a característica marcante da organização psíquica deste paciente, a qual revela sua fixação anal-sádica.

Desde o início do ato de ocultar facas, a presença da pulsão de morte é marcante neste ritual. Isto significa que neste ato está sendo expresso a pulsão destrutiva; pois, além de manifestar toda a hostilidade ao pai, também manifesta a sua destrutividade direcionada ao ambiente externo.

Aproveitando o momento em que abordo a pulsão de morte neste caso, é necessário destacar que em vários pensamentos obsessivos de Cláudio estão presentes certos impulsos destrutivos. Ele relata que na adolescência os seus pensamentos aumentaram de intensidade e os seus rituais tornaram-se intolerantes. Em suas próprias palavras, diz: “na minha adolescência, esses pensamentos aumentaram, ficaram um inferno. Eu pensava que eu tinha matado ou batido em algum homem, mas não bato nem em mosquito. Eram só pensamentos [...]”. Assim, esse “não bater em nenhum mosquito” exemplifica a presença da hostilidade recalcada nos pensamentos deste obsessivo.

A destrutividade e a agressividade recalcada dirigida ao pai e ao ambiente externo também estão presentes em outros rituais. Quando ele afirma: “quando discuto com o meu pai, eu verifico faca por faca em cada buraco ou eu enfio uma faca no buraco da parede”, interpreto que essa afirmação possa exemplificar a agressividade recalcada em relação à figura paterna, essa figura que o impossibilitou de ter acesso ao objeto amado. Mas concomitantemente à manifestação da agressividade que emerge das discussões com o pai está presente o ato (de enfiar facas nos buracos) que exemplifica a fixação do desejo incestuoso na psique de Cláudio.

E devido à impossibilidade de realizar o desejo incestuoso, essa impossibilidade desencadeia sua agressividade que é expressa, simbolicamente, durante os rituais. Ou seja, devido a impossibilidade de consumir o seu desejo incestuoso, uma parte da sua agressividade se desprende de sua sexualidade e manifesta-se no ato de ocultar facas. Embora seja um ato inofensivo, este também manifesta toda a hostilidade ao pai devido à impossibilidade de concretizar o antigo desejo incestuoso pela mãe. Deste modo, o paciente manifesta, por meio do ato de ocultar facas no presente, uma forma de expressar simbolicamente a sua agressividade pelo desejo não correspondido.

Sobre a agressividade inconsciente tão marcante nestes rituais, é necessário apontar também que devido a ação do recalçamento, esta se manifesta em pensamentos como: “eu penso que agredi ou matei alguém, mas não mato nem mosca.” Desta maneira, devido à ação do recalçamento e de um superego rígido, a agressividade se apresenta de uma forma caricaturada através de pensamentos de ter matado ou agredido alguém.

Além disso, outro dado que corrobora a hostilidade inconsciente ao pai ocorre quando após discutir com este “dono da razão, rei da verdade”, ele verifica se os espetos, as agulhas, as tesouras estão bem guardados. Acredito que o verificar é uma maneira dele se aliviar tanto do conflito ambivalente (de amor e ódio) como também de sua agressividade dirigida ao exterior (e ao pai). Assim, ao verificar estes objetos, ele coloca a sua própria agressividade inconsciente sob um certo controle, como se a faca representasse simbolicamente a agressividade destinada ao exterior.

Isto é, a faca é um objeto simbólico que representa, de uma forma contida, toda a destrutividade dirigida ao pai e ao mundo externo, mas a faca também representa toda a agressividade introjetada um dia deste pai, sendo esta faca um representante do pênis agressivo, sádico introjetado por Cláudio em sua infância, marcando a passagem de sua passividade (de receber este pênis) para a masculinidade, restando-lhe ficar entregue, eternamente, ao fantasma da homossexualidade.

Em uma outra sessão, Cláudio trouxe uma associação muito interessante sobre o enfiar as facas nas paredes ou nas tigelas, asseverando: “não sei porque eu faço esse ato, parece que quando eu enfio a faca no buraco me dá prazer, apesar de sofrer com esses pensamentos [...]. Nos meus nove anos, eu enfiava a faca no buraco, o sofrimento passava e olha que estranho, que coisa de louco, eu sentia um certo alívio.” Ao final de sua fase de latência e à guisa de atos de ocultar facas, a masturbação suprimida da fase fálica se aproximava cada vez mais da satisfação, já que, nesta idade, o ato de ocultar facas substituía o antigo prazer concebido pela masturbação. Essa minha interpretação vem a ser corroborada por um outro dado clínico. Ele expõe: “estou há uma semana sem se masturbar e essas manias de esconder e verificar facas aumentaram. [...] Toda vez que eu paro de fazer cinco romanos, essas manias aumentam.” Quando ele cessa a prática masturbatória, os rituais de ocultar facas aumentam de intensidade; como se estes atos, simbolicamente, compensassem a masturbação, substituindo-a e propiciando-lhe uma certa satisfação.

Existe uma característica marcante neste ritual: todo ato de ocultar facas (e outros objetos) é feito secretamente, sem ninguém saber.

O ritual de ocultar facas começou como um ato inofensivo, como se Cláudio estivesse obedecendo a uma lei silenciosa, sagrada. Atualmente, a lei silenciosa ainda rege o ritual, quando ele diz: “Ainda faço as escondidas, sem ninguém saber, mas falam que eu tô louco porque já sumi com todas as facas de casa [...]. Cada faca que eu escondo, eu deixo uma marquinha, mas eles não sabem que eu as escondo em buracos, gavetas [...].”

Além dessa lei silenciosa, o medo, o temor de que o pai morra é fruto de sua defesa contra o ódio inconsciente dirigido a figura paterna. Isto é, neste ato obsessivo está sendo expresso a ambivalência em relação à figura paterna: o medo consciente de que ele morra e o desejo inconsciente de que ele morra, assim como o amor consciente e o ódio inconsciente em relação a este pai “grosso e cruel”.

Não só a ambivalência à figura paterna está em jogo neste ato de ocultar facas, como também este ato provém de intenções de sua realidade psíquica. No início do ritual, ele apresenta pensamentos obsessivos de morte de alguém, impulsos nos quais pensa que matou alguém, mas não matou. Estes impulsos originam-se dos seus desejos recalcados. E através do deslocamento e da ação do recalçamento, esses impulsos tornam-se atos inofensivos, banais, nunca se concretizando na realidade. Assim, certos impulsos e idéias obsessivas possuem um conteúdo da mais assustadora categoria. Mas, destes pensamentos, este neurótico foge com horror e se resguarda de executá-los, recorrendo a atos de esconder objetos pontiagudos.

Para desviar estes pensamentos “martirizantes”, como ele mesmo disse, ele realiza atos para esquecer tais pensamentos. Interpreto que estes atos, como esconder facas, pular quarenta vezes, são atos que anulam estes impulsos inconscientes, momento este em que o paciente recorre a ações ou a “atos mágicos.”

Ao mesmo tempo em que estes atos anulam os pensamentos trágicos presentes em Cláudio, estes atos não permitem que os seus pensamentos entrem em contato com os seus desejos recalcados, criando certos tabus como “se eu não esconder a faca, meu pai certamente morrerá [...], se eu passar debaixo da ponte do trem, algo de ruim poderá acontecer.” Ele recorre a outros pensamentos ou a atos mágicos que isolam seus pensamentos de seus desejos, não permitindo que certos pensamentos entrem em contato com os mesmos.

O paciente sempre se queixa, desde o primeiro contato, do (des) prazer de ficar vinte anos ocultando facas. Ele confessa: “isso é mais forte do que eu, esses pensamentos são como marteladas, vêm de dentro e [...] eu tenho que esconder se não esses pensamentos me torturam”. Essa afirmação de Cláudio me lembra o que Freud afirma na *Conferência XVII – O Sentido dos Sintomas* (1917[1916-1917]). Assim, para Freud o que é depositado no ritual obsessivo é sustentado por uma energia com a qual, provavelmente, não encontramos nada comparável na vida mental normal. Desta maneira, só mesmo vendo Cláudio se queixar do sofrimento que causam certos pensamentos obsessivos e da realização de vários cerimoniais diários que é possível ver como uma neurose, que ficou anos e anos sem tratamento, faz com que o sujeito se torne um escravo dela (e de seus desejos).

Além dessa escravidão causada pelos seus atos de esconder facas, um fato me chamou a atenção no início desta psicoterapia: a paralisação em que ele se encontrava. Parecia que ele estava inerte; como por exemplo, apresentava muita dificuldade em se relacionar com outras mulheres, como se estes atos obsessivos tivessem paralisado as atividades pertencentes à sua masculinidade. Ao longo da psicoterapia, um sinal de progresso foi iniciar o namoro com a sua professora “inteligente e carinhosa.” Mas, mesmo com este namoro, a queixa de seus rituais continuaram, dizendo: “estou namorando, mas ela não sabe que eu escondo faca, será que devo contar?”

E como a queixa sobre estes rituais permearam todo o nosso contato clínico, acredito que dois pontos ainda precisam ser destacados neste meu estudo. Por que ele sente tanta culpa e incerteza ao realizar estes rituais?

Cláudio expressa: “toda vez que eu enfio a faca no buraco da parede, parece que me sinto aliviado de uma culpa [...] de uma culpa que eu não sei de onde vem [...]. Mas ela sempre volta, é incrível, parece que sou assassino de tanta culpa que eu sinto, um homem que não mata nem mosca é normal sentir culpa assim?”

Acredito encontrar explicações para a o sentimento de culpa na possível existência da agressividade inconsciente direcionada à figura paterna durante o ritual. Ou seja, esta culpa está ligada, possivelmente, à manifestação das pulsões destrutivas no ato de ocultar as facas.

Sobre este sintoma, Cláudio também assegura que após discutir com o pai, ele passa buraco por buraco verificando as facas. Para se aliviar da culpa, ele pega uma faca e a esconde. Relata: “quando eu escondo, parece que a culpa some, estranho [...]” Ao repetir os seus atos

cerimoniais, a culpa torna-se um círculo vicioso no ato de ocultar facas: ao mesmo tempo em que ele se alivia da mesma, ela retorna cada vez mais forte.

Deste modo, a agressividade inconsciente, a ambivalência de amor e ódio (cujo ódio é reforçado pela regressão à fase anal-sádica) e a presença de um rígido superego são responsáveis pelo sentimento de culpa presente neste ritual.

Comparo este ritual de ocultar facas a um ritual primitivo, pois cada vez que enfia uma faca em algum buraco, cada vez que simbolicamente “mata” este pai temido (que representou um obstáculo aos seus desejos sexuais), ele satisfaz simbolicamente o seu ódio inconsciente. Mas este suposto parricídio, ou seja, este pai que simbolicamente estava morto, retorna cada vez mais forte devido à antiga identificação de Cláudio com este. Conseqüentemente, o sentimento de culpa torna-se cada vez mais intenso e a única maneira possível dele se aliviar desta culpa, como ele próprio disse, é retomando novamente este ato de ocultar facas. E, ao retornar a realizar o ritual, ele vive o que ele chama “de o inferno aqui na terra [...]. Isso é um inferno, tô pagando os meus pecados ainda vivo [...].”

Se a culpa tem uma relação direta com a hostilidade inconsciente presente no ato de ocultar facas, como se explicar o fato de que ele verifica, várias vezes, se a faca está guardada, para ninguém se ferir?

Compreendo que o ato de verificar se as facas estão uma em cada buraco, repetindo esta medida protetora várias vezes, é um meio apresentado por este paciente de tentar se aliviar de suas incertezas, mantendo um certo controle sobre a sua agressividade inconsciente.

Expressa que: “um dia sumiu o espeto do meu pai, fiquei como um louco procurando ele pela casa toda”. Este procurar, verificar inúmeras vezes no lixo, na cama, debaixo do tapete é a maneira dele ter este objeto simbólico sobre o seu controle. O perigo não é a faca, nem a gilete ou a agulha, mas sim o que estes objetos representam: o controle de seu ódio e de sua agressividade. Todos estes objetos têm que estar, de uma maneira ou de outra, sobre o seu controle. E tendo-os sob controle, simbolicamente o seu ódio e a sua agressividade estarão, a custo de um grande desperdício de energia mental devido à ação de seu superego, sob seu controle consciente.

Desta maneira, a incerteza e a culpa permeiam toda a vida psíquica de Cláudio, como também a realização deste cerimonial. O verificar as facas quatro, cinco vezes é um modo que

ele encontra de suavizar o conflito presente em sua vida psíquica, conflito este relacionado ao medo (consciente) e ao desejo (inconsciente) de que o seu pai venha a falecer se ele não as esconder.

Como já referido no capítulo dois, a incerteza orienta os pensamentos obsessivos para temas onde a humanidade está incerta e os seus conhecimentos e julgamentos expostos a dúvida. Cláudio sempre acreditou em telepatia, telecinésia, vida extraterrena, bruxaria e feitiçaria desde a sua infância. Outro tema que mais o interessa é relativo a assuntos funerários. Na sua adolescência, ele tinha um ritual de ir até o cemitério e ficar contando as datas dos parentes de seu pai que havia falecido. Este ritual pode ser considerado como uma manifestação do desejo parricida que um dia se fez presente em sua organização genital infantil. Isto significa que a atitude de ir até o cemitério expressa, de uma maneira simbólica, o desejo de morte ao pai que se faz presente no ritual de contar e recontar os números dos túmulos da família dos Batistas<sup>208</sup>.

Lembro-me da primeira sessão que ele relatou esse ritual e a associação que tal lembrança desencadeou. Esta consistia em: “sabe, cemitério me lembra morte, defunto, homem morto [...]”

Assim, em suas fantasias, Cláudio ainda está preso ao tema da morte. É a morte ao pai, a grande figura responsável pela sua castração, que ele tenta ludibriar empregando várias estratégias durante os seus rituais. Como um ato sagrado, ele crê piamente em seus rituais, na força de seus pensamentos, no poder e na realização dos seus atos de ocultar facas, fazendo destes a sua religião particular.

Ao relatar este ritual do cemitério, lembrei - me do Homem dos Ratos e de seus inúmeros rituais. Durante a sua juventude, Lanzer adorava temas funerários, fato este muito parecido com o hábito apresentado por Cláudio; pois ele também adorava temas fúnebres durante a sua adolescência. Dentre os vários rituais de Lanzer, um me chama a atenção; pois é muito parecido com o ritual fúnebre apresentado pelo meu paciente. Assim, à meia-noite, de calças abertas, Lanzer abria a porta e esperava a visita do fantasma paterno. Ele esperava esta visita estudando, o que era exatamente o que o pai queria que ele fizesse. Já Cláudio, em plena tarde, ficava em frente ao túmulo da família dos Batistas, contando e recontando as datas e pensando na vida e na morte. Ou seja, o ato de contar e recontar representa simbolicamente a

---

<sup>208</sup> Batista é um dos sobrenomes fictícios do pai deste paciente.



presença da ambivalência em relação ao pai, como também não deixa de ser um ato simbólico de tentar quitar a eterna dívida com este, pelo fato de ter desejado a sua morte como também a sua esposa.

Atualmente não vai mais ao cemitério contar e recontar os números, mas sofre intensamente com a idéia da morte dessa pessoa tão “amada”, colocando em evidência a ambivalência a este pai em certos pensamentos como: “Por que eu penso que ele pode morrer, se eu respeito tanto ele?”

O estudo dos inúmeros rituais de Cláudio também me remete a um outro caso clínico analisado por Freud: o caso do Homem dos Lobos. Aos seis anos de idade, Serguei Pankejeff apresentava um ato obsessivo de expirar diante de pessoas aparentemente dignas de dó. Este sintoma relacionava-se ao pai, protótipo de todos os aleijados, mendigos e gente miserável. Assim, tal como estes rituais presentes na infância do Homem dos Lobos, os rituais obsessivos presentes na infância de Cláudio também se direcionam para a figura paterna, denotando a identificação (inconsciente) e a ambivalência a esta.

Isto é, o ritual de ocultar facas evidencia a relação de um “filho-faca” com o “pai-facão”. Nesta relação, a identificação paterna se revela desde o surgimento do ritual de Cláudio aos oito anos. Durante a sua infância, ao dormir, ele não precisava dar voltas no quarto com uma cadeira para subir e beijar imagens religiosas penduradas na parede, como o Homem dos Lobos, mas necessitava esconder uma pequena faca em seu quarto. Atualmente, durante os seus atos cerimoniais, o pai é ainda a grande figura que permeia os meandros destes sintomas, sustentado pelo ódio (inconsciente) deste filho. Assim, estes rituais apontam para a figura do pai castrador, a qual é responsável pelo recalçamento dos seus desejos edipianos, levando Cláudio a ocupar um lugar jamais esperado por ele anteriormente. É deste lugar que tanto ele se queixa durante as sessões: o lugar de um sujeito desejante, aprisionado pelos seus próprios desejos recalçados durante os seus rituais.

Na finalização deste capítulo, gostaria de destacar que estudar o ritual de ocultar facas não requer somente abordar um cerimonial com seus atos repetitivos. Estudá-lo requer uma compreensão de toda a dinâmica psíquica deste obsessivo. Poderia ter iniciado este capítulo diretamente no estudo deste sintoma, mas seria uma grande perda para esta dissertação desprezar uma história tão rica como a história de Cláudio, o homem que “caça facas” desde a infância. Este paciente, que passara anos esperando por uma vaga para ser atendido, ocultando

este sintoma de todos que o cercavam, inicia sua psicoterapia em fevereiro de 2005. Ele que chegara paralisado, queixando-se de seus rituais, foi deixando essa “inércia destrutiva” causada por seus atos cerimoniais. Ao longo da psicoterapia, ele começa a investir em novos relacionamentos amorosos, certas preocupações de um homem adulto (casar, ter filhos) começam a aparecer em suas queixas e uma afirmação marca uma das últimas sessões com este paciente.<sup>209</sup> Deste modo, após vinte e dois meses de psicoterapia, destaco uma frase que resume, em poucas palavras, os pequenos ganhos conquistados por Cláudio. Ele declara:

Hoje, mesmo com os pensamentos de facas, consigo realizar atividades que eu nunca teria coragem de fazer. Eu sei que eternamente estarei com estes pensamentos, mas hoje consigo sair, namorar, ser um homem normal e não uma criança com medo. Antes me amedrontava tudo [...], mas este cara, com pensamentos assim, sou eu [...]. Já consigo até olhar as facas e algumas eu não mais escondo, vem ansiedade, mas não me incomoda tanto como antes [...]. Olho hoje para as facas e vejo que ainda tenho que mudar muitas coisas, pois o homem com pensamentos de faca sou eu.

Desta maneira, encerro este estudo teórico – clínico com uma célebre e honrosa frase do mestre vienense: “A neurose obsessiva é, indubitavelmente, o tema mais interessante e compensador da pesquisa analítica.”<sup>210</sup>

---

<sup>209</sup> Cláudio ainda permanece em psicoterapia, embora gostaria de lembrar ao leitor que a maioria dos dados citados nas páginas anteriores é fruto de um recorte clínico de um ano (doze meses) sobre este processo psicoterapêutico.

<sup>210</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). Op. cit., p.115.

### **Considerações Finais.**

Ao iniciar estas considerações finais, é necessário retomar o objeto de estudo desta dissertação. Ou seja, o que o ato de ocultar facas representa na constituição psíquica do sujeito deste trabalho?

No ato de ocultar facas, neste ritual “primitivo”, a religião individual deste paciente neurótico, com as suas leis tácitas e pensamentos ruminantes, revela que este ato não deixa de ser uma medida defensiva, uma medida protetora contra os seus próprios desejos inconscientes. Estes atos de ocultar facas tornam-se sintomas autopunitivos, sádicos, atos estes que lhe proporcionam uma certa dose de (des)prazer. Mas punição e (des)prazer em relação a quê?

Gostaria de rever brevemente a constituição psíquica de Cláudio. Nesta constituição, durante a fase fálica, o ódio ao pai (reforçado pela regressão da libido à fase anal-sádica), o desejo incestuoso pela mãe e a passividade mediante este pai são recalcados devido ao medo do pai “lobo-caipora”. Mas o estudo teórico-clínico sobre o ato de ocultar facas mostra que o recalque falhou, surgindo inúmeros sintomas obsessivos durante sua infância, tendo estes perdurados até a idade adulta.

Freud já havia destacado na carta de dois de Maio de 1897 a Fliess (e que ele reitera na Conferência XIX - Resistência e Repressão de 1917) sobre o sintoma obsessivo como “uma formação de compromisso”<sup>211</sup>, momento este em que os impulsos perversos penetram na consciência, tornando os sintomas, como o ato obsessivo, defesas contra desejos sexuais sádicos.

Desta maneira, o ritual de ocultar facas pode ser considerado como uma formação de compromisso da antiga sexualidade infantil, perversa deste paciente. E, ao expor que ele verifica várias vezes se a faca encontra-se guardada no buraco para não “cutucar sua bunda”, acredito que os impulsos perversos encontram-se distorcidos neste sintoma. Neste ato, o desejar e o temer, o amor e o ódio estão presentes na ambivalência e se expressam, respectivamente, no sintoma de culpa e da incerteza tão característicos deste ritual.

No artigo “Pensando a Neurose Obsessiva a Partir de ‘Atos Obsessivos e Práticas Religiosas’, de Freud”, Franco declara que “na neurose obsessiva há sempre a ameaça do retorno do recalcado com um grande dispêndio de energia para impedir tal retorno. Os atos obsessivos nada mais são que o apoio para impedir este retorno.”<sup>212</sup> O ato de ocultar facas pode ser considerado uma medida protetora para impedir o retorno do recalcado na dinâmica psíquica deste sujeito, tornando este ato uma formação de compromisso entre o id, de um lado, e o ego impelido pelo rígido superego, de outro. Estas formações de compromissos levam-o a realizar atos de ocultar facas como formas substitutivas prazerosas para os seus desejos recalcados.

Assim, os desejos incestuosos recalcados movem este sujeito em seu ritual de esconder facas, criando-lhe certos tabus. O medo do toque destes desejos, o *delire du toucher*, leva-o a realizar “atos de loucura”, como ele próprio afirma. Estes atos consistem em rituais cotidianos de esconder e verificar facas, giletes, pregos, tesouras, agulhas (e outros objetos) na bacia de lavar roupas de sua mãe, na gaveta da cozinha onde a sua mãe guarda os talheres e em outros lugares.

Não só os desejos incestuosos estão expressos nestes atos, como também a homossexualidade recalcada merece novamente um breve destaque. O medo de que uma faca o cutuque pelo ânus, isto é, o desejo de penetração passiva está presente nesta constituição psíquica. Este medo consciente (ou desejo inconsciente) expressa a antiga identificação com a

---

<sup>211</sup> FREUD, Sigmund (1897 b). Op. cit., p.296.

<sup>212</sup> FRANCO, Sergio de Gouvêa (2005). Op. cit., p.15

mãe e a passividade pela qual este neurótico se colocou mediante a figura de seu pai durante a fase de sua organização genital infantil.

Em 1917, Freud expõe que “fezes, bebê e pênis são três corpos sólidos; todos três forçando penetração ou expulsão, estimulam uma passagem membranosa.”<sup>213</sup> Neste estudo, a faca parece representar este corpo sólido representante do pênis paterno que força essa penetração, ou seja, a faca significa toda a agressividade introjetada deste “pai-facão”, sendo esta representante do pênis sádico paterno introjetado durante a infância de Cláudio, marcando a passagem da passividade deste sujeito rumo a sua masculinização, deixando-o entregue ao fantasma da homossexualidade.

É necessário ressaltar que o desejo de vir a ser penetrado sadicamente pelo pênis paterno também está ligado às raízes da passividade durante a fase do seu erotismo anal, quando as fezes eram retidas em suas prisões de ventre, denotando o ódio e o sadismo em relação ao pai. Mas ao expulsá-las, esta atitude passiva lhe proporcionava muito prazer, sendo este (des) prazer recalcado e se manifestando através do medo, do pavor, do horror que uma faca o cutucasse atualmente, em sua organização genital adulta.

No artigo “A Metapsicologia da Neurose Obsessiva”, Green destaca que “o papel da analidade [...] permanece como pedra angular na metapsicologia da neurose obsessiva.”<sup>214</sup> Essa pedra angular a que Green se refere está presente no medo consciente de Cláudio de que “uma faca o cutuque”. E devido à regressão da libido à fase anal-sádica, os rituais de ocultar facas estão permeados de atos ativos (de penetrar o objeto amado, reproduzindo o ato sexual proibido) e passivos (de ser penetrado pelo pênis do pai).

O ato de esconder facas manifesta, simbolicamente, toda a hostilidade inconsciente ao mundo externo. Toda a agressividade recalcada é contida neste objeto durante o seu ritual. Assim, devido à presença das pulsões destrutivas e da ambivalência de amor e ódio na constituição psíquica deste sujeito, isto o leva a se sentir, em suas próprias palavras, “paralisado, sem atitude” mediante o mundo externo.

O ato de ocultar facas também revela a problemática da relação deste jovem paciente com seu pai “cruel e rei da razão”: o amor consciente ao pai, a culpa consciente encobrem o ódio, a hostilidade e o desejo parricida inconsciente dirigidos a esta figura. Neste ritual, cada

---

<sup>213</sup> FREUD, Sigmund (1917). Op. cit., p. 141.

<sup>214</sup> GREEN, André (1967). Op. cit., p.216.

vez que, simbolicamente, ele assassina o pai, este retorna cada vez mais forte através do intenso sentimento de culpa consciente apresentado por Cláudio. Esse sentimento permeia este ritual, funcionando como um círculo vicioso: após enfiar a faca no buraco, este sentimento retorna mais intenso.

Em “Dívida e Culpa”, Calligaris diz que “a culpa é necessária à neurose, ela é um motor estrutural da neurose [...]. Além da culpa, no Homem dos Ratos é patente que a dimensão fundante do sujeito [obsessivo] é a dívida [simbólica com o pai].”<sup>215</sup> No presente caso, tanto a culpa como a dívida simbólica estão presentes no ato de ocultar facas. Cada vez que enfia uma pequena faca no buraco do muro, cada vez mais ele alimenta esta dívida para com seu pai. Esta dívida é o preço a ser pago pelo fato de um dia ter seguido os mesmos passos deste “pai-facão” e desejado o que ele deseja: sua mãe.

Deste modo, durante o ritual de ocultar facas, ele expressa tanto a identificação como também toda sua hostilidade inconsciente ao “pai-facão” pelo fato deste ter-lhe interdito a sua própria mãe. De outro lado, ao interditar o seu filho de seu objeto tão desejado, a mãe, este mesmo pai lhe concede as chaves que abrem as portas ao seu mundo simbólico. E após a dissolução do seu complexo de Édipo, a identificação com o pai torna-se fonte de intensa hostilidade inconsciente contra o mesmo, sendo que o sentimento de culpa tão marcante nos atos de ocultar facas não deixa de ser uma reação consciente contra essa hostilidade.

Uma característica marcante neste sintoma é a sobredeterminação, ou seja, o ritual de ocultar facas encontra-se sobredeterminado. Em cada ritual, em cada lugar que o paciente esconde uma faca, ele encontra formas substitutivas de prazer para os seus desejos recalcados. O ritual organiza-se em seqüências diferentes, nas quais cada uma possui uma coerência própria. Desta maneira, o ritual de ocultar facas na bacia da mãe parece representar o desejo incestuoso; o ritual de ocultar facas no buraco do sofá parece manifestar o desejo parricida e o ato de levar uma faca no bolso de trás da calça representa o desejo homossexual, de vir a ser penetrado sadicamente pelo pênis do pai (ou de outro homem).

E aproveitando o momento em que os desejos recalcados são destacados na sobredeterminação deste sintoma, é importante apontar que, segundo Freud, “no caso do tabu, a principal proibição, o núcleo da neurose, é contra o tocar e daí ser às vezes conhecida como

---

<sup>215</sup> CALLIGARIS, Contardo (1990). Dívida e culpa. In: *A Cura*. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Boletim ano 2, nº 5, 1991, p.20-21.

fobia do contato.”<sup>216</sup> Essa fobia do contato, esse medo do contato, do toque do próprio desejo que faz Cláudio se horrorizar frente aos seus pensamentos obsessivos, levando-o a ser um mero escravo de seus desejos recalçados. Nesta escravidão, a cegueira de seu sofrimento o aliena na busca de uma satisfação substitutiva de seus desejos: enfiando, diariamente, facas nos buracos e verificando-as várias vezes.

Esta cegueira sobre os seus desejos que o escraviza em suas queixas de seus rituais obsessivos. Como Édipo que “vaza os próprios olhos”<sup>217</sup> ao descobrir que havia desposado a mãe e matado o pai, o paciente deste estudo se cega em seu ritual diante de seu próprio desejo incestuoso e parricida.

Freud afirma que “[...] a lenda grega [de Édipo] capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo [...] e cada qual recua horrorizada diante da realização do sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual.”<sup>218</sup> O horror, o pavor, o desprazer pelos quais Cláudio relata o seu sofrimento indicam que ele também esteve presente nesta platéia, sendo que este horror o direciona na eterna busca de um prazer infantil nunca alcançado, reeditando o desejo incestuoso pela mãe e o parricida pelo pai em cada ritual.

Assim, ao se cegar por seus desejos, Cláudio torna-se escravo de seu próprio sintoma de ocultar facas. Se, de um lado, este ritual é a máscara que encobre os seus medos, de outro, este mesmo revela os seus desejos, expressando toda a singularidade do “Homem das Facas”.

E encerro estas considerações finais com um sábio dito de Freud sobre o cerimonial neurótico: “sob este aspecto, a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo, cômica e triste, de uma religião particular.”<sup>219</sup>

---

<sup>216</sup> FREUD, Sigmund (1913 b). Op. cit., p.45.

<sup>217</sup> ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel (1997). Op. cit., p.166.

<sup>218</sup> FREUD, Sigmund (1897 c). Carta de 15 de outubro de 1897. *ESB*, vol. I, 1996, p.316.

<sup>219</sup> Freud, Sigmund (1907). Op. cit., p.111.

### **Referência Bibliográfica.**

AULAGNIER, Piera (1975). *A Violência da Interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.



AULAGNIER, Piera (1979). *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

AULAGNIER, Piera (1984). *O Aprendiz de Historiador e o Mestre-Feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1989.

AULAGNIER, Piera (1986). *Um Intérprete em Busca de Sentido-I*. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.

BERLINCK, Manoel Tosta (2005). *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005.

BLEICHMAR, Silvia (1993). *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do mito a história*. Tradução de Kenia M. B. Behr. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CALLIGARIS, Contardo (1990). *A Cura*. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Boletim ano 2 , nº 5, 1991.

FENICHEL, Otto (1981). *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. Tradução Dr. Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.

FREUD, Sigmund (1894). *As Neuropsicoses de Defesa*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1895[1894]). *Obsessões e Fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*. ESB, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1950[1895]). Projeto para uma Psicologia Científica. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1896 a). Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesas. *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1896 b). Rascunho K. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996..

\_\_\_\_\_. (1896 c). Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa. *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1897). Carta 69. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1897). Carta 71. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1897 a). Carta 79. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1897 b). Carta de 2 de maio de 1897. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1897 c). Carta de 15 de outubro de 1897. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1897 d). Rascunho N. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1898). A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1900). A Interpretação dos Sonhos. *ESB*, vol. V, Rio de Janeiro: Imago,1996.

\_\_\_\_\_. (1905). Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. *ESB*, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1907). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908). Caráter e Erotismo Anal. *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908). Sobre as Teorias Sexuais das Crianças. *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908). Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna. *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1909 a). Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva. *ESB*, vol. X, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1909). Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. *ESB*, vol. X, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1911). Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1912). Contribuições a um Debate sobre a Masturbação. *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1913 a). A Disposição à Neurose Obsessiva – Uma Contribuição ao Problema da Neurose. *ESB*, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1913 b). Totem e Tabu. *ESB*, vol. XIII., Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1914). A História do Movimento Psicanalítico. *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1914 a). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915). Os Instintos e as suas Vicissitudes. *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915). Repressão. *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1917[1916-17] a). Conferência XVII – O Sentido do Sintoma. *ESB*, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1917[1916-17] b). Conferência XIX – Resistência e Repressão. *ESB*, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1917). As Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal. *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1918 [1914]). História de Uma Neurose Infantil. *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1919 [1918]). Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica. *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_. (1926[1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. *ESB*, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1930[1929]). O Mal-Estar na Civilização. *ESB*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1933[1932] a). Conferência XXXII - Ansiedade e Vida Instintual. *ESB*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1933[1932] b). Conferência XXXI - A Dissecção da Personalidade Psíquica. *ESB*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1933[1932] c). Conferência XXXIII - Feminilidade. *ESB*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1933[1932] d). Conferência XXXV – A Questão de uma *Weltanschauung*. *ESB*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1939[1934-38]). Moisés e o Monoteísmo. *ESB*, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1940[1938]). Esboço de Psicanálise. *ESB*, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

JONES, Ernst (1989). *A Vida e a Obra de Sigmund Freud. Vol. 2: A Maturidade(1901-1939)*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago,1989.

MAHONY, Patrick (1991). *Freud e o Homem dos Ratos*. Tradução Elisabeth Saporiti; Maria da Penha Cataldi. São Paulo: Escuta, 1991.

MEZAN, Renato (1998). *A Vingança da Esfinge: Ensaio de Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1988.

MASSON, Jeffrey M. (1986). *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para W. Fliess*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor,1998.

VINÃR, Marcelo N. (2002). *Psicoanalizar Hoy: Problemas de Articulación Teórica Clínica*. Montevideo: Trilce, 2002.

VIOLANTE, M. Lucia V. (2004). *Ensaio Freudiano em Torno da Psicosexualidade*. São Paulo: Via Leterra, 2004.

VIOLANTE, M. Lucia V. (2001). *Piera Aulagnier: Uma Contribuição Contemporânea à Obra de Freud*. São Paulo: Via Leterra Editora, 2001.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)